

Flora da Bahia: Iridaceae

Pâmela Novais de Oliveira^{1*}, Ana Maria Giulietti^{1,2,a} & Reyjane Patrícia de Oliveira^{1,b}

¹ Programa de Pós-Graduação em Botânica, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

² Instituto Tecnológico VALE de Desenvolvimento Sustentável, Belém, Pará, Brasil.

Resumo – É apresentado o tratamento taxonômico da família Iridaceae para o estado da Bahia, Brasil. São reconhecidas 24 espécies, distribuídas em sete gêneros: *Alophia* (*A. drummondii*), *Cipura* (2 espécies), *Eleutherine* (*E. bulbosa*), *Neomarica* (8), *Pseudiris* (*P. speciosa*), *Sisyrinchium* (4) e *Trimezia* (7). Sete espécies são endêmicas da Bahia. São apresentados chaves de identificação, descrições, comentários taxonômicos e ecológicos, ilustrações e mapas de distribuição das espécies no estado.

Palavras-chave adicionais: florística, Iridoideae, Nordeste do Brasil, taxonomia.

Abstract (Flora of Bahia: Iridaceae) – The taxonomic treatment of the Iridaceae from Bahia state, Brazil, is presented. Twenty-four species and seven genera are recognised: *Alophia* (*A. drummondii*), *Cipura* (2 species), *Eleutherine* (*E. bulbosa*), *Neomarica* (8), *Pseudiris* (*P. speciosa*), *Sisyrinchium* (4) and *Trimezia* (7). Seven species are endemic to Bahia. Identification keys, descriptions, taxonomic and ecological comments, illustrations and distribution maps of the species in Bahia are presented.

Additional key words: floristics, Iridoideae, Northeast Brazil, taxonomy.

IRIDACEAE

Ervas com caule subterrâneo em cormo, rizoma ou bulbo; cormos ou bulbos, se presentes, com catafilos fibrosos ou membranáceos, de cor castanha a vermelha ou púrpura. **Folhas** unifaciais, equitantes, dísticas ou espiraladas, cilíndricas ou planas, lineares a ensiformes, plicadas ou não, paralelinérvias, invaginantes na base.

Escapos cilíndricos ou achatados, áfilos ou portando uma a muitas brácteas foliáceas em sua extensão.

Inflorescências em ripídios ou espigas, terminais ou axilares, pedunculadas ou sésseis. **Flores** vistosas, efêmeras, trímeras, diclamídeas; tépalas livres ou conatas, petaloides, as externas e internas iguais ou bem diferenciadas entre si; estames 3, opostos às tépalas externas, filetes livres ou conatos, às vezes adnatos ao perianto; anteras lineares, oblongas ou sagitadas, rimosas ou raramente poricidas; ovário ínfero, geralmente trilocular, raro unilocular, pluriovulado, placentação axilar ou raramente parietal; estiletos 3, livres ou unidos, muitas vezes petaloides, estigmas inteiros a profundamente divididos, apicais ou laterais.

Frutos cápsulas loculicidas; sementes globosas a obovais, elípticas ou piramidais.

Iridaceae pertence à ordem Asparagales (APG IV 2016). Inclui 66 gêneros e cerca de 2030 espécies, com distribuição cosmopolita e centro de diversidade na África do Sul, seguido pela América do Sul (Goldblatt et al. 2008). No Brasil, são referidos 23 gêneros, sendo dois endêmicos, *Pseudotrimezia* R.C.Foster e *Pseudiris* Chukr & A.Gil, e 190 espécies, 106 endêmicas (Eggers

et al. 2016). Suas espécies se distribuem da Amazônia ao Rio Grande do Sul, sendo encontradas principalmente em áreas de floresta atlântica, cerrado, campos rupestres e nos campos do sul (Eggers 2008). Algumas espécies têm grande importância como plantas ornamentais, sendo no Brasil destacadas as espécies dos gêneros *Trimezia* Salisb. ex Herb. e *Neomarica* Sprague (Lorenzi & Sousa 1999).

Para a Bahia, foram reconhecidos sete gêneros e 24 espécies: *Alophia* (*A. drummondii*), *Cipura* (2 espécies), *Eleutherine* (*E. bulbosa*), *Neomarica* (8), *Pseudiris* (*P. speciosa*), *Sisyrinchium* (4) e *Trimezia* (7); sete delas são endêmicas do estado.

Chave para os gêneros (para representações das estruturas reprodutivas, veja as Figuras 1 e 2)

1. Caule subterrâneo tipo bulbo, coberto por catafilos membranáceos; folhas plicadas.
 2. Flores brancas, tépalas externas e internas subiguais; catafilos avermelhados ou purpúreos 3. *Eleutherine*
 - 2'. Flores amarelas, azuis ou roxas, tépalas externas e internas desiguais; catafilos castanhos.
 3. Tépalas internas patentes; anteras panduriformes, com conectivo amplo 1. *Alophia*
 - 3'. Tépalas internas eretas; anteras lineares, com conectivo delgado 2. *Cipura*
- 1'. Caule tipo cormo, coberto por catafilos fibrosos, ou rizoma conspicuo ou inconspicuo; folhas não plicadas.
 4. Tépalas externas e internas subiguais; estames alternos aos estiletos 6. *Sisyrinchium*
 - 4'. Tépalas externas e internas desiguais; estames opostos e adpressos aos estiletos.
 5. Rizoma; folhas equitantes; escapo achatado 4. *Neomarica*

*Autora para correspondência: pam_lhug@hotmail.com;

^aanagiulietti@hotmail.com; ^brpatricia@uefs.br

Editor responsável: Alessandro Rapini

Submetido: 31 maio 2016; aceito: 22 nov. 2016

Publicação eletrônica: 19 dez. 2016; versão final: 20 dez. 2016

- 5°. Cormo; folhas espiraladas; escapo cilíndrico ou elíptico.
6. Tépalas internas com estrias longitudinais; ramos do estilete com 2 cristas estigmáticas petaloides; anteras azuis 5. *Pseudiris*
- 6°. Tépalas internas com estrias transversais; ramos do estilete com (2)3 cristas estigmáticas cuspidadas ou truncadas; anteras amarelas, esverdeadas ou marrons 7. *Trimezia*

1. *Alophia* Herb.

Ervas com bulbo envolto por catafilos membranáceos, castanhos. **Folhas** espiraladas, planas ou cilíndricas, lineares ou linear-ensiformes, plicadas. **Escapo** simples ou pouco ramificado, portando 1–4 brácteas em sua extensão. **Ripídios** terminais, laxos, pedunculados; espátas membranáceas. **Flores** brancas ou roxas; tépalas desiguais, as externas maiores, obovais a oboval-elípticas, patentes, com estrias transversais na base, as internas menores, obovais a oboval-elípticas, patentes, com estrias transversais na região mediano-basal; filetes livres ou parcialmente unidos, filiformes, glabros, anteras panduriformes, alternas, adpressas aos estiletos, com conectivo amplo, tecas posicionadas lateralmente nos bordos do conectivo; ovário oval a oboval, glabro, estiletos unidos na região mediano-basal, livres no ápice, divergindo entre ou acima das anteras, ramos profundamente divididos em dois braços filiformes, reflexos, estigmas apicais, globosos. **Cápsulas** obovoides a cilíndricas, ápice truncado, glabras; sementes globosas a obovais.

Alophia compreende cinco espécies, distribuídas desde o sul dos Estados Unidos até a América do Sul, na Guiana e Brasil (Goldblatt & Manning 2008). No Brasil, está representado por duas espécies, *A. medusa* (Baker) Goldblatt em Goiás e *A. drummondii* na Região Nordeste (Eggers et al. 2016).

1.1. *Alophia drummondii* (Graham) R.C.Foster, Contr. Gray Herb. 155: 34. 1945.

Figuras 3, 4 e 23A, B.

Nomes populares: alho-brabo e alho-do-mato.

Ervas 12–75 cm alt.; bulbos 1,2–4 × 0,7–2,5 cm. **Folhas** 1–3 por planta, 20–51 × 0,2–1 cm, lineares a linear-ensiformes, membranáceas. **Escapo** 9–52 cm compr., simples ou ramificado, portando 1–3 brácteas lineares a linear-ensiformes, a primeira bráctea 9–48 × 0,3–1,4 cm, as demais 2,5–5,5 × 0,2–0,4 cm, separadas por entrenós de 0,8–7 cm compr. **Ripídios** 1–10, laxos; pedúnculo 1,5–9,5 cm compr.; espátas 1,5–6,5 × 0,4–1,4 cm. **Flores** roxas; tépalas externas obovais, 1–2,5 × 0,7–1,5 cm, ápice arredondado a truncado, região mediano-basal amarelada com estrias castanho-vináceas; tépalas internas 1–1,5 × 0,5–0,8 cm, involutas, ápice arredondado, região basal amarelada com estrias castanho-vináceas, região mediana

esbranquiçada com estrias roxas, podendo conter duas máculas amarelo-intensas na concavidade interna mediana; filetes roxos, 0,2–0,5 cm compr., unidos na base, anteras roxas, 0,4–0,8 cm compr.; ovário 4–5 cm compr., oval, estiletos roxos, 0,8–1 cm compr., unidos até ca. 0,6 cm compr., base cilíndrica, região mediana alargada, ramos divididos em dois braços filiformes, 0,1–0,3 cm compr. **Cápsulas** oblongas, 1,5–3 × 0,8–1,2 cm; sementes ca. 0,3 × 0,2 cm.

Apresenta distribuição disjunta entre as regiões áridas do sul dos Estados Unidos até o oeste do México e a América do Sul (Goldblatt & Manning 2008). No Brasil, ocorre nos estados de Alagoas, Ceará, Paraíba (Alves et al. 2011), Pernambuco (Eggers et al. 2016), sendo registrada pela primeira vez para o Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Bahia a partir deste estudo. **A8, B5, B7, B8, B9, C5, C8/9, D4, D5, D6, D8, D9, F3, F7, G4, G7:** caatinga e floresta estacional semidecidual. Encontrada com flores de dezembro a agosto e com frutos de março a abril. As flores se abrem às 6:00 horas da manhã e se fecham por volta das 11:00 horas.

Material selecionado – **Caririnha**, a 1 km do rio Carinhanha, 14°18'41"S, 43°48'32"W, 28 dez. 2007, *M.L. Guedes & F.S. Gomes 14066* (HUEFS); **Curaçá**, próximo à gruta, 09°19'29"S, 39°31'18"W, 13 mar. 2011, *E. Melo et al. 9416* (HUEFS); **Euclides da Cunha**, 20 mar. 2004, *M.L. Guedes et al. 10901* (ALCB); **Gentio do Ouro**, 11°07'S, 42°07'W, 23 fev. 1977, *R.M. Harley 18978A* (CEPEC, MBM, SPF, UEC); **Itapicuru**, 3 km de Itapicuru, BA-402 para Olindina, 1 abr. 1976, *G. Davidse & W.G. D'Arcy 11784* (SP); **Jaguarari**, Parque, 08°38'52"S, 39°23'13"W, 2 abr. 2009, *E. Melo et al. 6197* (HUEFS); **Juazeiro**, estrada para Sobradinho, 4 km antes da bifurcação para Junco, 09°31'54"S, 40°34'08"W, 7 jul. 2009, *J. Paula-Souza et al. 9924* (HVASF); **Maracás**, fazenda Tanquinho, 20 jan. 1981, *L.P. Queiroz & M.L. Guedes 70* (ALCB); **Morpará**, caminho para fazenda Ema, ca. 3 km, 11°33'S, 43°16'W, 22 jan. 2001, *M.L. Guedes & D. Paulo Filho 7815* (ALCB, CEPEC, HUEFS); **Morro do Chapéu**, fazenda São João Brejões, rio Salitre, 11°15'29"S, 41°05'42"W, 14 abr. 2007, *E. Melo et al. 4716* (HUEFS); **Paulo Afonso**, aldeia Serrota, 09°29'S, 38°05'W, 16 jun. 2006, *M. Colaço 174* (HUEFS); **Pilão Arcado**, "Lú Pequeno", ca. 55 km W de Pilão Arcado, na estrada para Brejo de Zacarias, 10°06'25"S, 42°51'32"W, 19 mar. 2006, *E.B. Souza et al. 1582* (HUEFS, HUESC); **Poções**, rodovia BR-116, trecho Poções-Jequié, a 34 km de Poções, 5 mar. 1978, *S.A. Mori et al. 9543* (CEPEC); **Remanso**, caminho para Pau Ferro, 09°38'44"S, 42°14'05"W, 27 fev. 2000, *G. Cavalcanti et al. 4* (ALCB, HUEFS, HUESC, SPF); **Riachão das Neves**, estrada para o aterro sanitário, 13°46'49"S, 44°54'39"W, 5 abr. 2005, *J.G. Carvalho-Sobrinho et al. 436* (HUEFS); **Santo Inácio**, entrada a ca. 1 km do entroncamento para Santo Inácio, estrada de chão em direção a uma queda d'água, 11°05'25"S, 42°42'31"W, 16 maio 2002, *T.S. Nunes et al. 966* (HUEFS); **Serrinha**, próximo à Torre da Embratel, povoado Barra do Vento, 11°51'79"S, 38°01'99"W, 5 ago. 2014, *P.N. Oliveira et al. 122* (HUEFS).

Material adicional – **BRASIL**. CEARÁ: Brejo Santo, Barragem do Reservatório Porcos, 07°35'22"S, 38°51'56"W, 17 abr. 2013, *F.F.S. Silva 791* (HUVASF). MARANHÃO: Barão do Grajaú, ca. 10 km da cidade na BR-230, 06°43'54"S, 43°05'08"W, 25 jan. 2012, *R.M. Harley et al. 56451* (HEUFS). PARAÍBA:

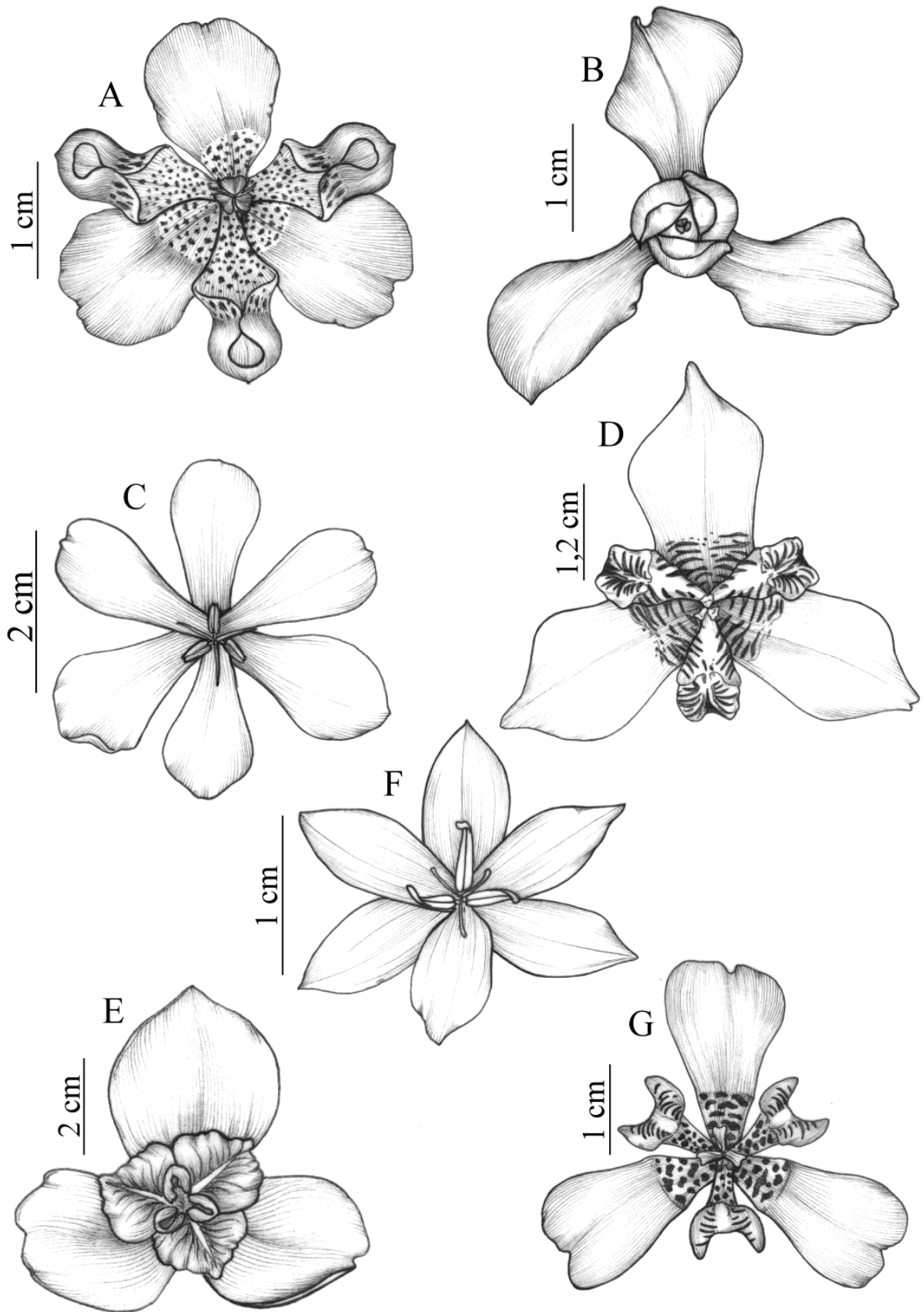


Figura 1. Flores de representantes dos gêneros de Iridaceae encontrados no estado da Bahia. **A-** *Alophia drummondii*; **B-** *Cipura paludosa*; **C-** *Eleutherine bulbosa*; **D-** *Neomarica portosecurensis*; **E-** *Pseudiris speciosa*; **F-** *Sisyrinchium vaginatum*; **G-** *Trimezia caulosa*. (A- Oliveira 122 HUEFS; B- Popovkin 614 HUEFS; C- Popovkin 1122 HUEFS; D- Gil 156 UEC; E - Cardoso 434 HUEFS; F- Oliveira 112 HUEFS; G- Oliveira 115 HUEFS).

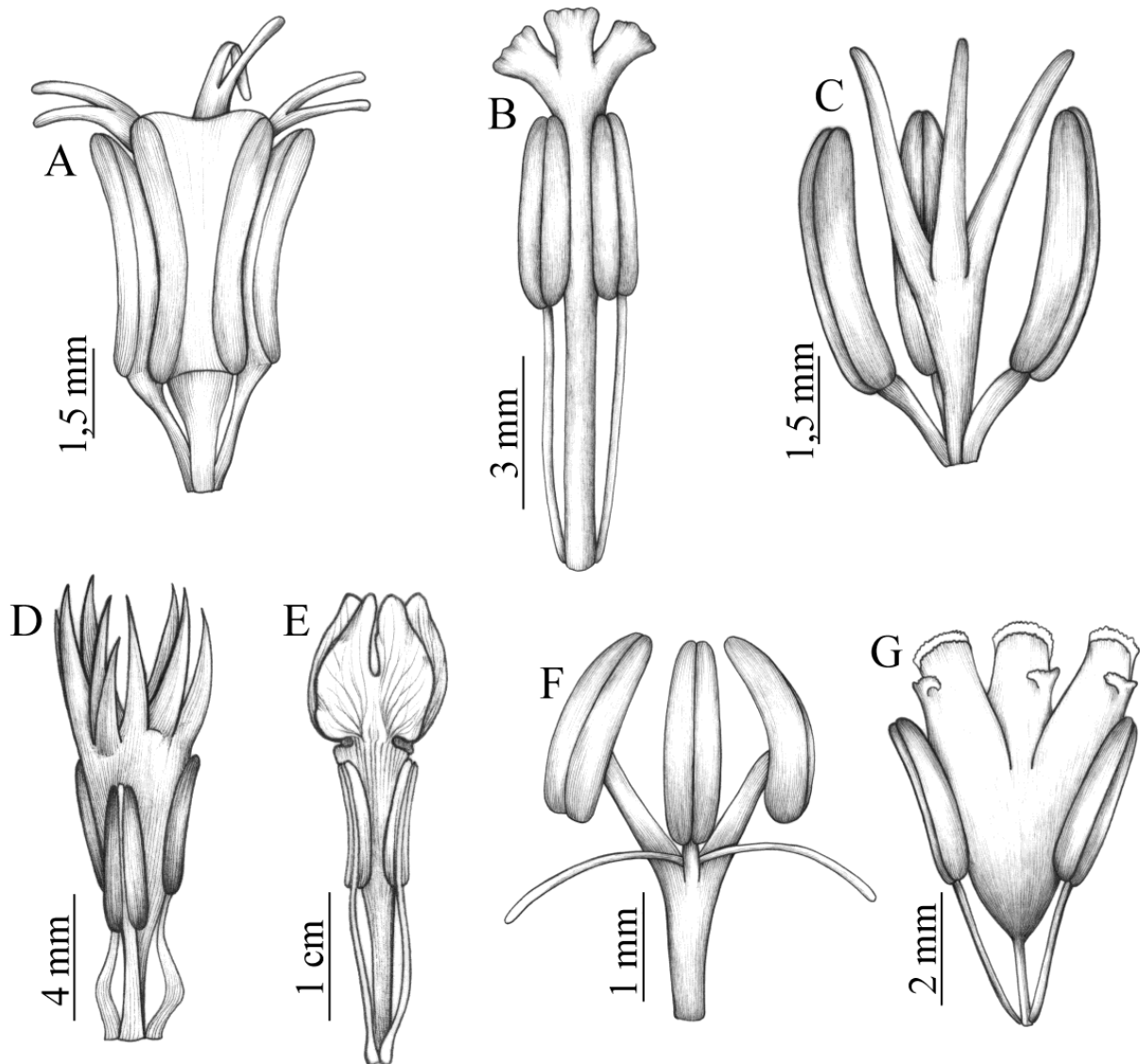


Figura 2. Estames e estilos de representantes dos gêneros de Iridaceae encontrados no estado da Bahia. **A-** *Alopchia drummondii*; **B-** *Cipura paludosa*; **C-** *Eleutherine bulbosa*; **D-** *Neomarica portosecurensis*; **E-** *Pseudiris speciosa*; **F-** *Sisyrinchium vaginatum*; **G-** *Trimezia caulosa*. (A- Oliveira 122 HUEFS; B- Popovkin 614 HUEFS; C- Popovkin 1122 HUEFS; D- Gil 156 UEC; E- Cardoso 434 HUEFS; F- Oliveira 112 HUEFS; G- Oliveira 115 HUEFS).

Monteiro, sítio Olho D'água do Silva, 07°52'30"S, 37°13'44"W, 9 jul. 2009, J.A. Siqueira-Filho et al. 2182 (HUVASF). PIAUÍ: Morro da Cruz Oeiras, 07°46'06"S, 41°54'32"W, 9 abr. 2010, C. Correia 539 (HUEFS). RIO GRANDE DO NORTE: Jucurutu, RPPN Stoessel de Britto, 4 jun. 2008, A.A. Roque 613 (HUEFS, UFRN); Serra Negra do Norte, Estação Ecológica do Seridó, Trilha Norte, 06°34'35"S, 37°15'08"W, 22 maio 2006, R.T. Queiroz 868 (HUEFS, UFRN).

Alopchia drummondii apresenta flores com anteras panduriformes, com amplo conectivo, posicionando as tecas lateralmente nas bordas da antera, e estilos com ramos profundamente divididos em dois braços filiformes, reflexos. No material selecionado neste trabalho, foi observada variação quanto ao porte dos indivíduos e tamanho das estruturas, incluindo bulbo, folhas, escapos, brácteas, flores e frutos. A espécie é, muitas vezes, equivocadamente identificada como

Calydorea gardneri Baker, possivelmente devido à semelhança da porção vegetativa entre os indivíduos de menor porte de *A. drummondii* e os de *C. gardneri*. Contudo, as duas espécies podem ser diferenciadas pela morfologia dos estames e estilos. *Calydorea gardneri* distingue-se de *A. drummondii* por apresentar anteras lineares, reflexas, e estilos unidos em quase todo o seu comprimento, com pequena porção apical dividida em três ramos lineares e indivisos (Goldblatt & Henrich 1991). *Alopchia drummondii* também é erroneamente identificada como *A. linearis* (Kunth) Klatt. Esta confusão decorre da indicação do material *Blanchet 2741* no Herbário K como tipo de *A. linearis*, informação mantida por Eggers et al. (2016) na Flora do Brasil. Contudo, uma análise acurada do material revelou que a exsicata é, na verdade, de *A. drummondii*. *Alopchia linearis*, tratada como *Larentia*

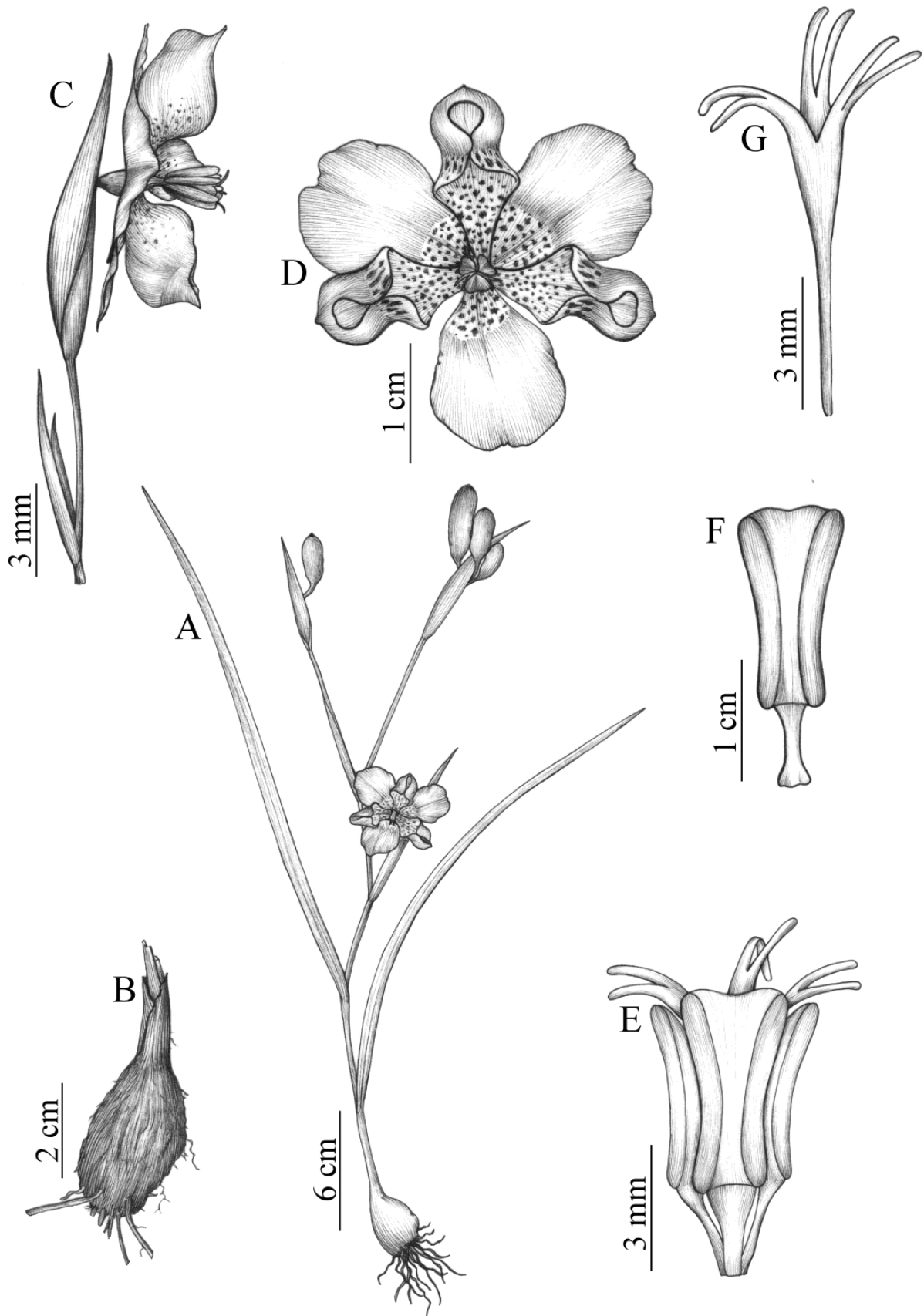


Figura 3. A–G. *Alophia drummondii*: A- hábito; B- bulbo; C- ripídio com flor, vista lateral; D- flor, vista frontal; E- estames e estiletes; F- estame; G- estilete. (A- Melo 4716 HUEFS; B–G- Oliveira 122 HUEFS).

linearis (Kunth) Klatt, ocorre em áreas de cerrado na Região Centro-Oeste (Eggers et al. 2016) e apresenta anteras sem conectivo visível, lineares, adpressas aos ramos do estilete apenas na porção apical das tecas (Goldblatt & Manning 2008).

2. *Cipura* Aubl.

Ervas com bulbo envolto por catafilos membranáceos, castanhos, entremeados por resina. **Folhas** espiraladas, planas, lineares a linear-ensiformes, plicadas. **Escapo** cilíndrico, portando uma bráctea terminal, lanceolada, plicada. **Ripídios** axilares, congestos, sésseis ou subsésseis; espatas membranáceas. **Flores** azuis, brancas ou amarelas; tépalas subiguais ou desiguais, as externas maiores, obovais a oblanceoladas, reflexas ou patentes, as internas oboval-oblongas, eretas, côncavas, revolutas ou involutas, escondendo total ou parcialmente os estames e estiletos; filetes livres, filiformes, glabros, anteras lineares, alternas ou opostas aos estiletos; ovário oblongo, glabro, estiletos unidos na região mediano-basal, livres no ápice, ramos truncados ou com 2–4 lacínios, região estigmática na face interna dos lacínios. **Cápsulas** oblongas a ovoides, truncadas; sementes globosas.

Cipura inclui oito espécies, distribuídas da América Central a América do Sul (Goldblatt et al. 2008). Na América do Sul, ocorre na Guiana Francesa, Guiana, Bolívia, Peru, Colômbia e Brasil, em ambientes úmidos ou em cerrados (Chukr & Capellari Jr. 2003). No Brasil, o gênero está representado por quatro espécies (Eggers et al. 2016), sendo duas representadas na Bahia.

Chave para as espécies

1. Flores azuis; tépalas internas escondendo totalmente os estames e estiletos; ramos dos estiletos truncados 2.1. *C. paludosa*
- 1'. Flores amarelas; tépalas internas escondendo parcialmente os estames e estiletos; ramos dos estiletos com quatro lacínios agudos 2.2. *C. xanthomelas*

2.1. *Cipura paludosa* Aubl., Hist. Pl. Guiane 1: 38; t. 13. 1775.

Figuras 5A–D, 6 e 23C–E.

Ervas 10–30 cm alt.; bulbos 1,2–2 × 0,8–1,7 cm. **Folhas** 1–4 por planta, 16–32 × 0,3–2 cm, linear-ensiformes, membranáceas. **Escapo** 4–13 cm compr., ápice portando uma bráctea foliácea, linear-ensiforme, de 10,5–39 × 0,3–0,6 cm. **Ripídios** 1–6, sésseis a curto-pedunculados; pedúnculos até 1 cm compr.; espatas 2,5–4,5 × 0,6–1 cm. **Flores** azuis; tépalas externas obovais, 1–3 × 0,5–1,5 cm, patentes ou eretas, ápice arredondado a cuneado, região basal com margem reflexa; tépalas internas oboval-elípticas, 0,6–1 × 0,4–0,6 cm, eretas, escondendo totalmente os estames e estiletos, ápice arredondado, revolutos, região

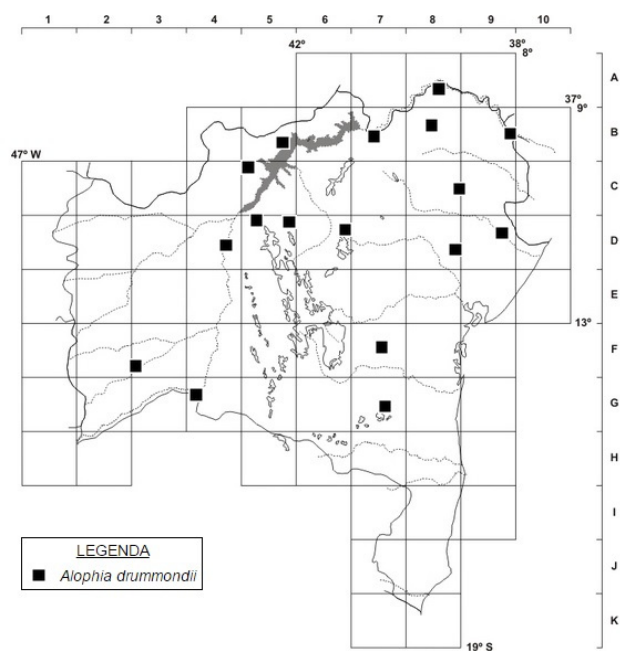


Figura 4. Mapa de distribuição de *Alophia drummondii* no estado da Bahia.

mediana com estria longitudinal amarela; filetes azuis, 0,25–0,5 cm compr., anteras brancas, ca. 0,3 cm compr.; ovário 0,8–1 × 0,1–0,2 cm, estiletos azuis, 0,7–1,3 cm compr., unidos até 0,4–0,9 cm compr., ramos truncados. **Cápsulas** elipsoides, 1,4–2,5 × 0,6–0,8 cm; sementes 0,13–0,15 × ca. 0,1 cm.

Amplamente distribuída na América tropical, desde o sul do México até o sudeste do Brasil (Goldblatt & Henrich 1987). No Brasil, está indicada para as Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste (Eggers et al. 2016). Na Bahia, ocorre principalmente na porção oeste do estado, em áreas de cerrado, com apenas uma coleta registrada na porção leste, no município de Entre Rios, em área de mata atlântica. **D2, D9/10, F3, G4:** cerrado, na porção oeste do estado, e mata atlântica, na porção leste; em altitudes entre 430 e 590 m. Floresce e frutifica de janeiro a outubro. As flores se abrem pela manhã e se fecham por volta das 14:00 horas.

Material selecionado – **Barreiras**, Cachoeira do Redondo no Rio de Janeiro, cerca de 20 km em estrada de terra depois da Cachoeira do Acaba Vidas, 11°52'53"S, 45°26'23"W, 14 jan. 2004, M. Machado & M.V.M. Oliveira 124 (HUEFS); **Correntina**, rio Corrente, 21 jan. 1997, G. Hatschbach et al. 66036 (MBM); **Entre Rios**, Pau de Umbigo, próximo à entrada da fazenda Coité, 11°52'S, 38°02'W, 8 out. 2014, P.N. Oliveira et al. 120 (HUEFS); **Formosa do Rio Preto**, Arroz de Baixo, ca. 11 km da cidade, fazenda do Sr. Júlio, 11°03'37"S, 45°16'19"W, 04 abr. 2000, R.P. Oliveira et al. 503 (CEPEC, HUEFS); **Malhada**, rodovia BR-030, próximo ao trevo para Iuiú, 30 out. 2004, G. Hatschbach & E. Barbosa 78782 (MBM).

Cipura paludosa é a espécie-tipo do gênero (Aublet 1775). É facilmente reconhecida pela presença de bulbo com catafilos entremeados por resina, folhas linear-ensiformes plicadas, escapo com uma longa bráctea terminal foliácea e inflorescência congesta,

com um a vários rípidios curto-pedunculados partindo da axila da bráctea. Geralmente ocorre em áreas alagadas, nas margens de lagos ou rios. Assemelha-se vegetativamente a *Cipura xanthomelas*, distinguindo-se principalmente pelas flores azuis (vs. flores amarelas), tépalas internas envolvendo completamente o gineceu e o androceu (vs. envolvendo parcialmente) e estiletos com ramos truncados (vs. com quatro lacínios agudos).

2.2. *Cipura xanthomelas* Maxim. ex Klatt., Abh. Naturf. Ges. Halle 15: 362. 1882.

Figuras 5E–H, 6 e 23F, G.

Nome popular: salsinha.

Ervas 15–70 cm alt.; bulbos 2,5–6 × 2–5 cm. **Folhas** 2–5 por planta, 4–70 × 0,5–2 cm, linear-ensiformes, membranáceas. **Escapo** 8–55 cm compr., ápice portando uma bráctea foliácea, linear-ensiforme, de 10,5–24,5 × 0,6–1,5 cm. **Rípidios** 2–8, sésseis a curto-pedunculados; pedúnculo até 0,5 cm compr.; espátas 2–6,2 × 0,8–1,3 cm. **Flores** amarelas; tépalas externas obovais a oblanceoladas, 1,5–3,6 × 0,3–1,4 cm, patentes ou eretas, ápice arredondado a cuneado, região mediano-basal com margem reflexa; tépalas internas obovais, 0,6–1,5 × 0,2–1 cm, eretas, revolutas, escondendo parcialmente os estames e estiletos, ápice arredondado, máculas castanhas a negras na concavidade interna; filetes amarelos, 0,3–0,6 cm compr., anteras amarelas, 0,55–0,7 cm compr.; ovário 0,5–1 × 0,1–0,3 cm, estiletos amarelos, 1,2–1,5 cm compr., unidos até 0,4–0,9 cm compr., ramos com quatro lacínios agudos, cristas estigmáticas triangulares, ápice agudo, as duas laterais 0,3–0,4 cm compr., as duas centrais ca. 0,1 mm compr. **Cápsulas** elipsoides a ovoides, 1,3–1,7 × 0,4–0,8 cm; sementes 0,13–0,15 × ca. 0,1 cm.

Cipura xanthomelas é endêmica do Brasil, citada para os estados da Bahia, Maranhão, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais (Eggers et al. 2016). **D1, E9, F1, F6, G5:** caatinga, campo rupestre e cerrado, entre 450–1700 de altitude. Floresce de janeiro a julho e frutifica de fevereiro a julho. As flores se abrem pela manhã e se fecham por volta das 14:00 horas.

Material selecionado – **Abaira**, Campo de Ouro Fino, 13°15'S, 41°54'W, 6 fev. 1992, *E.N. Lughadha et al. H51050* (CEPEC, HUEFS, MBM, SPF); **Caetitê**, 14 km de Caetitê em direção a Mamiaçu, estrada de terra à esquerda da principal, entre Araçá e Pau Ferro, 10 jan. 2008, *A.L. Côrtes et al. 62* (HUEFS); **Correntina**, fazenda Jatobá, 13°14'S, 46°04'W, 4 mar. 1991, *L.G. Viollati et al. 248a* (SPF); **Formosa do Rio Preto**, ca. 20 km da guarita da fazenda Estrondo, 11°33'28"S, 46°06'51"W, 2 fev. 2000, *M.R. Fonseca et al. 1263* (CEPEC, HUEFS); **Piatã**, caminho para Três Morros, 13°04'25"S, 41°47'51"W, 2 maio 2009, *M.L. Guedes et al. 15133* (ALCB); **Rio de Contas**, fazenda Vacaro, 13°07'03"S, 41°29'13"W, 28 fev. 2002, *A.M. Giulietti & R.M. Harley 2065* (HUEFS); **São Sebastião do Passé**, área da Estação Experimental Sósthene Miranda, Km 62 da BR-324, 16 jul. 1983 *J.L. Hage et al. 1738* (CEPEC).

O hábito de *Cipura xanthomelas* assemelha-se ao de *C. paludosa*. No entanto, a cor da flor registrada nas etiquetas de herbários ou uma observação cuidadosa dos estiletos é suficiente para separá-las, pois *C. xanthomelas* apresenta os estiletos com quatro lacínios agudos muito característicos.

3. *Eleutherine* Herb.

Ervas com bulbo envolto por catafilos membranáceos, vermelhos a púrpura. **Folhas** espiraladas, planas, lineares a lanceoladas, plicadas. **Escapo** cilíndrico, simples ou ramificado, portando uma bráctea terminal, lanceolada, plicada. **Rípidios** axilares, laxos, pedunculados; espátas membranáceas a coriáceas. **Flores** brancas; tépalas subiguais, obovais, patentes, glabras; filetes livres, filiformes, glabros, anteras lineares, alternas aos estiletos; ovário oblongo, glabro, estiletos livres entre si, inteiros, reflexos, indivisos, estigmas apicais, globosos. **Cápsulas** cilíndricas, glabras; sementes elípticas.

Eleutherine é representado por apenas duas espécies, distribuídas na América Central e na América do Sul (Goldblatt et al. 2008). No Brasil, ocorre somente *E. bulbosa* (Eggers et al. 2016).

3.1. *Eleutherine bulbosa* (Mill) Urb., Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 15: 305. 1918.

Figuras 5I–L, 6 e 23H, I.

Nome popular: ruibarbo.

Ervas 18–30 cm alt.; bulbos 1,5–4 × 1–2 cm. **Folhas** 1 ou 2 por planta, 9,5–17,5 × 6–7 cm, linear-ensiformes, membranáceas. **Escapo** 6–20 cm compr., ápice portando uma bráctea foliácea, linear-ensiforme, de 2,5–15 × 0,5–7 cm. **Rípidios** 3 ou 4, laxos; pedúnculo 1,3–4 cm compr.; espátas 1–1,5 × 0,4–0,8 cm. **Flores** com tépalas obovais a oblanceoladas, 1–2,2 × 0,5–1 cm, patentes, ápice arredondado, nervuras medianas evidentes, brancas a amarelas; filetes amarelos, 0,1–0,3 cm compr., anteras amarelas, ca. 0,4 cm compr.; ovário 0,2–0,3 × ca. 0,15 cm, estiletos amarelos, ca. 0,6 cm compr. **Cápsulas** não vistas.

Comum na região Neotropical, sendo associada ao cultivo humano para usos medicinais (Goldblatt & Manning 2008). No Brasil, é citada para os estados do Acre, Paraíba, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná (Eggers et al. 2016), sendo registrada pela primeira vez para a Bahia neste estudo. **D/E9, I8:** mata atlântica. Floresce de fevereiro a maio.

Material examinado – **Entre Rios**, Formoso, 12°01'S, 38°02'W, 30 maio 2012, *A.V. Popovkin & J.C. Mendes 1122* (HUEFS); **Santa Cruz Cabralia**, Estação Ecológica do Pau-Brasil, cerca de 16 km W de Porto Seguro, rodovia BR-367 Porto Seguro-Eunápolis, 16°23'S, 39°08'W, 22 fev. 1984, *F.S. Santos 284* (CEPEC).

Eleutherine bulbosa é facilmente reconhecida por apresentar bulbo envolto por catafilos vermelhos a purpúreos, sendo a única espécie de Iridaceae da Bahia a apresentar essa característica. Também apresenta as

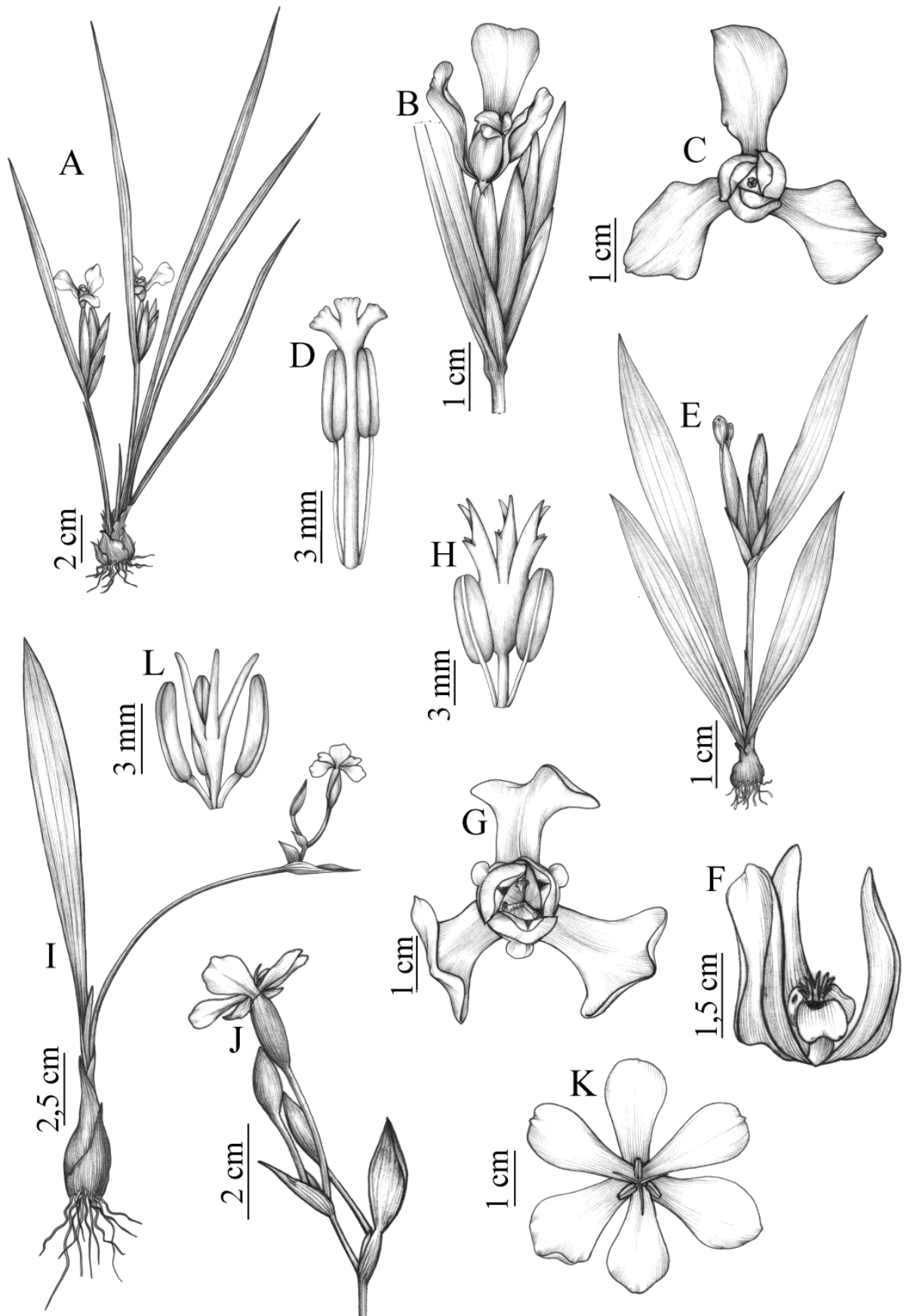


Figura 5. A–D. *Cipura paludosa*: A- hábito; B- inflorescência com flor, vista lateral; C- flor, vista frontal; D- estames e estiletes. E–H. *C. xanthomelas*: E- hábito; F- flor, vista lateral; G- flor, vista frontal; H- estames e estiletes. I–L. *Eleutherine bulbosa*: I- hábito; J- inflorescência; K- flor, vista frontal; L- estames e estiletes. (A, B- Oliveira 503 HUEFS; C, D- Popovkin 614 HUEFS; E- Lughadha H51050 CEPEC; F–H- Stannard H51774 HUEFS; I–L- Popovkin 1122 HUEFS).

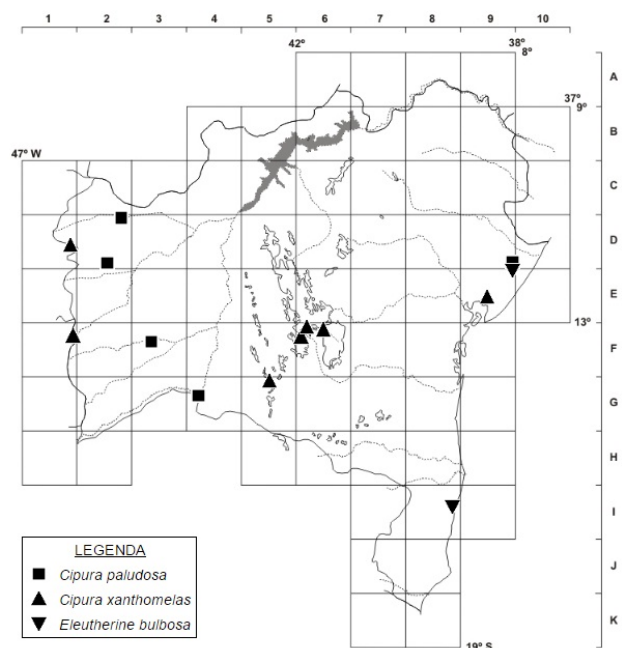


Figura 6. Mapa de distribuição de *Cipura paludosa*, *C. xanthomelas* e *Eleutherine bulbosa* no estado da Bahia.

folhas plicadas, uma única bráctea foliácea terminal no escapo, flores com tépalas subiguais, brancas, e estiletes cilíndricos, livres entre si.

4. *Neomarica* Sprague

Ervas com rizoma vertical ou horizontal. **Folhas** equitantes, planas, ensiformes a lanceoladas. **Escapo**

achatado, alado, terminando em uma bráctea foliácea, linear-ensiforme. **Ripídios** axilares, laxos ou congestos, sésseis ou pedunculados, protegidos ou não por uma segunda bráctea, pedunculada ou sésil; espatas coriáceas. **Flores** brancas, amarelas ou roxas; tépalas desiguais, as externas maiores, obovais a oboval-elípticas, patentes, deflexas ou eretas, com estrias transversais na região basal; tépalas internas oboval-elípticas a oboval-oblongas, panduriformes, eretas, com ápice revoluto, concavidade interna mediana densamente pilosa, estrias transversais na região mediano-basal ou em toda a sua extensão; filetes livres, filiformes, de base dilatada, glabros, anteras lineares, opostas, adpressas aos estiletes; ovário oblongo, glabro, estiletes unidos na região mediano-basal, livres no ápice, ramos cuspidados, bífidos, trífidos ou multífidos, duas zonas estigmáticas transversais basais nas cristas. **Cápsulas** oboval-oblongas a cilíndricas, ápice truncado; sementes elípticas a ovais.

Neomarica compreende 24 espécies, que se distribuem no Brasil, do Piauí ao Rio Grande do Sul, com uma única espécie também nativa na Argentina, Paraguai e Uruguai (Gil et al. 2014). No Brasil, o maior centro de diversidade do gênero encontra-se na porção leste, particularmente na Região Sudeste e no sul da Bahia, onde estão amplamente distribuídas ao longo da costa brasileira, com algumas espécies em matas interioranas (Capellari Jr. 2000; Gil 2012). Na Bahia, ocorrem oito espécies, em subosques da mata atlântica, sendo cinco endêmicas.

Chave para as espécies

1. Folhas 0,5–1 cm larg.; tépalas internas com mácula apical castanha, triangular 4.2. *N. castaneomaculata*
- 1'. Folhas 2–6,5 cm larg.; tépalas internas sem mácula apical.
 2. Pedúnculo da segunda bráctea 1,5 a 5,5 cm compr.; inflorescência laxa.
 3. Ervas de 0,8–2 m alt.; segunda bráctea 8–15 cm compr.; frutos 6–8 cm compr. 4.7. *N. sabinei*
 - 3'. Ervas de 0,2–0,8 m alt.; segunda bráctea 2–6,5 cm compr.; fruto ca. 4 cm compr.
 4. Rizoma horizontal, totalmente subterrâneo; pedúnculo dos ripídios 5–6 cm compr.; estiletes brancos, ca. 2 cm compr.; anteras amarelas, 0,6–0,9 cm compr. 4.3. *N. eburnea*
 - 4'. Rizoma vertical, com parte aérea longa; pedúnculo dos ripídios 1,5–3 cm compr.; estiletes roxos, 0,6–0,8 cm compr.; anteras brancas, 0,2–0,25 cm compr. 4.4. *N. floscella*
 - 2'. Pedúnculo da segunda bráctea até 0,5 cm compr.; inflorescência congesta.
 5. Ripídio 1, inserido na segunda bráctea; tépalas externas eretas e côncavas, conferindo à flor um aspecto globoso; tépalas internas com margem involuta; estiletes 1–1,2 cm compr. 4.8. *N. involuta*
 - 5'. Ripídios 1–6 (quando 1, nunca inserido na segunda bráctea); tépalas externas patentes (flor sem aspecto globoso); tépalas internas com margem não involuta; estiletes 1,5–2 cm compr.
 6. Primeira bráctea 57–82 cm compr.; segunda bráctea com projeção alada conspicua, 11–14,3 cm compr.; flores bicromáticas (em tons de amarelo e castanho); tépalas externas com estrias castanhas longitudinais sinuosas na região mediana 4.1. *N. brachypus*
 - 6'. Primeira bráctea 17–50 cm compr.; segunda bráctea com projeção alada inconspicua, 3–10 cm compr.; flores multicoloridas (em tons de amarelo, branco, castanho, azul e roxo); tépalas externas sem listras longitudinais na região mediana.
 7. Ripídios 1–6; tépalas externas com região mediano-apical incurvada (subereta); tépalas internas com região mediano-apical tomentosa; estiletes com cristas de ápice longo-acuminado 4.8. *N. unca*
 - 7'. Ripídios 1 ou 2; tépalas externas com região mediano-apical patente ou recurvada; tépalas internas com região mediano-apical glabra; estiletes com cristas de ápice agudo .. 4.6. *N. portosecurensis*

4.1. *Neomarica brachypus* (Baker) Sprague, Bull. Misc. Inform. Kew: 280. 1928.

Figuras 7A–D, 8 e 24A, B.

Ervas 0,5–0,9 m alt.; rizoma vertical subterrâneo, raramente com pequena porção aérea, 1,5–2 cm diâm. **Folhas** 5–7 por planta, 50–90 × 4–6 cm, largo-ensiformes. **Escapo** 8–20 × 1–1,5 cm, mais curto que as folhas, deixando as flores comprimidas próximo à base da planta; primeira bráctea mais larga que o escapo, 57–82 × 4,5–5 cm, lanceolada. **Ripídios** 1–3, congestos; pedúnculo 0,7–1,5 cm; segunda bráctea 11–14,3 × 1–2,5 cm, ereta, folhosa, com projeção alada conspicua, séssil; espátas 3,5–5,5 × 1–2 cm. **Flores** amarelas; tépalas externas elípticas a obovais, 4–4,5 × 1,5–2 cm, patentes, ápice arredondado a acuminado, estrias transversais castanhas na base, estrias longitudinais sinuosas castanhas na região mediana; tépalas internas oboval-oblongas, 1,5–2 × 1–1,5 cm, ápice arredondado, região mediano-basal com estrias castanhas e tricomas capitados, duas máculas amarelo-intensas na concavidade interna; filetes amarelos, ca. 0,7 cm compr., anteras amarelas, ca. 0,7 cm compr.; ovário ca. 1,5 cm compr., estiletes amarelos, 1,8–2 cm compr., unidos até ca. 1,4 cm compr., ramos trifidos, cristas longo-trianguulares, ápice agudo, as laterais ca. 0,4 cm, a central ca. 0,2 cm. **Cápsulas** não vistas.

Endêmica do sul da Bahia (Gil 2012). **G8, H8, K8**: subosque de mata higrófila, em altitudes entre 450 e 900 m. Floresce de outubro a julho.

Material selecionado – **Almadina**, rodovia Almadina-Ibituã, entrada ca. 5 km da sede do município, fazenda Cruzeiro do Sul, Serra de Sete-paus, ca. 8 km da entrada 14°44'06"S, 39°41'46"W, 15–16 jan. 1998, *J.G. Jardim et al. 1241* (CEPEC, RB); **Arataca**, rodovia Arataca-Una, Serra do Peito de Moça, RPPN Palmeira/IESB, 15°10'27"S, 39°20'22"W, 17 dez. 2005, *J.G. Jardim et al. 4827* (CEPEC); **Barro Preto**, Serra da Pedra Lascada, 13,7 km de Barro Preto, na estrada que passa pela fazenda São Miguel, 14°46'13"S, 39°12'10"W, 23 jan. 2004, *P. Fiaschi et al. 1912* (CEPEC); **Jussari**, RPPN Serra Teimoso, fazenda Teimoso, 1,7 km da entrada, 15°09'16"S, 39°31'52"W, 13 fev. 2004, *A.M. Amorim et al. 4479* (CEPEC); **Mucuri**, assentamento Paulo Freire, 2 km antes da sede do assentamento, 18°04'24"S, 39°40'24"W, 4 out. 2000, *L.A. Mattos-Silva et al. 4139* (ALCB, CEPEC, HUEFS, HUESC).

Neomarica brachypus caracteriza-se pelas folhas largo-ensiformes e pela inflorescência congesta, com flores situadas próximo à base da planta, segunda bráctea folhosa e com projeção alada conspicua, e 1 a 3 ripídios congestos. As flores bicromáticas em tons de amarelo e castanho diferenciam-na de todas as outras espécies de *Neomarica* (Gil 2012). Vegetativamente, assemelha-se a *N. portosecurensis* e *N. unca*, devido às folhas largas, ultrapassando o escapo em comprimento, e pelos ripídios congestos. No entanto, a presença da segunda bráctea bem desenvolvida, com projeção alada conspicua, facilita sua distinção.

4.2. *Neomarica castaneomaculata* A.Gil & M.C.E.Amaral, Phytotaxa 286(2): 90. 2016.

Figuras 7E–I, 8, 24C, D.

Ervas 0,5–0,7 cm alt.; rizoma vertical subterrâneo, recurvado, 0,5–0,8 cm diâm. **Folhas** 5–8 por planta, 36–45 × 0,5–1 cm, ensiformes. **Escapo** 38–50 × 0,3–0,5 cm, ultrapassando as folhas em comprimento, projeção da nervura conspicua; primeira bráctea de largura igual ou maior que o escapo, 6,5–16 × 0,4–1 cm, lanceolada. **Ripídios** 1 ou 2, laxos; pedúnculo 2–2,5 cm; segunda bráctea 2,4–3 × 0,4–0,6 cm, ereta ou patente, navicular, com projeção alada inconspicua e pedúnculo de 2–4 cm compr.; espátas 3–3,2 × 0,5–0,8 cm. **Flores** brancas; tépalas externas elípticas, 2–2,5 × 0,8–1 cm, patentes, ápice arredondado, base amarelada com estrias castanhas; tépalas internas oboval-oblongas, 1,5–1,8 × ca. 0,5 cm, ápice arredondado, região mediano-apical com margens amareladas e estrias castanhas, ápice com grande mácula castanha, triangular; filetes castanhos, ca. 0,4 cm compr., anteras verdes, ca. 0,4 cm compr.; ovário ca. 0,6 cm compr., estiletes amarelos, ca. 1,2 cm compr., unidos até ca. 0,8 cm compr., ramos trifidos, cristas longo-trianguulares, ápice agudo, as laterais ca. 0,3 cm, a central ca. 0,2 cm. **Cápsulas** não vistas.

Ocorre nos estados da Bahia e Espírito Santo, em vales e encostas de mata atlântica ombrófila, sempre relacionada a margens de cursos d'água (Oliveira et al. 2016). **E8**: mata ciliar. Floresce em maio.

Material examinado – **Elísio Medrado**, Gambá, topo do afloramento, Morro dos Lírios, 12°52'S, 39°28'W, 19 maio 2003, *C. van den Berg 949* (parátipo HUEFS).

Material adicional – **BRASIL**. ESPÍRITO SANTO: Santa Tereza, Estação Biológica de Caixa D'água, 4 fev. 1986, *B. Fernandes 1840* (isótipo ESA); estrada Santa Tereza-Alto do Santo Antônio, 22 abr. 1983, *C. Farney et al. 299* (parátipo RB).

Neomarica castaneomaculata diferencia-se das demais espécies do gênero pelas flores com uma mácula castanha de aspecto triangular no ápice das tépalas internas. É facilmente reconhecida pelas folhas estreitas, com 0,5–1 cm de largura, escapo ultrapassando as folhas em comprimento, inflorescência laxa, tépalas externas com região mediano-apical branca e ausência de máculas amarelo-intensas na base do terço superior das tépalas internas.

4.3. *Neomarica eburnea* A.Gil & M.C.E.Amaral, Phytotaxa 164(1): 48. 2014.

Figuras 8 e 24E, F.

Ervas 0,4–0,8 m alt.; rizoma horizontal subterrâneo, geralmente recurvado, 1,5–2 cm diâm. **Folhas** 4–6 por planta, 40–72 × 2–4 cm, ensiformes. **Escapo** 47,5–80 × 1–1,8 cm, ultrapassando as folhas em comprimento, com projeção da nervura conspicua; primeira bráctea com a mesma largura do escapo, 2,5–23 × 1–2,5 cm, navicular. **Ripídios** 1–4, laxos; pedúnculo 5–6 cm; segunda bráctea 2,7–6,5 × 0,6–2 cm, ereta ou patente, navicular, com projeção alada pequena a média e pedúnculo de 3,8–5,5 cm compr.; espátas 4–6 × 1–1,6 cm. **Flores** creme (cor de marfim); tépalas externas elípticas, 4–4,6 × 2–2,6 cm, patentes ou reflexas, ápice acuminado, base amarelada com estrias

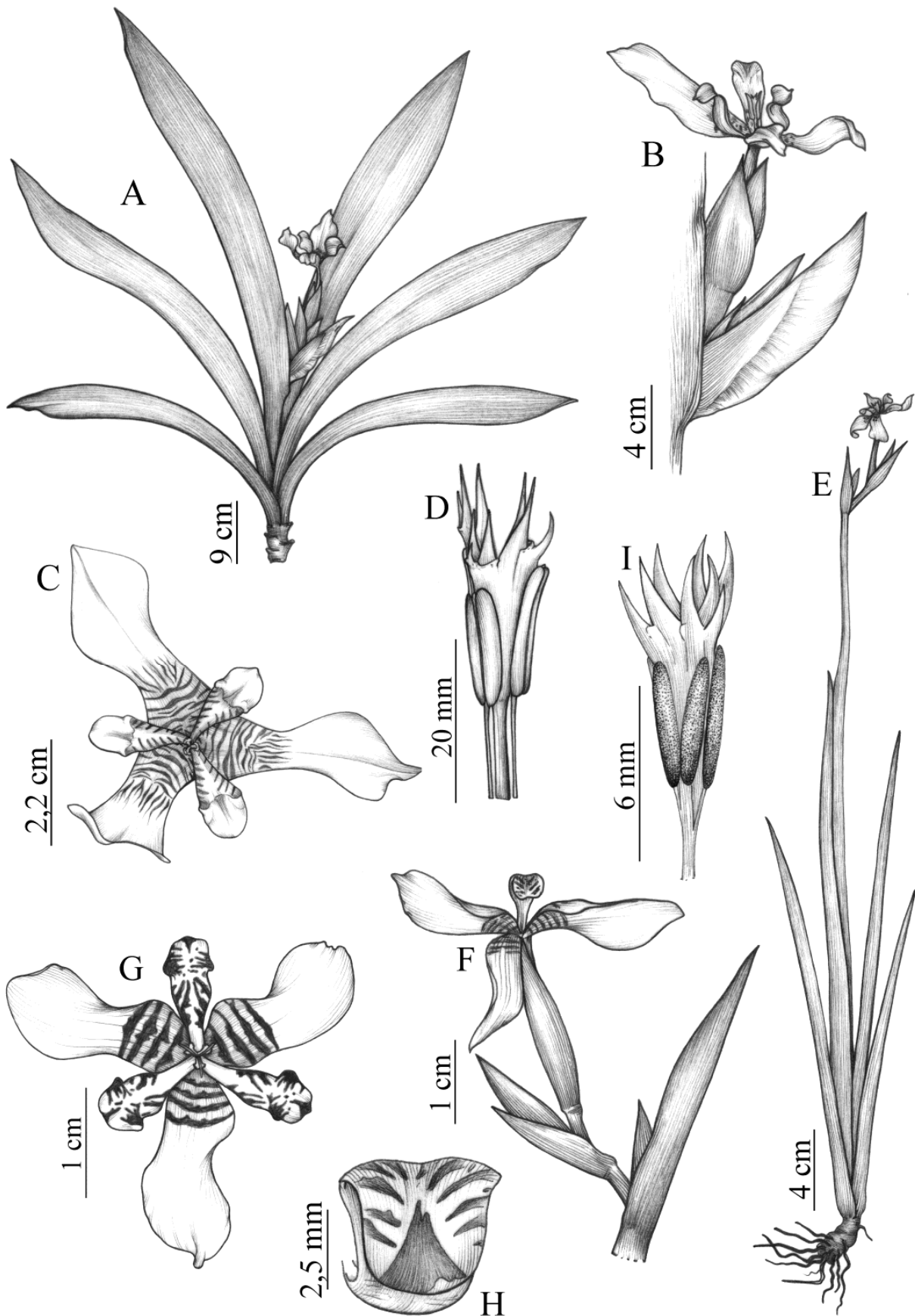


Figura 7. A–D. *Neomarica brachypus*: A- hábito; B- inflorescência; C- flor, vista frontal; D- estames e estiletes. E–I. *Neomarica castaneomaculata*: E- hábito; F- inflorescência; G- flor, vista frontal; H- tépala interna com grande mácula triangular no ápice; I- estames e estiletes. (A- Amorim 4479 CEPEC; B–D- Jardim 4488 CEPEC; E, F- van den Berg 949 HUEFS; G, I- Gil 148 UEC; H- Gil 168 UEC).

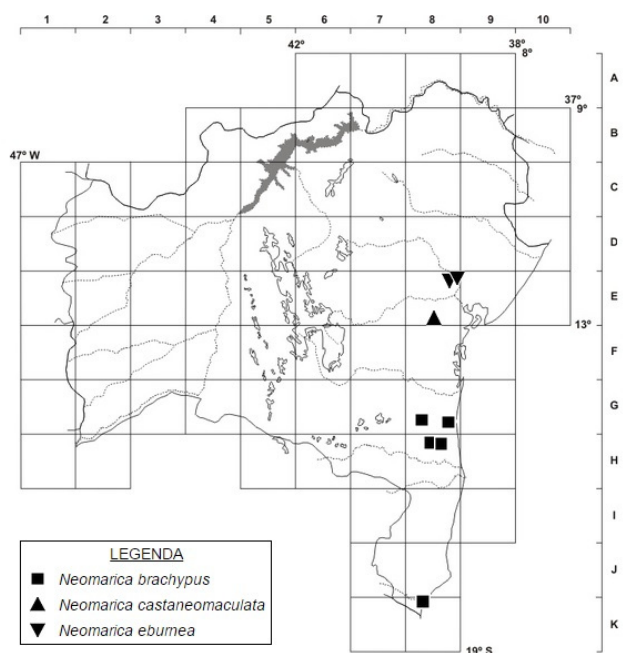


Figura 8. Mapa de distribuição de *Neomarica brachypus*, *N. castaneomaculata* e *N. eburnea* no estado da Bahia.

castanhas; tépalas internas oboval-oblongas, 2,8–3,2 × 1,1–1,2 cm, ápice arredondado, região mediano-apical com estrias roxas, margem branca, duas máculas amarelo-intensas na concavidade interna, região basal com estrias castanhas; filetes amarelos, 0,4–0,5 cm compr, anteras amarelas, 0,6–0,9 cm compr; ovário ca. 1,4 cm compr., estiletos brancos, ca. 2 cm compr, unidos até ca. 1,2 cm compr., ramos trifidos, cristas longo-triangulares, ápice acuminado, as laterais ca. 0,6 cm, a central ca. 0,3 cm. **Cápsulas** oboval-oblongas, ca. 4 × 1,6 cm.

Endêmica da Bahia (Gil et al. 2014). **E8:** subosque de remanescentes de floresta estacional seca, em altitudes entre 380 e 460 m. Floresce de outubro a fevereiro. As flores se abrem e murcham no período da manhã, diferentemente das outras espécies de *Neomarica*, cujas flores murcham à tarde (Gil et al. 2014).

Material selecionado – **Anguera**, morro da fazenda Retiro, 12°10'01"S, 39°11'16"W, 21 nov. 2006, *D. Cardoso & F. França 1426* (parátipo HUEFS); **Feira de Santana**, Distrito de Maria Quitéria, Pé de Serra, Serra de São José, 12°06'56"S, 39°02'56"W, 1 mar. 2005, *A. Gil et al. 161* (holótipo UEC).

Neomarica eburnea caracteriza-se pelo escapo ultrapassando as folhas em comprimento, com projeção da nervura conspícua, inflorescência laxa, ripídios com pedúnculos de 5–6 cm de comprimento e segunda bráctea navicular, com pedúnculos conspícuos de 3,8–5,5 cm de comprimento. Pela morfologia floral, assemelha-se a *N. portosecurensis*, por apresentar flores predominantemente creme e cristas longo-triangulares. No entanto, difere prontamente por apresentar a segunda bráctea conspícuamente pedunculada (vs. séssil a subséssil) e ripídios laxos (vs. congestos).

4.4. *Neomarica floscella* A.Gil & M.C.E.Amaral, Phytotaxa 164(1): 51. 2014.

Figuras 10 e 25A, B.

Ervas 0,2–0,7 m alt.; rizomas verticais, ca. 1–5 cm acima do solo, 0,7–2 cm diâm. **Folhas** 6–9 por planta, 20–70 × 1,5–3 cm, ensiformes. **Escapo** 25–60 × 1–2 cm, geralmente com o mesmo comprimento das folhas, projeção da nervura conspícua; primeira bráctea com a mesma largura do escapo, 7–22 × 1–2 cm, lanceolada. **Ripídios** 3–5, laxos; pedúnculo 1,5–3 cm; segunda bráctea 2–5,7 × 0,5–0,8 cm, ereta ou patente, navicular, com projeção alada conspícua e pedúnculo de 1,5–3 cm compr.; espatas 2,5–3,5 × 0,4–0,6 cm. **Flores** brancas; tépalas externas elípticas a obovais, 2–2,1 × 0,9–1,1 cm, patentes ou reflexas, ápice obtuso a acuminado, base pilosa, amarelada com estrias castanhas; tépalas internas oboval-oblongas, 1,2–1,3 × 0,3–0,4 cm, ápice arredondado, pilosas em toda a extensão, região basal amarelada com estrias castanhas, região mediano-apical com estrias roxas ou azuis, duas máculas amarelo-intensas na concavidade interna; filetes castanhos a amarelos, 0,2–0,25 cm compr, anteras amarelas, 0,2–0,25 cm compr.; ovário 0,6–0,7 cm compr., estiletos 0,6–0,8 cm compr., roxoclaros, unidos até ca. 0,4–0,6 cm compr., ramos trifidos, cristas longo-triangulares, ápice agudo, as laterais e central de mesmo tamanho, ca. 1 mm. **Cápsulas** cilíndricas, ca. 4 × 1 cm.

Endêmica do sul da Bahia (Gil et al. 2014). **G8/9:** em subosque de mata higrófila. Floresce e frutifica o ano todo.

Material selecionado – **Itacaré**, APA de Itacaré/Serra Grande, assentamento rural Camboinha, Km 12 da rodovia Itacaré-Serra Grande, 14 fev. 2014, *P.N. Oliveira et al. 116* (HUEFS); **Uruçuca**, Distrito de Serra Grande, 7,3 km na estrada Serra Grande-Itacaré, cerca de 7 km da entrada para Serra Grande-Itacaré, 14°25'46"S, 39°03'12"W, 1 fev. 2006, *A. Gil et al. 180* (holótipo UEC).

Neomarica floscella possui rizoma vertical com parte aérea longa, escapo geralmente com o mesmo comprimento das folhas, com projeção da nervura conspícua, inflorescência laxa, com três a cinco ripídios e pedúnculos de 1,5–3 cm de comprimento. Apresenta a menor flor dentre as espécies de *Neomarica* da Bahia, com 3–4 cm de diâmetro, sendo predominantemente branca.

4.5. *Neomarica involuta* A.Gil & M.C.E.Amaral, Phytotaxa 286(2): 93. 2016.

Figuras 9A–D, 10 e 25C, D.

Ervas 0,2–0,4 m alt.; rizoma vertical ou horizontal subterrâneo, com extensão acima do solo, 0,7–1 cm diâm. **Folhas** 4–6 por planta, inseridas ao longo de um caule herbáceo aéreo, 24–40 × 2,5–3,5 cm, largo-a estreito-ensiformes. **Escapo** 10–17 × 1–2 cm, mais curto que as folhas, projeção da nervura conspícua; primeira bráctea com o dobro da largura do escapo, 12–35 × 2–4 cm, lanceolada. **Ripídio** 1, séssil, inserido na segunda bráctea; segunda bráctea 2–8 × 0,4–1 cm, ereta, sem ou com pequena projeção alada, séssil ou

pedúnculo até 0,5 cm compr.; espátas 3–3,5 × ca. 0,5 cm. **Flores** amarelas; tépalas externas elípticas a obovais, 5–6 × 2–4 cm, eretas, côncavas, ápice obtuso, região basal com estrias castanhas e margem revoluta; tépalas internas oboval-oblongas, 3,5–4 × 1,5–2 cm, ápice arredondado, região apical branca, com margem roxa, conspicuamente involuta, conferindo aspecto tubular, duas máculas amarelo-intensas na concavidade interna, base com estrias castanhas; filetes amarelos, ca. 0,2 cm compr., anteras amarelas, ca. 0,6 cm compr.; ovário ca. 0,9 mm compr., estiletos amarelos, 1–1,2 cm compr., unidos até ca. 0,6 cm compr., ramos trifídeos, cristas longo-triangulares, ápice agudo, as laterais ca. 0,4 cm, a central ca. 0,2 cm. **Cápsulas** cilíndricas, 2,4–4 × 1–1,5 cm.

Ocorre nos estados da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, em interior de floresta atlântica (Oliveira et al. 2016). **H8**: floresta ombrófila densa montana, em altitudes entre 835 e 1000 m. Floresce e frutifica de maio a dezembro.

Material selecionado – **Camacã**, RPPN Serra Bonita, acesso pela rodovia Jacareci, ca. 10,6 km de Camacã, 15°22'52"S, 39°34'11"W, 27 jul. 2005, *A.M. Amorim et al. 4164* (parátipo CEPEC).

Material adicional – **BRASIL**. ESPÍRITO SANTO: Santa Maria de Jetibá, terreno do Berger, 4 mar. 2006, *L. Kollmann & M.S.V. Berger 8738* (isótipo UEC).

Neomarica involuta é facilmente reconhecida pelas folhas inseridas ao longo de um caule aéreo herbáceo e pelo ripídio único, séssil, inserido na segunda bráctea. Diferencia-se das demais espécies do gênero pelas flores amarelas, com tépalas eretas e côncavas, conferindo um aspecto globoso à flor. É a única espécie de Trimezieae com ápice das tépalas internas de margem involuta, em forma de tubo.

4.6. *Neomarica portosecurensis* (Ravenna) Chukr, Novon 11(4): 379. 2001.

Figuras 9E–H, 10 e 25E, F.

Ervas 0,5–0,85 m alt.; rizomas verticais subterrâneos, por vezes com porção aérea, 1–2 cm diâm. **Folhas** 4–6 por planta, 45–63 × 2–4 cm, largo-a estreito-ensiformes. **Escapo** 10–37 × 1–2,5 cm, mais curto que as folhas; primeira bráctea com cerca do dobro da largura do escapo, 17–38 × 2–5 cm, lanceolada. **Ripídios** 1 ou 2, congestos; pedúnculo até 1 cm; segunda bráctea 3–8 × 0,7–1,5 cm, ereta, com projeção alada média, séssil a curto-pedunculada; espátas 4–5 × 1–1,5 cm. **Flores** creme; tépalas externas elípticas, 2,5–3 × 1–1,5 cm, patentes, ápice cuspidado, base amarelada com estrias transversais castanhas, margens amareladas; tépalas internas oboval-oblongas, 1–1,5 × 0,5–1 cm, ápice obtuso, glabro, região mediano-basal com estrias castanhas, glabras, duas máculas amarelo-intensas na concavidade interna, estrias azuis a roxas no ápice; filetes amarelos, 0,4–0,5 cm compr., anteras brancas, 0,4–0,5 cm compr.; ovário 0,8–1 cm compr., estiletos ca. 1,5 cm compr., brancos com região basal amarelada, unidos até ca. 1 cm

compr., ramos trifídeos, cristas longo-triangulares, ápice agudo, as laterais ca. 0,5 cm, a central ca. 0,3 cm. **Cápsulas** oboval-oblongas, 5–7 × 1–2 cm.

Endêmica da Bahia (Chukr & Giulietti 2001; Gil 2012), ocorrendo principalmente no sul do estado. **E8, E9/10, G8, I8, J8**: interior de floresta ombrófila antropizada, em floresta de tabuleiro, com altitudes entre 50 e 170 m. Floresce de agosto a fevereiro e frutifica de setembro a março.

Material selecionado – **Esplanada**, Algodão, 12°10'S, 37°58'W, 2 out. 2013, *A.V. Popovkin & J.C. Mendes 1551* (HUEFS); **Eunápolis**, saída de Eunápolis a Itamaraju, BR-101, 40 km de Itamaraju, 16 set. 1968, *J. Almeida & T.S. Santos 34* (CEPEC, RB); **Ilhéus**, rodovia Ilhéus-Itacaré, BA-001, na altura do Km 20, estrada à esquerda, para a Lagoa Encantada, 14°35'10"S, 39°07'02"W, 13 fev. 2014, *P.N. Oliveira et al. 114* (HUEFS); **Porto Seguro**, RPPN Estação Veracel, 16°30'S, 39°15'W, 27 ago. 2012, *G.M. Carvalho et al. 401* (CEPEC); **Prado**, Parque Nacional do Descobrimento, entrada à esquerda no Km 8 da estrada principal que atravessa o Parque, 17°11'S, 39°20'W, 3 nov. 2011, *L. Daneu et al. 217* (CEPEC); **Santa Cruz Cabrália**, Reserva Biológica de Pau-Brasil, 17 set. 1971, *T.S. Santos 1954* (isótipo CEPEC); **Santa Teresinha**, Serra da Jiboia, no caminho para as antenas no topo da serra, 27 fev. 2005, *A. Gil & L.Y.S. Aona 156* (UEC).

Neomarica portosecurensis assemelha-se vegetativamente a *N. brachypus* e *N. unca*, pelas folhas largas que ultrapassam o escapo em comprimento e pela inflorescência congesta, com a segunda bráctea séssil a curto-pedunculada. Distingue-se de *N. brachypus* por ter a segunda bráctea com projeção alada inconspícua (vs. conspicua), flores multicoloridas (vs. bicromáticas, em tons de amarelo e castanho) e tépalas externas sem listras longitudinais na região mediana (vs. com estrias longitudinais sinuosas), e de *N. unca* pelo número de ripídios, geralmente maior (até 6 vs. até 2), e tépalas externas com ápice patente ou recurvado (vs. incurvado).

4.7. *Neomarica sabinei* (Lindl.) Chukr, Novon 11(4): 379. 2001 (como "sabini").

Figuras 11A–E, 12 e 26A, B.

Ervas 0,8 a 2 m alt.; rizoma vertical ou horizontal, subterrâneo, 2–3 cm diâm. **Folhas** 5–10 por planta, 43–100 × 2–5 cm, ensiformes. **Escapo** 40–130 × 1,5–3 cm, geralmente ultrapassando as folhas em comprimento; primeira bráctea semelhante ao ápice das folhas, mesma largura do escapo, 15–54 × 1,5–3,5 cm, lanceolada. **Ripídios** 1–4, laxos, sendo 1 séssil na axila do pedúnculo da segunda bráctea e os outros emergindo desta, com pedúnculos de 1,5–3 cm compr.; segunda bráctea 8–15 × 1–2,2 cm, patente, navicular, com projeção alada média e pedúnculo de 1,5–4 cm compr.; espátas 6–8 × 0,6–2,5 cm. **Flores** brancas, azuis ou roxas; tépalas externas elípticas ou largo-elípticas, 4–6 × 2–4 cm, patentes ou reflexas, ápice acuminado, base amarelada com estrias castanhas e tricomas capitados; tépalas internas oboval-elípticas, 2,5–4,5 × 1,3–2,5 cm, tricomas capitados em toda a extensão, ápice obtuso, região basal amarelada com estrias

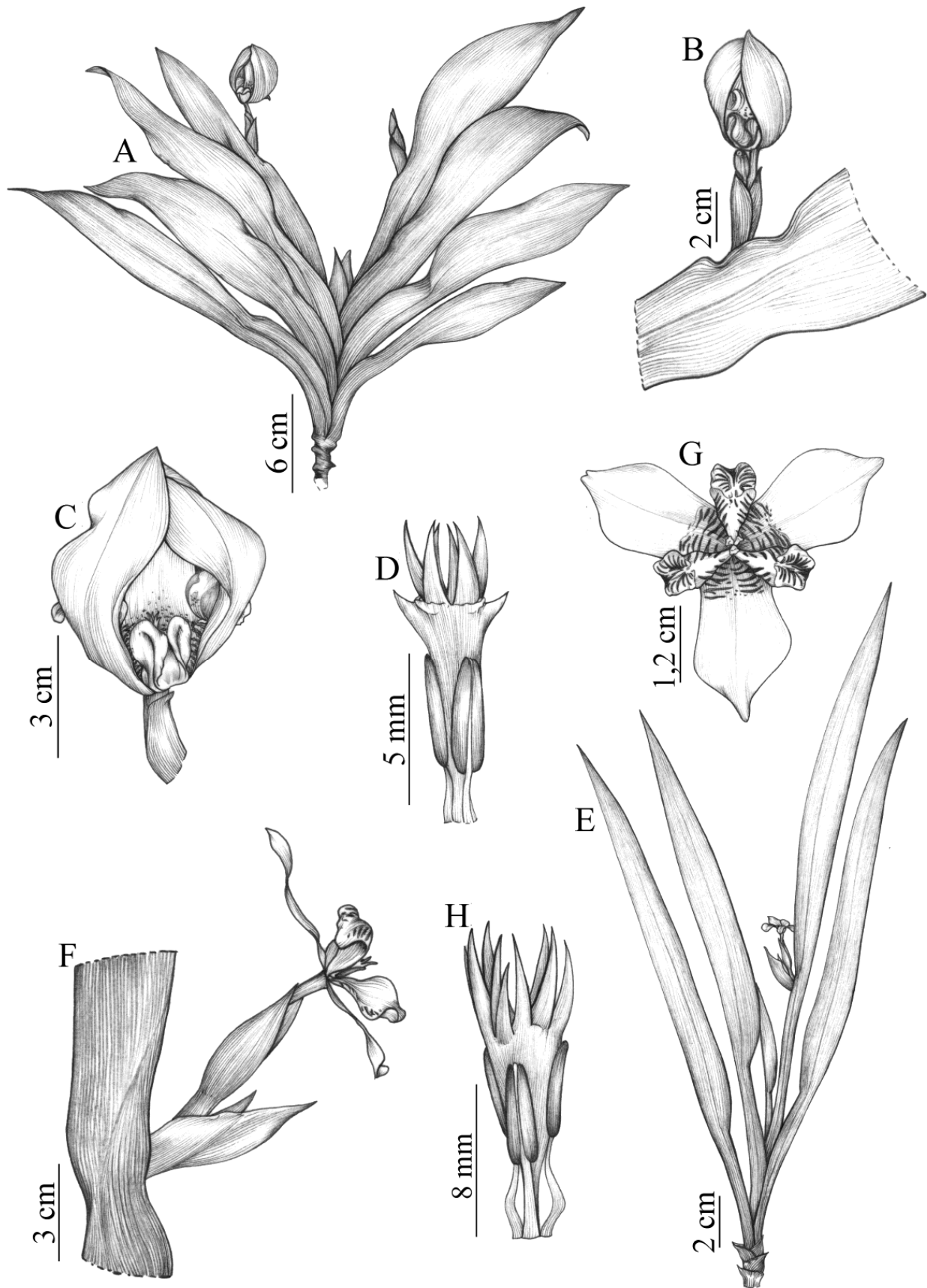


Figura 9. A–D. *Neomarica involuta*: A- hábito; B- inflorescência; C- flor, vista lateral; D- estames e estiletos. E–H. *N. portosecurensis*: E- hábito; F- Inflorescência; G- flor, vista frontal; H- estames e estiletos. (A, B- *Perdiz* 284 UEC; C, D- *Kollmann* 8738 UEC; E, F- *Carvalho* 401 CEPEC; G, H- *Gil* 156 UEC).

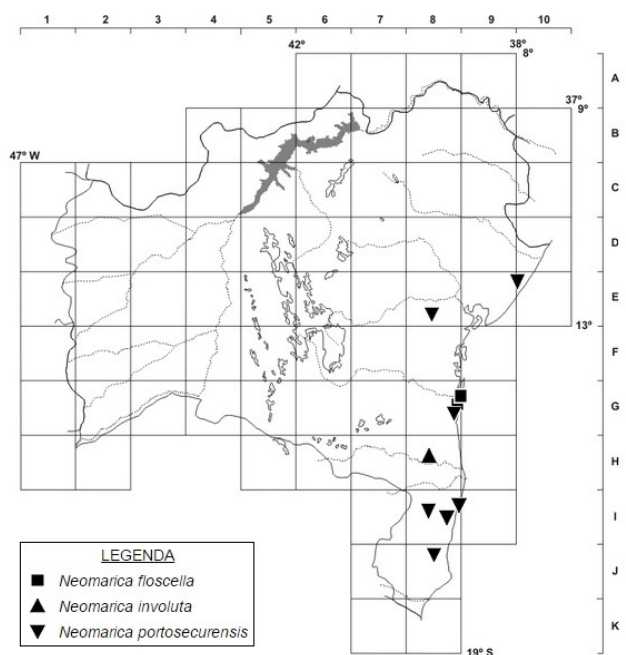


Figura 10. Mapa de distribuição de *Neomarica floscella*, *N. involuta* e *N. portosecurensis* no estado da Bahia.

castanhas, região mediano-apical com estrias roxas ou azuis, duas máculas amarelo-intensas na concavidade interna; filetes castanhos a amarelos, 0,4–0,7 cm compr., anteras amarelas, 0,8–1,5 cm compr.; ovário 1–1,3 cm compr., estiletos 2–2,3 cm compr., amarelados com lacínios brancos ou arroxeados, unidos até ca. 1,3 cm compr., ramos trifidos, cristas curto-triangulares, ápice agudo, as laterais ca. 0,5 cm, a central ca. 0,25 cm. **Cápsulas** obovoides, 6–8 × 1,2–2 cm.

Ocorre na Bahia e no Espírito Santo, principalmente em matas de encosta e restinga (Gil 2012); amplamente utilizada em paisagismo, também pode ser encontrada em outros estados brasileiros. **D10, E8, E9, F7, F8, G8, G8/9, H9, I8, I8/9, J8:** caatinga, capoeira, mata de restinga, mata ombrófila densa, em altitudes até 800 m. Floresce de janeiro a agosto e frutifica de fevereiro a setembro.

Material selecionado – **Almadina**, 12 mar. 1971, *S.P. Raimundo 1125* (CEPEC); **Belmonte**, Km 20 a 21 da rodovia Belmonte-Itapebi, 26 jul. 1988, *T.S. Santos et al. 4386* (CEPEC); **Buerarema**, aldeia dos índios Tupinambás da Serra do Padeiro, 14°57'S, 39°17'W, 27 maio 2007, *G.S. Campos & A.P. Alencar 65* (ALCB); **Camaçari**, Arembepe, Lagoa da Capivara, 17 ago. 2005, *E.P. Queiroz & F.S. Araújo 1141* (RB); **Caravelas**, Massangano-Macaco, 17°40'21"S, 39°15'35"W, 23 ago. 2011, *E.N. Matos 402* (HUEFS); **Conde**, Cavalo Russo, 11°44'54"S, 37°31'49"W, 22 set. 2002, *N.G. Jesus 1482* (HUEFS); **Elísio Medrado**, Gambá, Morro dos Lírios, 12°52'S, 39°28'W, 19 maio 2003, *H. Vageler 948* (HUEFS); **Igrapiúna**, Pedra Branca, Casa de Edete Carolina Souza Santos, 21 jul. 2010, *M.L. Guedes et al. 17473* (ALCB); **Ilhéus**, rodovia em direção a Una, em frente ao arraial Canabrava, 14°59'39"S, 38°59'59"W, 13 fev. 2014, *P.N. Oliveira et al. 113* (HUEFS); **Itacaré**, litoral sul, Fazenda das Bromélias, 14°16'S, 38°59'W, 17 mar. 2006, *J.S. Santana et al. 42* (ALCB); **Jequié**, Km

7 da estrada Jequié-Ipiaú, 10 fev. 1983, *A.M. Carvalho & T. Plowman 1601* (CEPEC); **Nova Viçosa**, Km 5 da rodovia de Nova Viçosa para o Posto da Mata, 24 abr. 1973, *R.S. Pinheiro 2107* (CEPEC); **Olivença**, Canabrava, 3–5 km W, 14 jun. 2003, *G. Hatschbach et al. 75337* (MBM); **Porto Seguro**, ca. 8 km N de Porto Seguro, 16°23'S, 39°02'W, 21 mar. 1974, *R.M. Harley 17283* (CEPEC, RB); **Prado**, 21 jan. 1974, *T.S. Santos 2731* (CEPEC); **Presidente Tancredo Neves**, Riachão dos Caboclos, Casa de Maria dos Montes Mercedes Santos, 13°22'37"S, 39°20'52"W, 20 jul. 2010, *M.L. Guedes et al. 17434* (ALCB); **Santa Cruz Cabralia**, Estação Ecológica do Pau-Brasil, ESPAB, ca. 16 km W de Porto Seguro, BR-367, Porto Seguro-Eunápolis, 16°23'S, 39°08'W, 22 fev. 1984, *F.S. Santos 268* (CEPEC); **Santa Terezinha**, Serra da Jiboia, ca. 4 km após Pedra Branca, 12°51'01"S, 39°28'32"W, 2 mar. 2001, *L.P. Queiroz et al. 6460* (HUEFS, UEC); **Santo Antônio**, estrada para Belmonte, 16°06'22"S, 38°57'43"W, 27 dez. 2005, *T.S. Nunes et al. 1412* (HUEFS).

Neomarica sabinei é amplamente cultivada no Brasil e foi introduzida em outros continentes, como África, Europa e Ásia, como também no norte do continente americano (Churkr & Capellari Jr. 2003). A espécie é comum na Bahia e facilmente diferenciada das demais espécies do gênero pelo grande porte, com alturas variando de 0,8 a 2 m, além do arranjo de sua inflorescência, na forma de um ripídio axilar à segunda bráctea e dois a três ripídios emergindo desta a partir de curtos pedúnculos. A espécie apresenta grande plasticidade fenotípica, principalmente em relação às flores, que podem variar de cor, do branco até o roxo ou azul, e ainda com grande variação do tamanho e forma dos verticilos florais.

Ao publicar o nome *Marica sabini*, Lindley (1826) prestou uma homenagem ao Capitão Edward Sabine, explorador inglês da América do Sul e África, tendo seu epíteto específico sido corrigido para "sabinei" (Gil 2012).

4.8. *Neomarica unca* (Ravenna) A.Gil, Harvard Pap. Bot. 14(2): 99. 2009.

Figuras 11D–I, 12 e 26C, D.

Ervas 0,4 a 0,7 m alt.; rizoma vertical subterrâneo, por vezes com porção aérea, 1–1,5 cm diâm. **Folhas** 6–11 por planta, inseridas no mesmo ponto do rizoma, 35–70 × 4–6,5 cm, largo-ensiformes. **Escapo** 11–25 × 1,2–2,5 cm, mais curto que as folhas; primeira bráctea com cerca do dobro da largura do escapo, 18–50 × 3,5–5 cm, lanceolada. **Ripídios** 1–6, congestos; pedúnculo 0,5–1 cm compr.; segunda bráctea 5–10 × 1,2–1,5 cm, ereta ou patente, com projeção alada média, séssil ou com pedúnculo de ca. 0,5 cm compr.; espadas 4–5,6 × 0,6–1 cm. **Flores** amarelas; tépalas externas elípticas, 2,5–3,7 × 1–1,2 cm, patentes, ápice agudo, incurvado, margem amarelada, base com estrias transversais castanhas; tépalas internas oboval-oblongas, 1,5–2,5 × 0,6–0,8 cm, estrias transversais castanhas em toda a extensão, ápice obtuso, região mediano-apical densamente tomentosa, com estrias longitudinais roxas no centro, duas máculas amarelo-intensas na concavidade interna; filetes amarelos, 0,4–0,5 cm

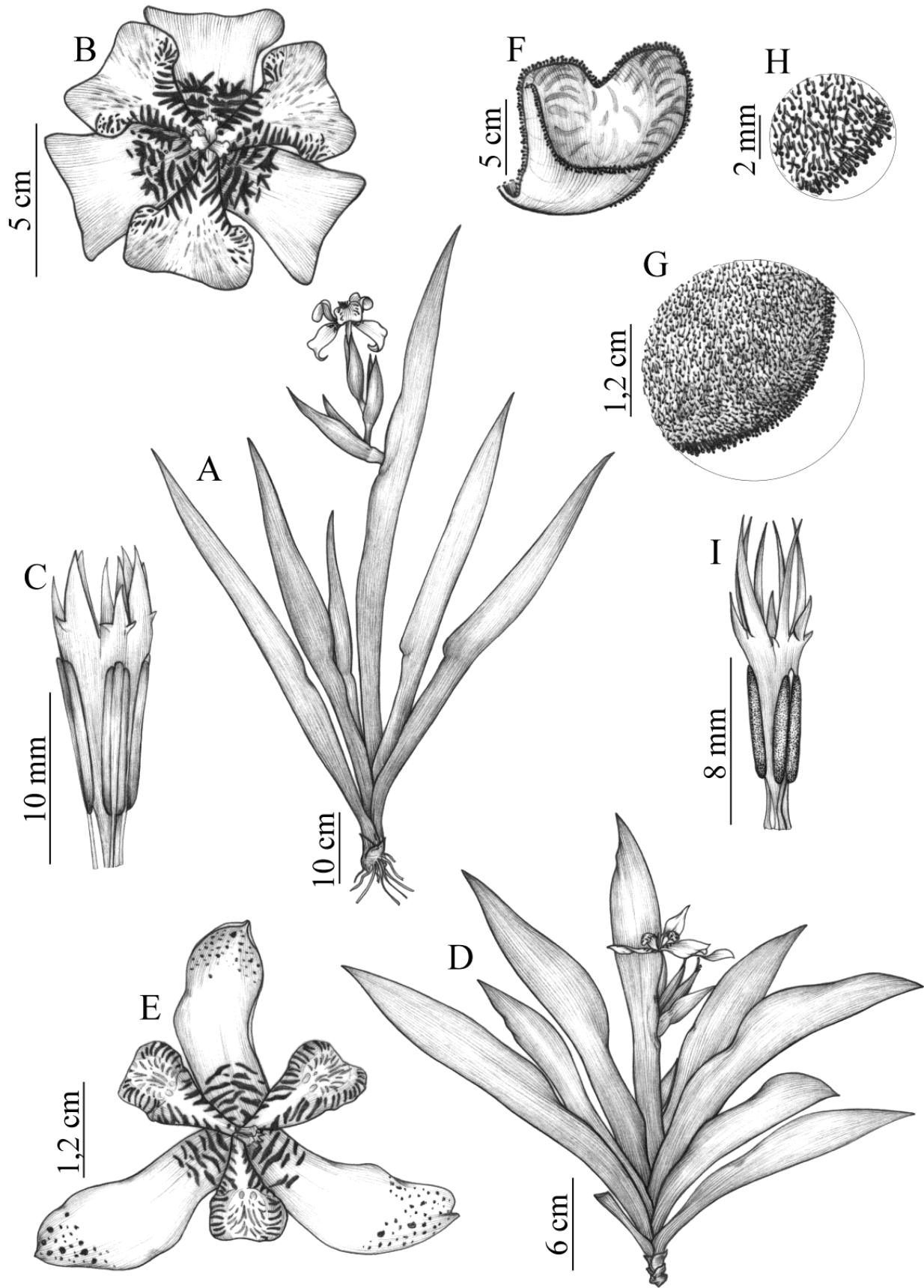


Figura 11. A–E. *Neomarica sabinei*: A- hábito; B- flor, vista frontal; C- estames e estiletos. D–I. *N. unca*: D- hábito; E- flor, vista frontal; F- tépala interna; G, H- detalhe do ápice da tépala interna densamente tomentoso; I- estames e estiletos. (A- Carvalho 1601 CEPEC; B, C- Oliveira 113 HUEFS; D- Jardim 4030 HUEFS; E- Jardim 4030; F-I- Gil 151 UEC).

estiletos 1,6–2 cm compr., amarelos, unidos até 0,8–1 cm compr., ramos trifidos, cristas de ápice longo-acuminado, as laterais 0,6–0,8 cm, a central 0,3–0,4 cm. **Cápsulas** não observadas.

Endêmica de uma pequena região no sul da Bahia (Gil et al. 2009). **H7, J8:** floresta ombrófila densa, em altitudes entre 100 e 200 m. Floresce de outubro a fevereiro.

Material selecionado – **Itamaraju**, fazenda Pau-Brasil, nov. 1990, *P. Ravenna 3349* (holótipo MBM); **Porto Seguro**, Parque Nacional Monte Pascoal, trilha para o pico do Monte Pascoal, no início da trilha, com declividade baixa, 15°15'53"S, 40°34'29"W, 14 nov. 1996, *W.W. Thomas et al. 11230* (CEPEC); **Prado**, rodovia para Cumuruxatiba, ca. 23 km, fazenda Conjunto Santo Antônio, 17°00'18"S, 39°15'06"W, 30 out. 2002, *J.G. Jardim et al. 4030* (CEPEC, HUEFS).

Neomarica unca assemelha-se a *N. brachypus* e *N. portosecurensis*; diferenciando-se de *N. brachypus* por possuir a segunda bráctea com projeção alada inconspícua e flores multicoloridas e de *N. portosecurensis* por ter de 1 a 6 ripídios, tépalas externas com ápice incurvado e internas com região mediano-apical tomentosa.

5. *Pseudiris* Chukr & A.Gil.

Ervas com cormo envolto por catafilos fibrosos, castanhos. **Folhas** espiraladas, planas, linear-ensiformes a ensiformes, subcoriáceas. **Escapo** cilíndrico, simples ou ramificado, portando brácteas naviculares em sua extensão. **Ripídios** terminais, laxos, pedunculados; espátas subcoriáceas. **Flores** lilás a azuis; tépalas desiguais, obovais a elípticas, patentes a reflexas, com tricomas capitados; filetes brancos, livres, filiformes, glabros, anteras azuis, lineares, adpressas aos ramos do estilete; ovário oblongo, glabro, estiletos roxos, unidos na região mediano-basal, livres no ápice, divergindo acima das anteras, ramos divididos em duas cristas petaloides, duas zonas estigmáticas transversais basais nas cristas. **Cápsulas** oboval-oblongas a oblongas, glabras; sementes angulares.

Pseudiris foi descrito para os campos rupestres do estado da Bahia, sendo representado por apenas uma espécie, *P. speciosa* (Gil et al. 2008).

5.1. *Pseudiris speciosa* Chukr & A.Gil, Proc. Calif.

Acad. Sci., ser. 4, 59(19): 725. 2008.

Figuras 1E, 2E, 12 e 26E, F.

Nome popular: lírio.

Ervas 40–170 cm alt.; cormos 2,5–5 × 2,5–4 cm. **Folhas** 1–3 por planta, 30–129 × 0,7–2,2 cm. **Escapo** 49–147 cm compr., portando 3 ou 4 brácteas de 6,5–44 × 0,4–1,6 cm, separadas por entrenós de 7–40 cm compr. **Ripídios** 1–3; pedúnculo 4,5–19 cm compr.; espátas 6–9 × 0,4–1,6 cm. **Flores** com tépalas externas maiores, obovais a oblongas, 3,5–6 × 1–2,4 cm, ápice emarginado, base com tricomas capitados; tépalas internas obovais a elípticas, 2–3,5 × 0,8–1 cm, ápice acuminado, região mediano-basal com estrias longitudinais roxas e listra mediana longitudinal linear,

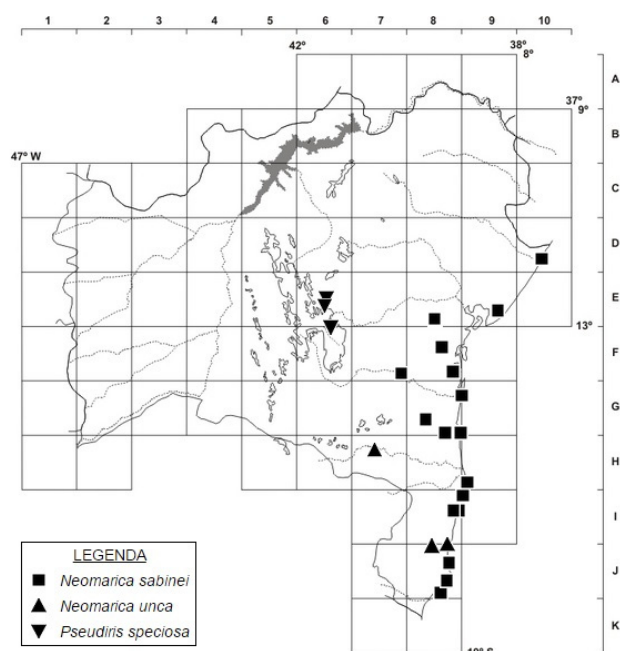


Figura 12. Mapa de distribuição de *Neomarica sabinei*, *N. unca* e *Pseudiris speciosa* no estado da Bahia.

amarela, com tricomas capitados; filetes 1,2–2 cm, anteras 1–1,3 cm compr.; ovário 0,8–1 cm compr., estiletos 3,2–3,7 cm compr., cristas petaloides, 1–1,2 cm compr., triangulares, ápice arredondado a truncado, eretas. **Cápsulas** 2,5–4 × 1–1,5 cm.

Restrita a uma porção da Chapada Diamantina (Gil et al. 2008), em altitudes entre 910 e 1500 m. **E6, E/F6:** campo rupestre. Floresce e frutifica de janeiro a outubro.

Material selecionado – **Lençóis**, Serra da Chapadinha, Chapadinha, 12°27'50"S, 41°26'48"W, 21 fev. 1995, *E. Melo et al. 1660* (parátipo ALCB, CEPEC, SPF); **Mucugê**, Projeto Sempre Viva, 26 fev. 2001, *A.A. Ribeiro-Filho 214* (holótipo HUEFS, isótipo UEC); **Palmeiras**, Parque Nacional Chapada Diamantina, Serra da Fumaça, 12°36'22"S, 41°28'59"W, 27 out. 2012, *G. Almeida-Silva & M.F.M. Barros 307* (HUEFS).

Pseudiris speciosa se caracteriza por possuir caule subterrâneo do tipo cormo, envolto por catafilos fibrosos, folhas planas, subcoriáceas, escapo cilíndrico, com três ou quatro brácteas separadas por entrenós longos, flores lilás a azuis, tépalas desiguais e ramos do estilete com duas cristas petaloides amplas. A ornamentação de suas tépalas é bastante singular, devido às listras longitudinais medianas amarelas nas tépalas externas.

6. *Sisyrinchium* L.

Ervas com rizomas. **Folhas** equitantes, planas ou cilíndricas, lineares a lanceoladas, não plicadas. **Escapos** planos ou cilíndricos, simples ou ramificados, áfilos ou com uma a várias brácteas em sua extensão. **Ripídios** terminais ou axilares, laxos ou congestos, pedunculados ou sésseis; espátas membranáceas a crassas. **Flores** brancas, amarelas, róseas, azuis ou roxas,

tépalas subiguais, ovais, oval-oblongas ou lanceoladas, patentes ou eretas, glabras ou não; filetes livres ou formando tubo estaminal, glabros ou pilosos, anteras oblongas, lineares ou sagitadas, alternas aos estiletos, muitas vezes recurvadas e retorcidas na maturidade; ovário globoso a subgloboso, glabro ou piloso, estiletos cilíndricos, unidos apenas na base ou em quase toda a sua extensão, livres no ápice, divergentes entre si, indivisos, estigmas apicais, globosos. **Cápsulas** globosas a obovoides, glabras ou pilosas.

Sisyrinchium possui cerca de 140 espécies, distribuídas no continente americano, incluindo uma espécie na Groelândia (Goldblatt et al. 2008). É o maior gênero de Iridaceae no Novo Mundo, especialmente em regiões de clima temperado ou subtropical, ou em altitudes elevadas (Chukr & Capellari Jr. 2003; Goldblatt et al. 2008). Para o Brasil, são indicadas 67 espécies (Eggers et al. 2016) e, na Bahia, está representado por quatro espécies restritas à Chapada Diamantina.

Chave para as espécies

1. Folhas basais ausentes; diversas brácteas alternas ao longo do escapo 6.4. ***S. vaginatum***
- 1'. Folhas basais presentes; uma ou duas brácteas no ápice do escapo.
 2. Folhas e escapo cilíndricos 6.2. ***S. luzula***
 - 2'. Folhas e escapo planos.
 3. Folhas 0,1–0,2 cm larg.; escapo portando apenas uma bráctea no ápice; filetes pilosos, anteras oblongas 6.1. ***S. commutatum***
 - 3'. Folhas 0,4–0,6 cm larg.; escapo portando duas brácteas alternas no ápice; filetes glabros, anteras sagitadas 6.3. ***S. nidulare***

6.1. ***Sisyrinchium commutatum*** Klatt, Hamburger Garten- Blumenzeitung 16: 164. 1860.

Figuras 13A–C, 14 e 27A, B.

Ervas 13 a 22 cm alt. **Folhas** 3–8 por planta, 5–16 × 0,1–0,2 cm, planas, cartáceas, margem delgada. **Escapo** 9,5–16,5 cm compr., plano, ápice portando uma bráctea terminal, plana, de 2–5 × 0,1–0,2 cm. **Ripídios** 1–3, congestos; pedúnculo 0,1–4 cm compr.; espátas 0,6–0,8 × 0,3–0,4 cm. **Flores** amarelas; tépalas oboval-oblongas, 0,25–0,5 × 0,2–0,5 cm, patentes, nervuras medianas evidentes, castanho-vináceas, ápice mucronado; filetes amarelos, 0,15–0,2 cm compr., unidos até 0,1–0,15 cm compr., formando tubo estaminal, com tricomas por toda a sua extensão, base com densos tricomas glandulares, anteras amarelas, oblongas, 0,05–0,1 cm compr.; ovário 0,14–0,2 × ca. 0,1 cm, subgloboso, piloso, estiletos amarelos, 0,2–0,3 cm compr., parcialmente inclusos no tubo estaminal. **Cápsulas** obovoides, 0,2–0,3 × 0,2–0,3 mm; sementes 0,05–0,1 × 0,06–0,1 cm.

Ocorre nos estados da Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná (Eggers et al. 2016), alcançando o norte do Paraguai (Chukr & Capellari Jr. 2003). **C7, D6, D7,**

F7: campo rupestre e mata de cipó, em altitudes entre 840 e 1020 m. Floresce e frutifica de setembro a dezembro e em abril.

Material selecionado – **Jacobina**, estrada Araújo para a Serra do Tombador, 11°14'28"S, 40°41'42"W, nov. 2011, *N. Roque 3472* (ALCB); **Maracás**, fazenda Vale Aprazível, propriedade do Sr. Fernando Carvalho, 13°29'06"S, 40°24'26"W, 22 abr. 2002, *K.R.B. Leite et al. 227* (HUEFS); **Mirangaba**, próximo a Caboré, 10°55'S, 40°40'W, 1 set. 1981, *L.M.C. Gonçalves 171* (MBM, RB); **Morro do Chapéu**, Cachoeira do Rio Ferro Doido, trilha que liga a Estrada do Feijão ao Vale, 11°37'45"S, 40°59'26"W, 30 abr. 1999, *F. França et al. 2760* (HUEFS).

Sisyrinchium commutatum caracteriza-se por possuir folhas e escapo planos, uma bráctea terminal contínua ao escapo e filetes parcialmente soldados com tricomas glandulares, mais densamente agrupados na base do tubo estaminal (Takeuchi et al. 2008). Os materiais analisados para a Bahia confirmam essas características, embora Chukr & Capellari Jr. (2003) tenham descritos os filetes como totalmente soldados com base em espécimes de São Paulo. Assemelha-se a *S. nidulare* por apresentar folhas e escapo planos, mas distingue-se pelas folhas mais estreitas (0,1–0,2 cm vs. 0,4–0,6 cm larg.), escapo com uma única bráctea (vs. 2 brácteas) e estames pilosos (vs. glabros).

6.2. ***Sisyrinchium luzula*** Klotzsch ex Klatt, Linnaea 31: 89. 1861.

Figuras 13D–F, 14 e 27C.

Ervas 10 a 45 cm alt. **Folhas** 5–12 por planta, 5–26 × 0,1–0,2 cm, cilíndricas. **Escapo** 9,5–16,5 cm compr., cilíndrico, ápice portando uma bráctea terminal, oblonga, de 1–2,5 × 0,1–0,2 cm. **Ripídios** 1 ou 2, congestos, sésseis ou subsésseis; espátas 0,4–1 × 0,2–0,4 cm. **Flores** amarelas; tépalas oboval-oblongas, 0,7–1,1 × 0,2–0,5 cm, patentes, nervuras medianas evidentes, castanho-vináceas, ápice acuminado; filetes amarelos, 0,14–0,25 cm compr., unidos até 0,1–0,2 cm compr., formando tubo estaminal, com tricomas por toda a sua extensão, base com densos tricomas glandulares, anteras amarelas, oblongas, 0,05–0,1 cm compr.; ovário 0,1–0,15 × ca. 0,1 cm, globoso, piloso, estiletos amarelos, 0,2–0,4 cm compr., unidos até 0,15–0,25 cm, parcialmente inclusos no tubo estaminal. **Cápsulas** obovoides, 0,3–0,4 × 0,3–0,6 cm; sementes ca. 0,1 × 0,1 cm.

Ocorre nos estados da Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Eggers et al. 2016). **D6, E6, F6:** campo rupestre, cerrado, caatinga e carrasco alto, em altitudes entre 889 e 1450 m. Floresce e frutifica de dezembro a fevereiro e de junho a agosto.

Material selecionado – **Abaíra**, Distrito de Catolés, Campo de Ouro Fino, 13°15'S 41°54'W, 29 dez. 2013, *P.N. Oliveira et al. 108* (HUEFS); **Barra da Estiva**, ca. 14 km N de Barra da Estiva, 13°35'S, 41°18'W, 2 fev. 1974, *R.M. Harley 15845* (CEPEC, RB); **Palmeiras**, Vale do Cercado, Chapada Diamantina, 12°34'S, 41°23'W, 9 jan. 2010, *A.A. Conceição 3283* (HUEFS); **Morro do Chapéu**, rodovia BA-426, Km 6 no sentido Morro do Chapéu/Jacobina, fazenda do Sr. Joaquim Coutinho, 12 ago. 1979, *A.J. Ribeiro 47* (CEPEC).

Sisyrinchium luzula pode ser facilmente reconhecida pelas folhas e escapo cilíndricos (Chukr & Capellari Jr. 2003; Dias 2010), sendo a única espécie do gênero na Bahia a apresentar tais características. A presença de estruturas vegetativas queimadas nas exsiccatas sugere que a floração da espécie ocorra depois da passagem do fogo.

6.3. *Sisyrinchium nidulare* (Hand.-Mazz.) I.M.Johnst., J. Arnold Arbor. 19: 383. 1938.

Figuras 13G–I e 14.

Ervas 17–38 cm alt. **Folhas** 3–8 por planta, 15–30 × 0,4–0,6 cm, planas, lineares, cartáceas, margem espessa. **Escapo** 11–23 cm compr., plano, ápice portando duas brácteas lineares, planas, a primeira 2,5–16 × 0,3–0,5 cm, a segunda 3–11 × 0,3–0,5 cm. **Ripídios** 3–5, congestos, subsésseis ou pedúnculos até 3,5 cm compr.; espatas 0,6–1 × 0,3–0,4 cm. **Flores** amarelas; tépalas obovais, 1,5–1,6 × 0,5–0,8 cm, patentes, nervuras medianas evidentes, castanho-vináceas, ápice agudo; filetes amarelos, 0,3–0,6 cm compr., unidos até 0,1–0,3 cm compr., glabros, anteras amarelas, sagitadas, 0,4–0,6 cm compr., recurvadas na maturidade; ovário 0,1–0,2 × ca. 0,2 cm, subgloboso, glabro, estiletes amarelos, 0,4–0,6 cm compr., unidos até 0,2–0,3 cm compr. **Cápsulas** obovoides, ca. 0,4 × 0,5 mm; sementes 0,05–0,1 × 0,05–0,1 cm.

Ocorre nos estados da Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná (Eggers et al. 2016). **E6, F6**: campo rupestre e cerrado, na Chapada Diamantina, em altitudes entre 1000 e 1400 m. Floresce e frutifica em maio, julho e dezembro.

Material selecionado – **Mucugê**, Serra do Miguel, Parque Nacional da Chapada Diamantina, 12°49'S, 41°29'W, 12 maio 2012, A.A. Conceição et al. 4111 (HUEFS); **Rio de Contas**, Pico das Almas, vertente leste, estrada abaixo da fazenda Silvina, 13°32'S, 41°55'W, 20 dez. 1988, R.M. Harley & S.J. Mayo 27402 (CEPEC, SPF).

Sisyrinchium nidulare caracteriza-se pelas folhas e escapo planos, ápice do escapo portando duas brácteas, além de estames glabros, com anteras sagitadas. Tem sido erroneamente identificada como *S. palmifolium* L. (Chukr & Capellari Jr. 2003), que ocorre na Região Sul do Brasil, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Eggers et al. 2016). *Sisyrinchium nidulare* difere dessa espécie por apresentar porte menor, até 30 cm de altura (vs. até 1,5 m alt.), margem da folha espessa (vs. delgada) e inflorescência congesta (vs. laxa).

Os exemplares coletados no estado da Bahia demonstram ainda variações quanto ao tamanho de algumas estruturas vegetativas, como hábito, folhas e escapo. Essas variações podem ser resultado de perturbações antrópicas constantes ao longo de sua distribuição.

6.4. *Sisyrinchium vaginatum* Spreng., Syst. Veg. (ed. 16) [Sprengel] 1: 166. 1825 [1824].

Figuras 15A–H, 16 e 27D–G.

Nome popular: capim-lanceta.

Ervas 14–35 cm alt. **Folhas** basais ausentes. **Escapo** 12–33 cm compr., plano, simples ou ramificado, com várias brácteas distribuídas por toda a sua extensão; brácteas 0,6–8 × 0,1–1 cm, planas, escamiformes ou falcadas, alternas, separadas por entrenós. **Ripídio** 1, terminal ao escapo; espatas 0,7–3 × 0,1–0,5 cm. **Flores** amarelas, tépalas obovais a elípticas, 0,7–1,5 × 0,2–0,5 cm, patentes, nervuras medianas evidentes, translúcidas, ápice agudo; filetes amarelos, 0,15–0,4 cm compr., unidos até 0,1–0,5 cm compr., glabros, anteras amarelas, oblongas, 0,2–0,5 cm compr., recurvadas na maturidade; ovário 0,1–0,3 × 0,1–0,2 cm, globoso a subgloboso, glabro, estiletes amarelos, 0,2–0,6 cm compr., unidos até 0,1–0,3 mm compr. **Cápsulas** obovoides, 0,3–1,2 × 0,3–1 mm; sementes 0,15–0,2 × 0,1–0,25 cm.

Sisyrinchium vaginatum é a espécie do gênero com maior distribuição geográfica, ocorrendo desde o México até o Uruguai (Chukr 1988). No Brasil, ocorre no Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina (Eggers et al. 2016) e Bahia. **D2, D6, E2, E6, E9, F5, F6**: brejo, caatinga, campo rupestre e cerrado, em altitudes entre 200 e 1850 m. Floresce e frutifica o ano inteiro, com as flores se abrindo no período da tarde, por volta das 13:00 horas.

Material selecionado – **Abaíra**, Catolés, Campo de Ouro Fino baixo, 13°15'S, 41°54'W, 19 jan. 1992, D.J.N. Hind & R.F. Queiroz H50903 (CEPEC, HUEFS, K, SPF); **Alagoinhas**, 12°05'47"S, 38°22'06"W, 24 maio 2010, E. Melo et al. 7929 (HUEFS); **Barra da Estiva**, estrada Barra da Estiva-Ituaçu, Morro da antena de televisão, 13°41'29"S, 41°19'05"W, 18 maio 1999, V.C. Souza et al. 22661 (ESA); **Barreiras**, Anel da Soja, estrada para a fazenda São José, 11°27'16"S, 45°38'28"W, 28 maio 2013, A. Rapini et al. 2018 (HUEFS); **Camaçari**, próximo à rotatória do Polo Petroquímico, atrás do Posto Cegonha, 12°40'25"S, 38°17'58"W, 8 ago. 2013, L.C. Marinho et al. 466 (HUEFS); **Caetitê**, 9,5 km S de Caetitê, na rodovia para Brejinhos das Ametistas, 13°07'S, 42°30'W, 13 abr. 1980, R.M. Harley 21320 (CEPEC); **Érico Cardoso**, estrada entre Morro do Fogo e Veredas, 13°20'08"S, 41°06'01"W, 14 jan. 2008, A. Rapini et al. 1521 (HUEFS); **Lençóis**, Serra da Chapadinha, 12°47'44"S, 41°26'23"W, 24 fev. 1995, E. Melo et al. PCD 1735 (ALCB, CEPEC, HUEFS); **Luiz Eduardo Magalhães**, Moricoca, 29 nov. 2003, A.B. Xavier et al. 230 (ALCB); **Morro do Chapéu**, Morrão, alto da antena, 11°35'S, 41°12'W, 5 maio 2007, M. Freitas et al. 26 (HUEFS); **Mucugê**, Guiné, Serra do Esbarrancado, 12°31'45"S, 41°34'06"W, A.A. Conceição 2853 (HUES); **Palmeiras**, Bom Jardim, 12°29'56"S, 41°30'18"W, 6 mar. 2005, R. Funch 679 (HUEFS); **Piatã**, caminho para Três Morros, Ponto 2, 13°04'24"S, 41°48'14"W, 2 maio 2009, M.L. Guedes et al. 15102 (ALCB); **Rio de Contas**, estrada para o Pico das Almas, 13°31'08"S, 41°54'53"W, 25 jan. 2014, P.N. Oliveira et al. 112 (HUEFS).

Sisyrinchium vaginatum é facilmente reconhecida pela ausência de folhas basais, presença de várias brácteas alternas ao longo do escapo, além dos filetes glabros, unidos até a metade do seu comprimento. Apresenta padrão floral bem definido, mas também uma grande plasticidade fenotípica nas partes

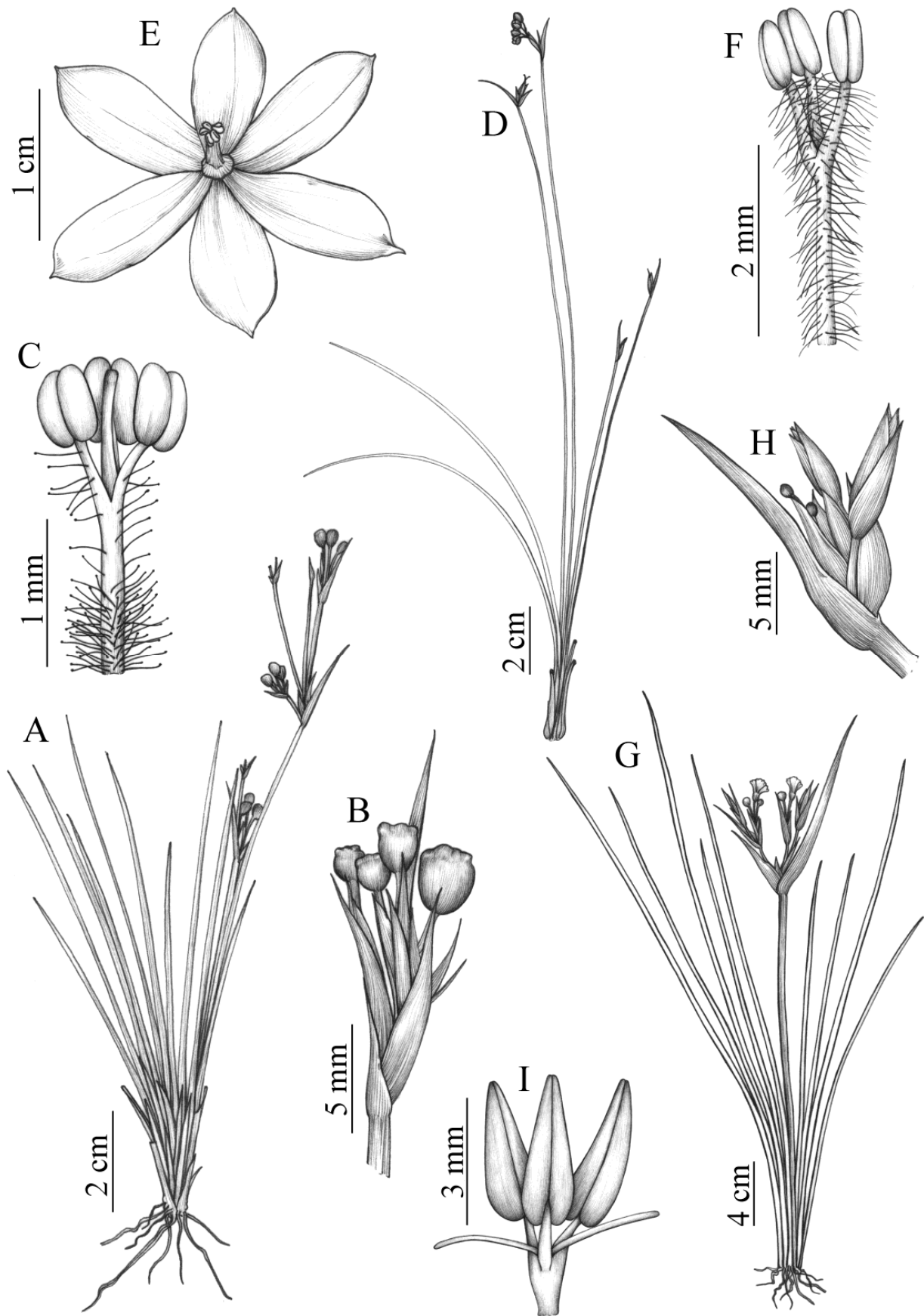


Figura 13. A–C. *Sisyrrinchium commutatum*: A- hábito; B- inflorescência; C- estames e estilete. D–F. *S. luzula*: D- hábito; E- flor, vista frontal; F- estames. G–I. *S. nidulare*: G- hábito; H- inflorescência; I- estames. (A, B- França 2760 HUEFS; C- Leite 227 HUEFS; D- Ribeiro 47 CEPEC; E, F- Conceição 3283 HUEFS; G- Conceição 4111 HUEFS; H, I- Borba 2120 HUEFS).

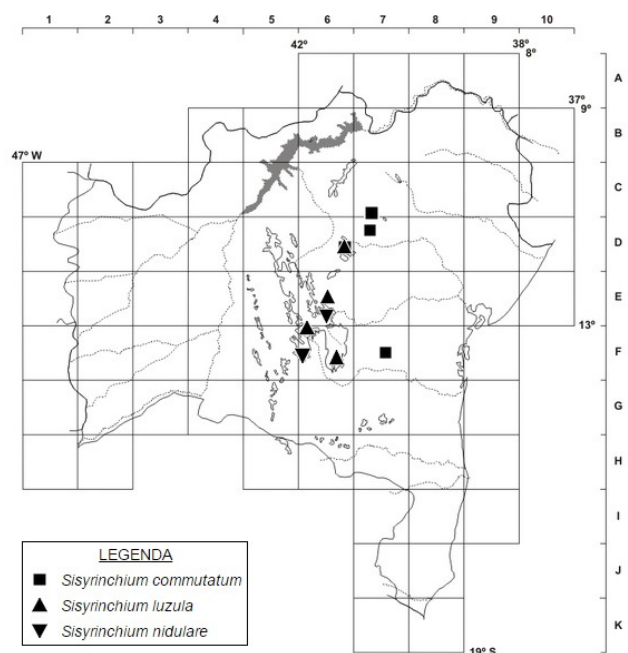


Figura 14. Mapa de distribuição de *Sisyrrinchium commutatum*, *S. luzula* e *S. nidulare* no estado da Bahia.

vegetativas, variando principalmente quanto ao tamanho e forma das brácteas (Chukr 1992; Chukr & Capellari Jr. 2003; Takeuchi et al. 2008; Dias 2010). Assim, é considerada aqui uma espécie polimórfica, ocorrendo em um complexo que precisa ser melhor investigado a partir da integração de abordagens morfológicas e moleculares. Na Bahia, apresenta ampla distribuição e três extremos morfológicos, que geralmente são encontrados nas mesmas localidades. O primeiro morfotipo é mais semelhante ao material-tipo (Figura 15A, B), sendo ramificado, com brácteas pequenas ($0,6-0,8 \times ca. 0,1$ cm), reduzidas a escamas e aderidas completamente ao escapo. O segundo morfotipo (Figura 15E, F) inclui indivíduos pouco ramificados, com brácteas de $1-2 \times 0,2-0,3$ cm, fortemente falcadas e não aderidas ao escapo. E o terceiro morfotipo (Figura 15G, H) possui escapo não ramificado, com brácteas grandes ($2,5-8 \times 0,7-1$ cm), falcadas e não aderidas completamente ao escapo. Em herbário, pode ser confundida com *S. restioides* Spreng., devido à presença de várias brácteas alternas, mas distingue-se pela ausência de folhas basais.

7. *Trimezia* Salisb. ex Herb.

Ervas com cormo envolto por catafilos fibrosos, castanhos. **Folhas** espiraladas, planas ou cilíndricas, lineares ou linear-ensiformes, plicadas ou não. **Escapos** cilíndricos, áfilos ou com 1–7 brácteas em sua extensão. **Ripídios** terminais ou axilares, laxos, sésseis ou pedunculados; espátas crassas. **Flores** amarelas ou roxas; tépalas desiguais, as externas maiores, obovais, oboval-elípticas ou lanceoladas, patentes, deflexas ou eretas, região mediano-basal com tricomas e estrias transversais; tépalas internas oboval-oblongas,

panduriformes, revolutas, concavidade interna mediana densamente pilosa, estrias transversais por toda a sua extensão; filetes livres, filiformes, achatados, glabros, anteras oblongas ou lineares, opostas e adpressas aos estiletos; ovário oblongo, glabro, estiletos unidos na região mediano-basal, livres no ápice, ramos bifidos ou trifidos, cristas cuspidadas ou truncadas, região estigmática na face interna dos lacínios. **Cápsulas** oblongas ou oboval-oblongas, ápice truncado; sementes anguladas.

O gênero *Trimezia* inclui cerca de 20 espécies, distribuídas na porção tropical do continente americano, desde o sul dos Estados Unidos até a Região Sul do Brasil (Chukr & Giulietti 2008). No Brasil, o gênero está representado por 21 espécies, com ampla distribuição no país, presentes em áreas de campos rupestres, cerrados ou bordas de matas (Eggers et al. 2016). Na Bahia, ocorrem sete espécies, sendo *T. caulosa* endêmica do estado.

Chave para as espécies

1. Folhas cilíndricas.
 2. Escapo sem brácteas 7.4. *T. juncifolia*
 - 2'. Escapo com duas brácteas 7.2. *T. cathartica*
- 1'. Folhas lineares.
 3. Escapo sem bráctas; flores lilás .. 7.7. *T. violacea*
 - 3'. Escapo com 1 a 5 brácteas; flores amarelas.
 4. Escapo com 2 a 5 brácteas subcoriáceas 7.6. *T. sincorana*
 - 4'. Escapo com 1 bráctea foliácea.
 5. Bráctea mais longa que o pedúnculo do ripídio; estiletos duplamente bifidos 7.5. *T. martinicensis*
 - 5'. Bráctea mais curta que o pedúnculo do ripídio; estiletos trifidos.
 6. Cristas do estilete longo-trianguares (plantas de campos rupestres) 7.1. *T. brevicaulis*
 - 6'. Cristas do estilete truncadas, levemente franjadas (plantas da mata atlântica) 7.3. *T. caulosa*

7.1. *Trimezia brevicaulis* Ravenna, Bol. Soc. Argent. Bot. 10. 321. 1965.

Figuras 17A–D e 18.

Ervas 0,2–0,33 m alt.; cormo $0,8-1 \times 0,5-0,7$ cm. **Folhas** 1–4 por planta, $10-22 \times 0,1-0,3$ cm, lineares, cartáceas. **Escapo** 2–10 cm compr., ápice portando uma bráctea, menor que o comprimento do pedúnculo do ripídio, linear-ensiforme, $2-4 \times 0,3-0,5$ cm. **Ripídio** 1; pedúnculo 7–16 cm compr.; espátas $1,5-2 \times 0,6-0,8$ cm. **Flores** amarelas; tépalas externas obovais a oboval-elípticas, $1-1,8 \times 0,7-1,2$ cm, patentes ou reflexas, com estrias castanho-vináceas na base; tépalas internas $1,2-1,5 \times 0,3-0,4$ cm, eretas, estrias castanho-vináceas em toda a sua extensão; filetes castanhos, $0,2-0,4$ cm compr., anteras amarelas, oblongo-elípticas, $0,2-0,35$ cm compr.; ovário ca. $0,5 \times 0,1-0,2$ cm, estiletos amarelos, ca. 0,7 compr., unidos até ca.

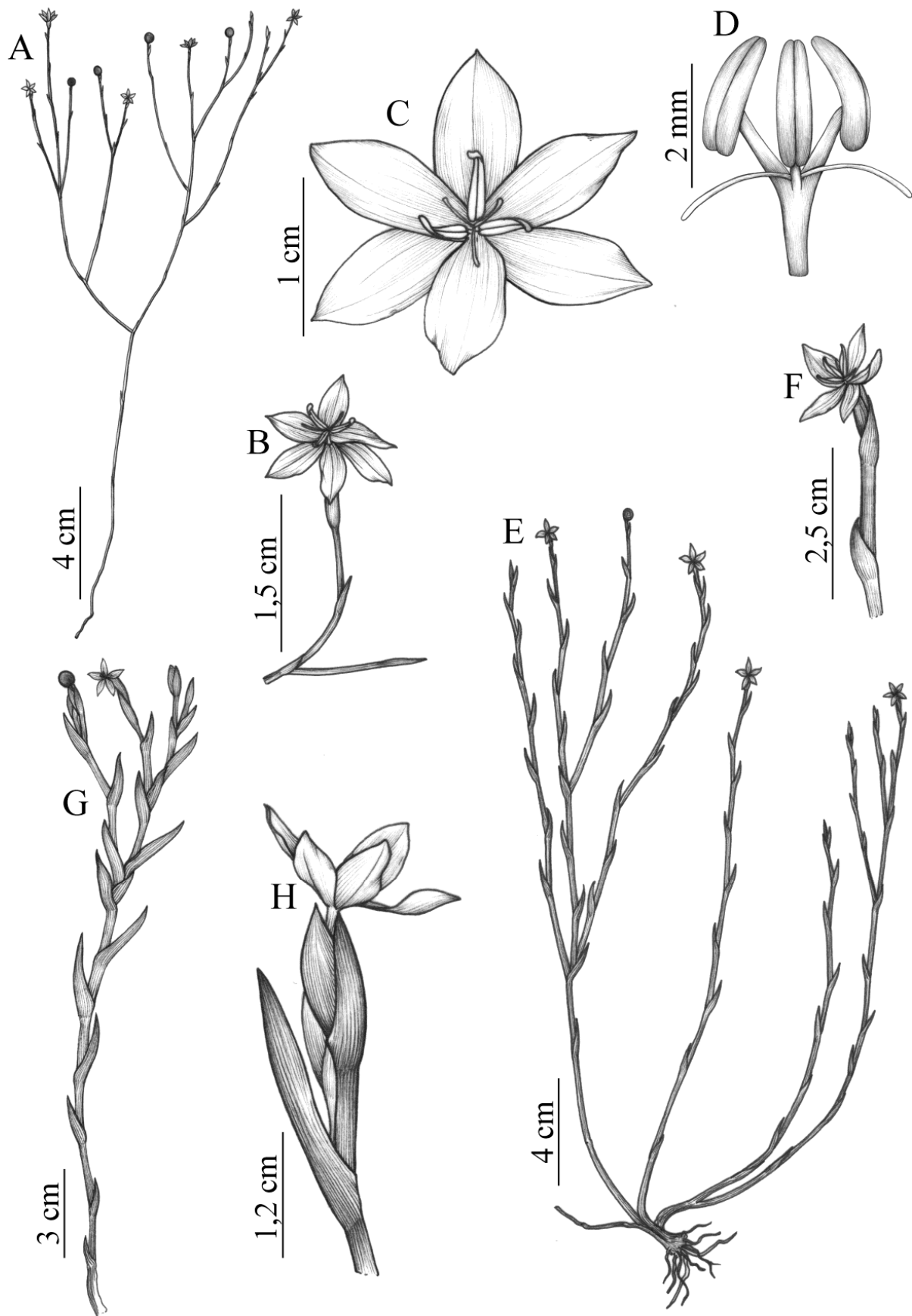


Figura 15. A–H. *Sisyrrinchium vaginatum*: A, E, G- hábito; B, F, H- inflorescência; C- flor, vista frontal; D- estames e estiletos. (A, B- Santos 33 HUEFS; C, D- Oliveira 112 HUEFS; E, F- Hind H50903 CEPEC; G- Freitas 26 HUEFS; H- Melo 3327 HUEFS).

0,5 cm compr., base cilíndrica, região mediano-apical globosa, ramos trifidos, cristas longo-trianguulares, ápice filiforme, as laterais ca. 0,2 cm compr., a central 0,13–0,15 cm compr. **Cápsulas** oblongas, 1–1,5 × 0,5–1 cm; sementes ca. 0,2 × 0,1 cm.

Restrita à Cadeia do Espinhaço, do norte de Minas Gerais ao norte da Chapada Diamantina, na Bahia (Chukr & Giulietti 2008). **E6**: campo rupestre, em altitude entre 1400 e 1700 m. Floresce e frutifica de setembro a março.

Material selecionado – **Palmeiras**, PARNA, 12°42'S, 41°31'W, 4 mar. 2006, *A.A. Conceição 1742* (HUEFS). **Mucugê**, Morro do Beco, 12°45'S, 41°30'W, 15 set. 2006, *A.A. Conceição et al. 1839* (HUEFS).

Trimezia brevicaulis caracteriza-se pelo porte pequeno (20–33 cm alt.), o menor dentre as espécies do gênero na Bahia, a presença de uma bráctea pequena (2–4 cm compr.), sempre excedida pelo pedúnculo do ripídio, e pelos estiletos com ramos trifidos e cristas longo-trianguulares de ápice filiforme. Chukr & Giulietti (2008) indicaram que a espécie apresenta escapo densamente piloso, característica que não foi observada nos espécimes da Bahia, as quais exibem escapo glabro. Pela morfologia vegetativa, assemelha-se a *T. caulosa* e *T. martinicensis*, diferenciando-se delas principalmente por seus atributos florais. *Trimezia brevicaulis* possui estiletos com ramos trifidos, com cristas longo-trianguulares, diferentemente de *T. caulosa*, onde estes são trifidos e truncados, levemente franjados, e de *T. martinicensis*, que apresenta estiletos duplamente bifidos.

7.2. *Trimezia cathartica* (Klatt) Niederl., Bol. Mens. Mus. Prod. Argent. 3, 31: 332. 1890.

Figuras 17E–I, 18 e 27H, I.

Nome popular: robalo.

Ervas 0,4–1,2 m alt.; corno 2,5–5 × 1–2,5 cm. **Folhas** 1–5 por planta, 12–67 × 2–5 cm, cilíndricas, eretas. **Escapo** 12,5–52 cm compr., ápice portando duas brácteas alternas, lanceoladas, a primeira 5–24,5 cm compr., a segunda 3–6,5 cm compr., algumas vezes separadas entre si por um entrenó de 2,5–13 cm compr., distantes 8–26 cm da inflorescência. **Ripídios** 1 ou 2; pedúnculo 16–59 cm compr.; espátas 2–3,5 × 1–1,3 cm. **Flores** amarelas; tépalas externas obovais, 2,5–3,5 × 3–3,6 cm, patentes, ápice obtuso, com tricomas filamentosos, base com estrias castanho-vináceas; tépalas internas oboval-oblongas, 2–3,3 × 0,5–0,6 cm, com estrias castanho-vináceas por toda a sua extensão; filetes amarelos, 0,5–1 cm compr., anteras esverdeadas, oblongas, 0,5–0,7 cm compr.; ovário 0,8–1 × 0,2–0,3 cm, estiletos amarelos, 1,3–1,5 cm compr., unidos até ca. 0,8 cm compr., cilíndricos na base, região mediano-apical alargada, ramos trifidos, cristas estreito-trianguulares, ápice arredondado, as laterais 0,13–0,2 cm compr., a central 0,05–0,08 cm compr. **Cápsulas** oblongas, 0,8–1 × 0,3–0,5 cm; sementes 0,1–0,4 × ca. 0,1 cm.

Ocorre nos estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás (Chukr & Giulietti 2008). **E2**, **E6**, **F6**, **G2**: campo

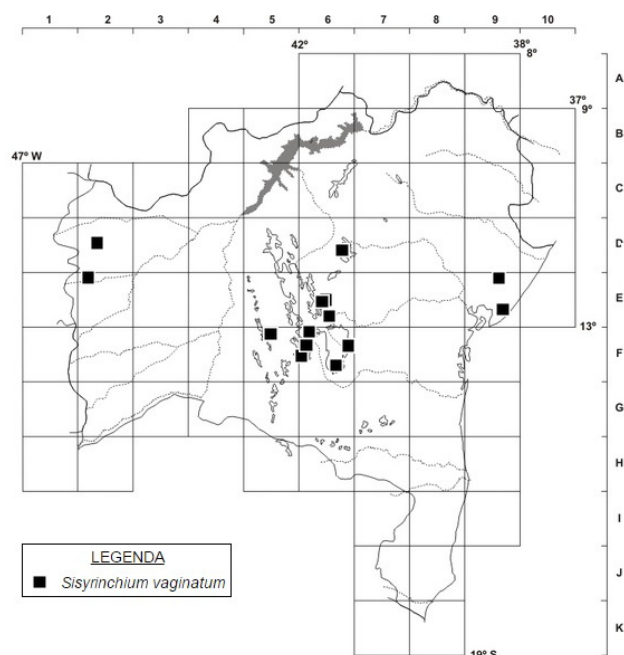


Figura 16. Mapa de distribuição de *Sisyrinchium vaginatum* no estado da Bahia.

rupestre, campos gerais com caatinga, campo sujo e cerrado, na Chapada Diamantina, em altitudes de 900 a 1800 m. Floresce e frutifica o ano todo.

Material selecionado – **Abaira**, Catolés, Campo de Ouro Fino, 13°15'27"S, 41°53'57"W, 29 dez. 2013, *P.N. Oliveira 109* (HUEFS); **Barra da Estiva**, estrada Barra da Estiva-Ituaçu, morro da antena de televisão, 13°41'29"S, 41°19'05"W, 18 maio 1999, *V.C. Souza et al. 22694* (ESA); **Cocos**, fazenda Trijunção, estrada para a fazenda Olhos d'Água, 14°52'S, 45°56'W, 11 dez. 2001, *B.M.T. Walter et al. 4936* (SPF); **Lençóis**, Morro do Pai Inácio, Platô Intermediário, 27 ago. 1996, *A.A. Conceição & A.A. Grillo 140* (CEPEC, SPF); **Luiz Eduardo Magalhães**, fazenda Savaí, ca. 40 km da cidade, 12°13'27"S, 45°49'59"W, 22 set. 2003, *B.A. Anjos et al. 105* (ALCB) **Palmeiras**, Parque Nacional da Chapada Diamantina, Serra da Fumaça, 12°36'08"S, 41°29'18"W, 20 mar. 2012, *G. Almeida-Silva & F.G. Moreira 196* (HUEFS); **Piatã**, estrada Piatã-Ribeirão, 13°07'15"S, 41°49'34"W, 1 nov. 1996, *H.P. Bautista et al. PCD 3877* (SPF); **Mucugê**, Guiné, 12°51'S, 41°30'W, 21 out. 2002, *E.C. Smidt 297* (HUEFS); **Rio de Contas**, Pico das Almas, vertente leste, campo acima do extremo NW do Campo do Queiroz, 13°31'S, 41°58'W, 22 dez. 1988, *R.M. Harley et al. 27421* (CEPEC, K, SPF).

Trimezia cathartica caracteriza-se por apresentar folhas cilíndricas, escapo com duas brácteas alternas na região apical, e estiletos com ramos trifidos e cristas estreito-trianguulares. Muitas vezes, é confundida com *T. juncifolia* em coleções de herbário, devido às folhas cilíndricas e à morfologia floral similar, mas difere facilmente desta por seu escapo áfilo. Apresenta grande variação fenotípica no comprimento de folhas e escapos. Em Rio de Contas, ocorrem tanto indivíduos com folhas de 11–32 cm compr. (e.g., *Harley 54527*), quanto indivíduos com folhas até 64 cm (e.g., *Córtés 80*).

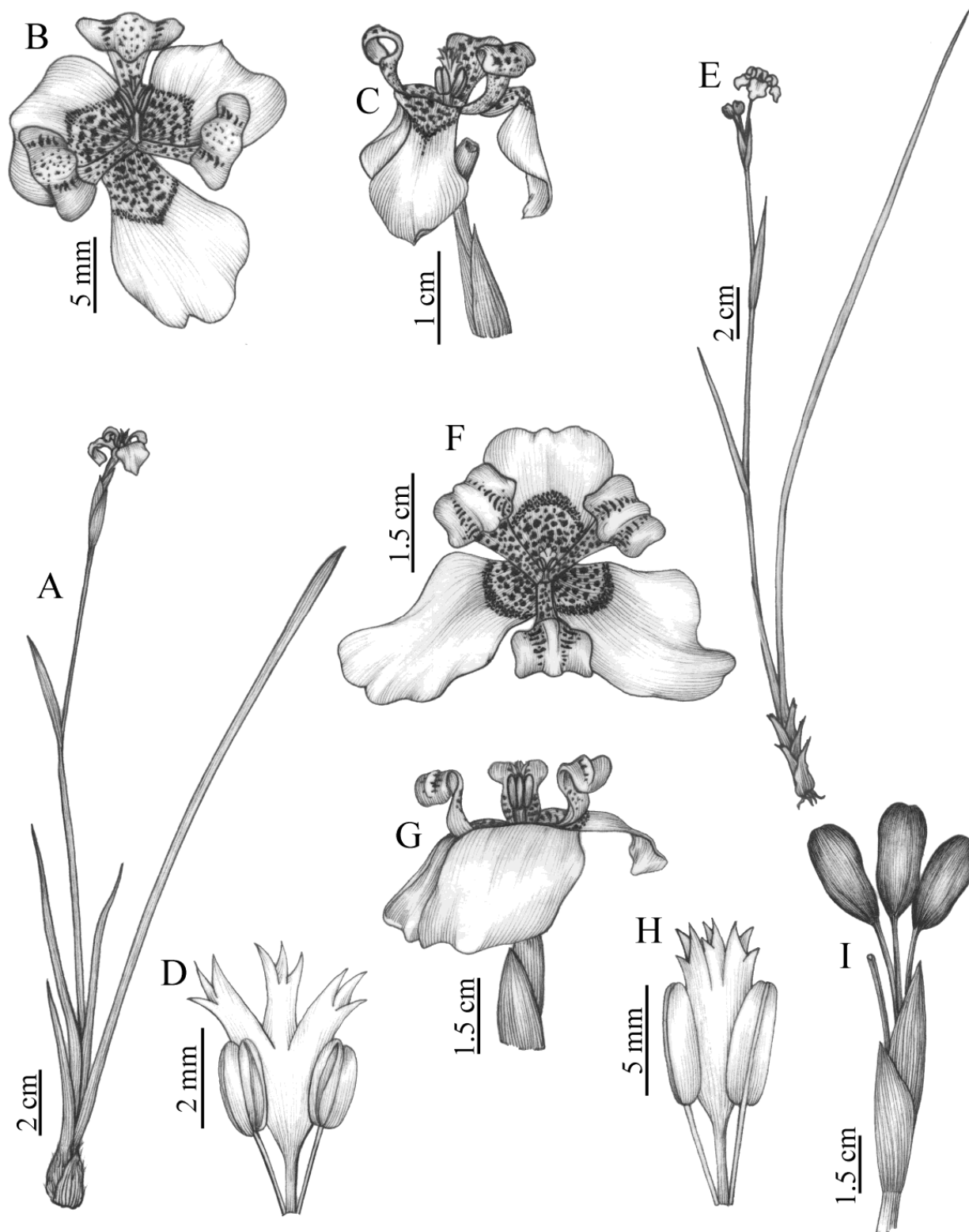


Figura 17. A–D. *Trimezia brevicaulis*: A- hábito; B- flor, vista frontal; C- flor, vista lateral; D- estames e estiletos. E–I- *T. cathartica*: E- hábito; F- flor, vista frontal; G- flor, vista lateral; H- estames e estiletos; I- ripídio com frutos maduros. (A–D- *Conceição 1742* HUEFS; E- *Harley 27421* CEPEC; F–H- *Oliveira 109* HUEFS; I- *Conceição 140* SPF).

7.3. *Trimezia caulosa* Ravenna, *Wrightia* 7(2): 94. 1982.

Figuras 18, 19A–D e 28A–C.

Ervas 0,4–1,2 m alt., corno 1–2 × 0,5–2 cm.

Folhas 1–7 por planta, 8–120 × 0,4–1,5 cm, lineares ou

linear-ensiformes, membranáceas, nervura mediana proeminente. **Escapo** 3,5–26 cm compr., ápice portando uma bráctea menor que o comprimento do pedúnculo do ripídio, linear-ensiforme, 3–45 × 0,5–1,5 cm, foliácea. **Ripídios** 1 ou 2; pedúnculo 11–55 cm

compr.; espátas 2,2–3,5 × 0,5–1 cm. **Flores** amarelas; tépalas externas obovais, 1,8–2,3 × 0,5–1 cm, eretas, côncavas, ápice trilabiado, região mediano-apical revoluta, região basal com estrias castanhas; tépalas internas oboval-oblongas, 1,2–1,5 × 0,6–0,8 cm, eretas, com estrias castanhas em toda a sua extensão, ápice truncado; filetes amarelos, 0,3–0,6 cm compr., anteras amarelas, oblongas, 0,3–0,4 cm compr.; ovário ca. 0,5 × 0,1–0,2 cm, estiletos amarelos, 0,7–1 cm compr., unidos até 0,6–0,8 cm compr., base cilíndrica, região mediano-apical globosa, ramos trifídeos, cristas truncadas, levemente franjadas, as laterais ca. 0,1 cm compr., a central ca. 0,3 mm compr. **Cápsulas** oblongas, 0,6–1,2 × 0,2–0,3 cm; sementes 0,2–0,4 × 0,2–0,3 cm.

Endêmica do Litoral Sul da Bahia, em região de mata atlântica, mas com distribuição mais ampla do que a originalmente fornecida por Ravenna (1982). **F/G8, G8, H8, I8**: floresta ombrófila, floresta de tabuleiros e mata higrófila, em altitude de 40 a 100 m. Floresce e frutifica de julho a janeiro, com as flores se abrindo no período da manhã e fechando por volta das 14:00 horas.

Material selecionado – **Camamu**, fazenda Brahma, 19 dez. 1985, *T.S. Santos 3979* (CEPEC, RB, SPF); **Ilhéus**, estrada Ilhéus-Itacaré, ramal fazenda Ponta Grossa, em direção à Lagoa Encantada, 14°36'01"S, 38°11'24"W, 14 fev. 2014, *P.N. Oliveira 115* (HUEFS); **Itacaré**, ca. 8 km SW de Itacaré, rodovia Itacaré-Ubaitaba, 14°20'S, 39°03'W, 31 jan. 1977, *R.M. Harley 18432* (CEPEC, MBM, SPF); **Santa Cruz Cabralia**, Reserva Biológica Pau-Brasil, 15 set. 1971, *T.S. Santos 1924* (isótipo CEPEC); **Porto Seguro**, rodovia BR-367, a 16 km W de Porto Seguro, próximo à Estação Ecológica do Pau-Brasil, 3 nov. 1978, *A. Euponino 368* (parátipo CEPEC, SPF); **Una**, fazenda Bolandeira, 15°23'14"S, 39°05'46"W, 21 out. 2011, *E. Matos 3345* (HUEFS).

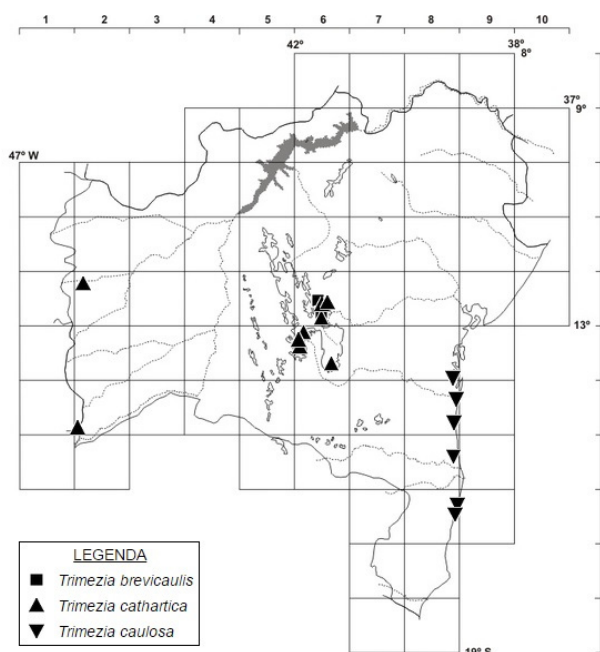


Figura 18. Mapa de distribuição de *Trimezia brevicaulis*, *T. cathartica* e *T. caulosa* no estado da Bahia.

Ravenna (1982), ao descrever *Trimezia caulosa* caracterizou o ramo florífero como sendo cilíndrico (*teres*). Entretanto, Chukr & Giulietti (2001), ao analisarem o isótipo *T.S. Santos 1924* (CEPEC) e o parátipo *Espunino 368* (CEPEC), consideraram que a espécie apresentava filotaxia equitante e escapo achatado, transferindo a mesma para o gênero *Neomarica*. Em contrapartida, Gil (2012), em revisão do gênero, indicou que o escapo cilíndrico é conspícuo, como descrito por Ravenna, e que os estudos filogenéticos com a tribo Trimezieae suportam a inclusão da espécie em *Trimezia*, posicionamento aceito no presente trabalho. A espécie caracteriza-se por possuir uma bráctea inserida no escapo, com comprimento menor que o pedúnculo do ripídio e flores amarelas, com tépalas eretas e côncavas na porção basal, com forma semelhante à de uma taça, e região mediano-apical revoluta. Apresenta grande variação fenotípica quanto ao porte dos indivíduos, além do comprimento de folhas, escapo e bráctea. Os indivíduos de maior porte foram encontrados ao sul da Bahia, nos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia, com folhas de 70–120 cm de comprimento, enquanto os materiais de menor porte estão concentrados nos municípios de Ilhéus, Itacaré, Una e Camamu, com folhas de 11–45 cm de comprimento.

7.4. *Trimezia juncifolia* (Klatt) Benth. & Hook.f., Gen. Pl. [Bentham & Hooker f.] 3(2): 690. 1883. Figuras 19, 20 e 28D.

Ervas 0,25–0,57 m alt.; cormo 1–2 × 1–1,5 cm. **Folhas** 1 ou 2 por planta, 10–52 × 0,3–0,5 cm, cilíndricas, eretas, rígidas. **Escapo** 12–55 cm compr., áfido. **Ripídio** 1; espátas 2–3 × 0,5–1 cm. **Flores** amarelas a alaranjadas; tépalas externas oboval-elípticas, 2,3–3,5 × 1–2 cm, patentes, base com tricomas capitados e estrias transversais castanho-vináceas; tépalas internas oboval-oblongas, 1–2,1 × 0,4–1 cm, eretas, ápice obtuso, estrias transversais castanho-vináceas em toda a sua extensão; filetes amarelos, ca. 0,5 cm compr., anteras amarelas ou verdes, oblongas, ca. 0,75 cm compr.; ovário 0,4–1 × 0,15–0,25 cm, estiletos amarelos, ca. 1,4 cm compr., unidos até 0,5–1 cm compr., com região basal cilíndrica, região mediano-apical alargada, ramos trifídeos, cristas curto-triangulares, ápice agudo, as laterais ca. 0,2 cm compr., a central ca. 0,05 mm compr. **Cápsulas** ovoides ou oboval-oblongas, 1–2 × 0,5–1,5 cm; sementes 2,5–3 × 1–3 mm.

Amplamente distribuída nos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e mais raramente em São Paulo e Paraná (Chukr & Giulietti 2008; Eggers et al. 2016), sendo este o seu primeiro registro para a Bahia, no oeste do estado. **F2**: cerrado. Floresce em outubro.

Material examinado – **Correntina**, vereda próximo ao Rio das Éguas, 13°30'S, 45°35'W, 17 out. 1989, *R.C. Mendonça et al. 1562* (UB).

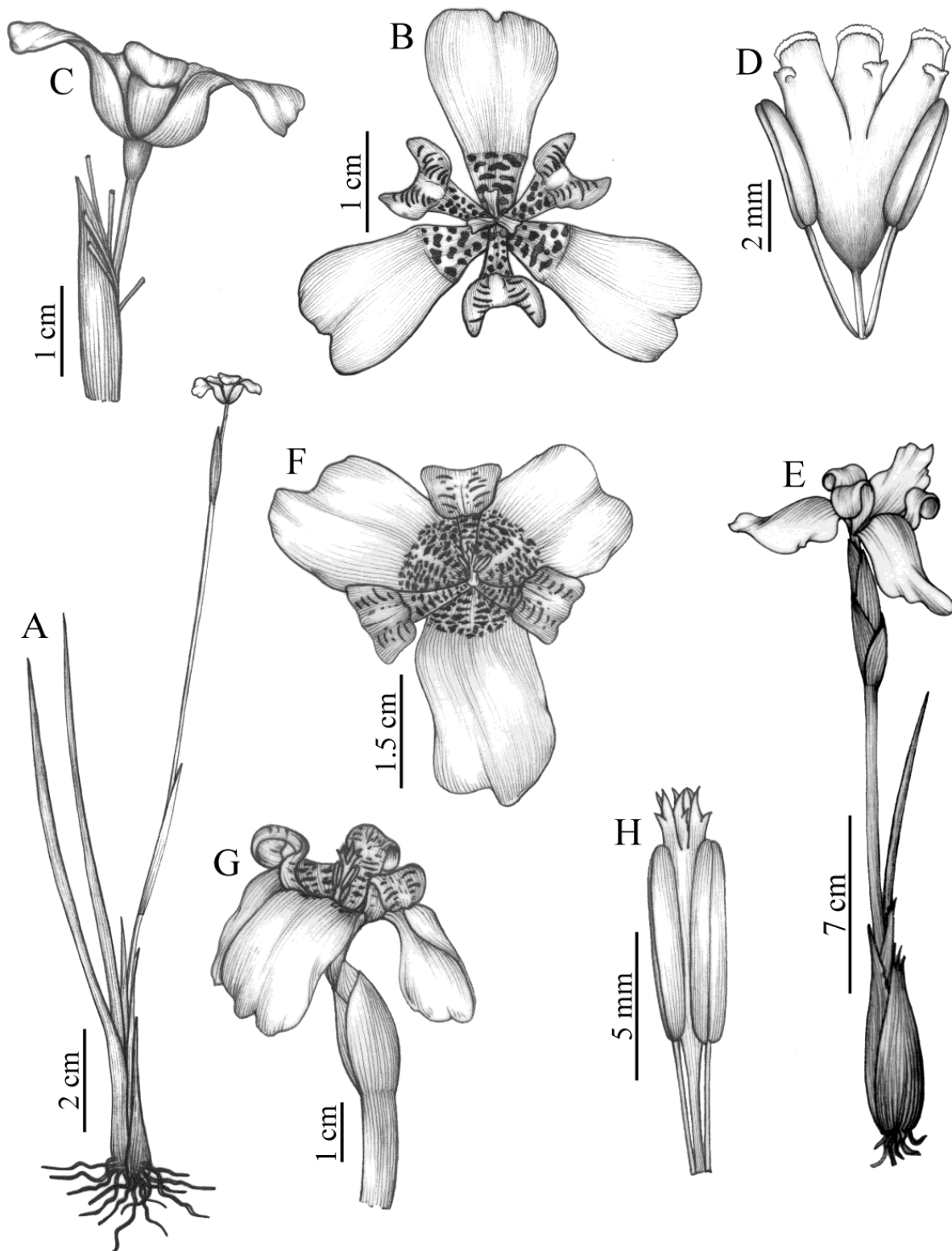


Figura 19. A–D- *Trimezia caulosa*: A- hábito; B- flor, vista frontal; C- flor, vista lateral; D- estames e estiletes. E–H- *T. juncifolia*: E- hábito; F- flor, vista frontal; G- flor, vista lateral; H- estames e estiletes. (A–D- Oliveira 115 HUEFS; E, F- Mendonça 1562 UB; G–I- van den Berg 1262 HUEFS).

Material adicional – BRASIL. GOIÁS: Pirenópolis, Ponto 9, Serra dos Pirineus, 15 km de estrada a direita de Cocalzinho, 15°47'47"S, 48°49'51"W, 11 fev. 2004, C. van den Berg 1262 (HUEFS). MINAS GERAIS: São Roque de Minas, Parque Nacional

da Serra da Canastra, estrada São Roque de Minas-Sacramento, ca. de 2 km da nascente do rio São Francisco, 15 dez. 1998, M.A. Farinaccio & E.M. Campos Filho 233 (SPF); Santana do Riacho, Serra do Cipó, rodovia Belo Horizonte-Conceição do Mato Dentro,

km 131, 16 jan. 1987, *N.S. Chukr & A.P. Godoy s.n.* (MBM 267001, SPF 46971); SÃO PAULO: Itirapina, próximo ao pedágio, Represa do Broa, 22°10'52"S, 47°52'48"W, 7 dez. 1994, *K.D. Barreto et al.* 3348 (ESA).

Trimezia juncifolia distingue-se pelas folhas cilíndricas, de onde lhe advém o epíteto específico, além do escapo áfido e as flores alaranjadas, caracteres que a diferenciam de *T. cathartica*, espécie mais semelhante morfológicamente. De acordo com os espécimes analisados, é a espécie de *Trimezia* com menor frequência na Bahia, com apenas uma coleta no estado, em área de cerrado. As medidas das flores, frutos e sementes foram feitas a partir dos materiais adicionais.

7.5. *Trimezia martinicensis* (Jacq.) Herb., Edwards's Bot. Reg. misc. 88. 1844.
= *Trimezia connata* Ravenna, Wrightia 7: 91. 1982. Figuras 20, 21A–D, e 28E, F.

Nome popular: íris-miúda.

Ervas 0,3–0,5 m alt.; cormo 1–2 × 0,5–1,5 cm. **Folhas** 1–7 por planta, 12–63 × 0,3–1 cm, lineares, membranáceas, nervura mediana proeminente. **Escapo** 5–45 cm compr., ápice portando uma bráctea maior ou aproximadamente igual ao comprimento do pedúnculo do ripídio, linear-ensiforme, 9–50 × 0,3–1 cm, foliácea, nervura mediana proeminente. **Ripídios** 1–3; pedúnculo 7–40 cm compr.; espátas 1–1,5 × 0,3–0,5 cm. **Flores** amarelas; tépalas externas obovais a elíptico-ovais, 1,7–2 × 0,6–0,7 cm, eretas, côncavas, ápice emarginado com tricomas filamentosos, região basal com estrias castanhas, tépalas internas oblongas, 1,2–1,4 × 0,3–0,5 cm, eretas, ápice obtuso, acuminado, com tricomas filamentosos, estrias castanhas em toda a sua extensão; filetes amarelos, 0,4–0,6 cm compr., anteras castanhas, oblongas, 0,3–0,4 cm compr.; ovário 0,3–0,4 × 0,1–0,2 cm, estiletos amarelos, ca. 0,8 cm compr., unidos até ca. 0,3 cm compr., base cilíndrica, região mediano-apical globosa, ramos duplamente bífidos, cristas curto-triangulares, ápice agudo, laterais e centrais ca. 0,1 mm compr. **Cápsulas** oblongas, 0,7–2 × 0,3–0,5 cm; sementes 0,2–0,4 × 0,2–0,3 cm.

Apresenta a maior distribuição geográfica dentre as espécies do gênero, ocorrendo na América Central, Brasil e Venezuela (Chukr & Giulietti 2008). No Brasil, é indicada para o estado do Amazonas e, na região leste brasileira, do Piauí a Santa Catarina (Chukr & Giulietti 2008; Eggers et al 2016), podendo ocorrer como planta invasora, principalmente em gramados (Capellari Jr. 2005). **C6, D6, E8, E9, E10, F6, F8, F8/9, G5, G8, H8:** campo rupestre, caatinga, cerrado, floresta atlântica, floresta estacional semidecidual, mata ciliar e restinga, em altitudes até 1120 m, geralmente a pleno sol, formando grandes populações em locais antropizados, próximos à beira de estradas. Floresce e frutifica o ano todo, com as flores se abrindo pela manhã e se fechando por volta das 14:00 horas.

Material selecionado – **Abaira**, Serra em Catolés de Cima, 30 maio 1994, *F. França et al.* 1047 (HUEFS, SPF); **Amargosa**,

fazenda Timbó–Palmeirinha, área 6, centro Sapucaia, 13°10'S, 39°09'W, 17 mar. 2007, *J.L. Paixão et al.* 1117 (HUEFS); **Cairu**, Morro do São Paulo, 13°24'38"S, 38°54'53"W, 27 out. 1996, *M.L. Guedes & M. Acioly* 4826 (ALCB); **Camaçari**, às margens do rio Capivara, 12°41'S, 39°29'W, 10 ago. 1999, *M.L. Guedes & F.A. Mendonça* 6479 (ALCB); **Camamu**, fazenda Brahma, próximo a 14°09'05"S, 39°21'04"W, 2 fev. 2006, *A. Gil et al.* 182 (UEC); **Conde**, Fazenda do Bu, Trilha da Re flora, 12°0'27"S, 37°42'08"W, 13 ago. 1996, *M.C. Ferreira et al.* 1022 (RB); **Elísio Medrado**, Projeto Gambá, Reserva do Jequitibá, estrada de acesso da captação de água, 12°52'S, 39°28'W, 23 set. 2003, *C. van den Berg* 1009 (HUEFS); **Entre Rios**, Pau de Umbigo, em frente à estrada da fazenda Coité, lado direito da estrada de chão, 11°51'39"S, 38°01'09"W, 8 out. 2014, *P.N. Oliveira* 119 (HUEFS); **Feira de Santana**, Campus da UEFS, 12°58'S, 38°58'W, 7 jun. 2001, *L.P. Queiroz* 6632 (HUEFS); **Ibirapitanga**, rodovia BR-330, trecho BR-101-Ubatã, a 10 km do entroncamento para Ibirapitanga, 4 maio 1979, *S.A. Mori & T.S. Santos* 11772 (RB); **Igrapiúna**, povoado Laranjeiras, 13°54'19"S, 39°12'28"W, 17 jul. 2010, *M.L. Guedes et al.* 17252 (ALCB); **Ilhéus**, estrada Itacaré, ca. 6 km da ponte da beira da estrada, 14°47'S, 39°12'W, 22 maio 2007, *M.M. Silva-Castro et al.* 1202 (HUEFS); **Itacaré**, ca. 8 km SW de Itacaré, rodovia Itacaré-Ubaitaba, 14°18'32"S, 39°02'15"W, 14 fev. 2014, *P.N. Oliveira et al.* 117 (HUEFS); **Ituberá**, assentamento Josidei Hipólito, Km 15 da rodovia Ituberá-Gandu, 30 jun. 2002, *L.A. Mattos-Silva & B.R. Santos* 4551 (ALCB, CEPEC, UESC); **Licínio de Almeida**, estrada para Caetitê, 14°36'32"S, 42°31'55"W, 3 nov. 2006, *A. Rapini & R. Souza-Silva* 1319 (HUEFS); **Morro do Chapéu**, rodovia BA-426, Km 6 no sentido Morro do Chapéu/Jacobina, fazenda do Sr. Joaquim Coutinho, 12 ago. 1979, *A.J. Ribeiro* 45 (CEPEC); **Salvador**, Dunas de Itapuã, 12°56'S, 38°21'W, jan. 1980, *L.R. Noblick* 1616 (ESA, HUEFS); **Serrinha**, próximo à Torre da Embratel, povoado Barra do Vento, 11°37'45"S, 39°04'75"W, 5 ago. 2014, *P.N. Oliveira et al.* 121 (HUEFS); **Ubirataia**, mata próxima à Torre, entre o povoado de Mineiros e Algodão, 13°53'29"S, 39°41'04"W, 21 jul. 2013, *L.Y.S. Aona et al.*

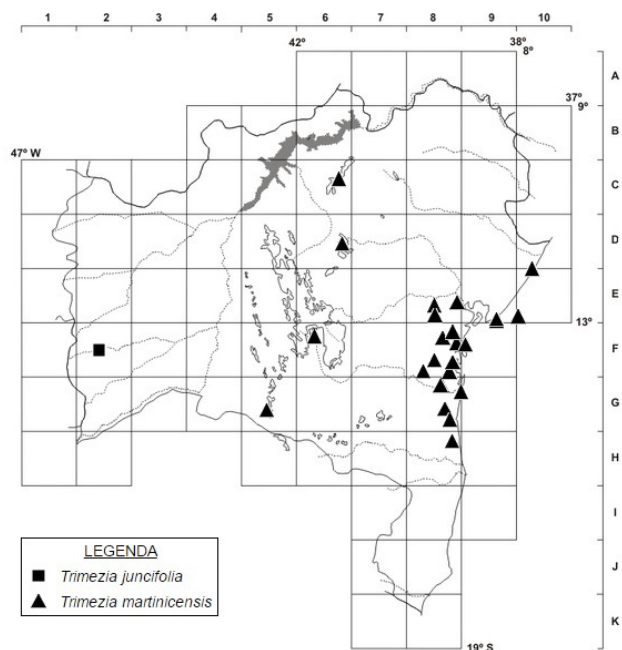


Figura 20. Mapa de distribuição de *Trimezia juncifolia* e *T. martinicensis* no estado da Bahia.

2862 (HUEFS, RB); **Umburanas**, Serra do Curral Feio (Serra da Empreitada), Cachoeirinha, à beira do rio Tabuleiro, ca. 10 km NW de Delfino, na estrada que sai pelo depósito de lixo, 10°21'S, 41°13'W, 11 abr. 1999, *L.P. Queiroz et al. 5351* (HUEFS, SPF); **Una**, Reserva Biológica de Una, Piedade, 15°10'36"S, 39°08'38"W, 15 ago. 1998, *A. Martini & D.G. Santos 38* (CEPEC, UESC); **Uruçuca**, Distrito de Serra Grande, arredores da Sede do Distrito, 1–12 jul. 1991, *A.M. Carvalho et al. 3501* (CEPEC); **Valença**, entroncamento da rodovia BA-542 com a BR-101, 13°16'49"S, 39°19'50"W, 4 set. 2006, *A.M. Amorim & W.D. Rocha 6267* (CEPEC); **Wenceslau Guimarães**, Reserva Estadual, próximo ao Pico do Urubu, 2 abr. 1993, *L.A.M. Silva & S.C. Sant'Ana 2937* (CEPEC).

Trimezia martinicensis é a espécie-tipo do gênero e pode ser reconhecida pela presença de uma única bráctea, sendo esta maior ou aproximadamente igual ao comprimento do pedúnculo do ripídio, e pelas flores amarelas com tépalas eretas e côncavas, conferindo à flor um aspecto globoso. Apresenta considerável variação fenotípica relacionada ao porte dos indivíduos e ao comprimento das folhas, com espécimes robustos, portando folhas de 33–40 cm de comprimento (e.g., *Carvalho 3223*), e outros delicados, portando folhas de 18–24 cm de comprimento (e.g., *Melo 3445* e *Queiroz 5351*). É semelhante vegetativamente a *T. brevicaulis* e *T. caulosa*, pois as três espécies possuem uma única bráctea, de onde partem as inflorescências pedunculadas. Elas diferem pela presença de uma bráctea geralmente com comprimento maior ou aproximadamente igual ao do pedúnculo do ripídio e os estiletes duplamente bifidos em *T. martinicensis*, enquanto em *T. brevicaulis* e *T. caulosa*, a bráctea apresenta comprimento menor que o pedúnculo do ripídio e os estiletes são trifidos e longo-triangulares em *T. brevicaulis* e trifidos e truncados em *T. caulosa*.

Ravenna (1982) descreveu *Trimezia connata* a partir de material de Morro do Chapéu (*Ribeiro 45*, CEPEC), caracterizando-a com tépalas externas fortemente aderidas entre si por apículos. Após análise do holótipo e de outros materiais identificados pelo autor da espécie, não foram encontradas diferenças morfológicas em relação a *T. martinicensis*, principalmente em relação às tépalas externas, nas quais não se evidenciaram os apículos, nem nos estiletes. Esta análise concorda com Chukr & Giulietti (2008), que propuseram a sinonimização de *T. connata* e *T. martinicensis*, posição não adotada na Flora do Brasil (Eggers et al. 2016), que aceita *T. connata*.

7.6. *Trimezia sincorana* Ravenna, *Wrightia* 7(2): 90. 1982.

Figuras 21E–H, 22 e 28G, H.

Ervas 0,4–2,5 m alt.; cormo 2–5 × 2–2,5 cm. **Folhas** 2–6 por planta, 25–180 × 0,5–2 cm, lineares, coriáceas, nervura mediana proeminente. **Escapo** 11–50 cm compr., portando várias brácteas, subcoriáceas, 2–7 por planta, a primeira linear-ensiforme, 4,5–25 ×

0,8–1 cm, as demais linear-ensiformes a falcadas, 1,5–9,5 × 0,5–1 cm, separadas por entrenós de 6,3–27 cm compr. **Ripídios** 4–6; pedúnculo 6,5–38 cm compr.; espatas 1,5–3,6 × 0,4–1 cm. **Flores** amarelas; tépalas externas oboval-elípticas, 1,6–3 × 1–2,4 cm, base com estrias castanho-vináceas e tricomas capitados; tépalas internas oboval-oblongas, 1,5–1,8 × 0,5–0,7 cm, com estrias vináceas em toda a sua extensão; filetes castanhos, 0,3–0,4 cm compr., anteras castanhas, ca. 0,4 cm compr.; ovário 0,3–0,4 × 0,1–0,2 cm, estiletes amarelos, 0,8–1,1 cm compr., unidos até 0,5 cm compr., base cilíndrica, região mediano-apical globosa, ramos trifidos, cristas longo-triangulares, ápice acuminado, as laterais ca. 1 mm compr., a central ca. 0,5 mm compr. **Cápsulas** oblongas, 1,4–2 × 0,5–1 cm; sementes ca. 0,2 cm × 0,2–0,3 cm.

Presente nos estados da Bahia e Minas Gerais (Chukr & Giulietti 2008). **C6, D3, D6/7, D7, E6, E7, F6, J8**: campo rupestre, caatinga, cerrado, mata ciliar, mata de encosta e mata higrófila, em altitudes de 515 a 1163 m. Floresce e frutifica o ano todo, com as flores se abrindo pela manhã.

Material selecionado – **Abaira**, estrada Catolés-Barra, 10–11 km de Catolés, 12 mar. 1992, *B. Stannard et al. H51891* (CEPEC, HUEFS, SPF); **Andaraí**, caminho para a antiga estrada para Xique-Xique do Iगतú, 12°52'15"S, 41°18'25"W, 14 fev. 1997, *L. Passos et al. PCD 5655* (CEPEC, HUEFS); **Itaeté**, Chapadinha, 12°33'01"S, 41°23'33"W, 21, fev. 2004, *R. Funch 121* (HUEFS); **Itamaraju**, fazenda Pau-Brasil, ca. 5 km a NW de Itamaraju, 19 set. 1978, *S. Mori et al. 10729* (CEPEC); **Itaberaba**, Serra do Orobó, subindo da fazenda Monte Verde, lado Sul, 11°19'35"S, 44°11'31"W, 13 mar. 1999, *R.M. Harley et al. 53506* (HUEFS); **Jacobina**, Itaitu, Fazenda do Timbó, 11°15'51"S, 40°28'00"W, 6 set. 1999, *Melo et al. 3002* (HUEFS); **Lençóis**, Chapadinha, Chapada Diamantina, 12°27'36"S, 41°25'45"W, 25 ago. 2002, *M.J.G. Andrade & M.E.R. Junqueira 126* (HUEFS); **Morro do Chapéu**, Cachoeira do Ferro Doido, alto da cachoeira, 11°37'31"S, 40°59'59"W, 20 abr. 2004, *P.L. Ribeiro et al. 90* (HUEFS); **Mucugê**, primeira entrada à esquerda, próxima à pedreira, 12°57'24"S, 41°19'09"W, 11 mar. 2014, *P.N. Oliveira et al. 118* (HUEFS); **Palmeiras**, Morro do Pai Inácio, 12°27'20"S, 41°28'15"W, 25 out. 1994, *A.M. Amorim et al. PCD 953* (CEPEC, HUEFS, SPF); **Rio de Contas**, 8 km E da cidade, na estrada para Juciapé, 13°36'S, 41°45'W, 25 nov. 1988, *R.M. Harley et al. 26999* (CEPEC, HUEFS, K, SPF); **Ruy Barbosa**, trilha para o Pátio das Orquídeas, 12°18'14"S, 40°28'58"W, 28 jul. 2004, *L.P. Queiroz et al. 9396* (HUEFS); **Seabra**, Serra do Bebedor, a 40 km de Seabra, 15 nov. 1983, *J.C. Lima 314* (CEPEC, HUEFS, RB); **Sento Sé**, entre Almas de Cima e Minas do Mimoso, 10°19'18"S, 41°23'48"W, 1 maio 2002, *K.R.B. Leite et al. 165* (HUEFS).

Trimezia sincorana caracteriza-se por apresentar folhas coriáceas, com nervura mediana proeminente, e escapo portando de duas a sete brácteas, que se associam ao pedúnculo dos ripídios num crescimento monopodial em zig-zague, sendo as últimas linear-ensiformes ou falcadas. Com base em características morfológicas, Chukr & Giulietti (2008) consideraram *T. sincorana* como subespécie de *T. spathata* Baker, *Trimezia spathata* subsp. *sincorana* (Ravenna) Chukr,

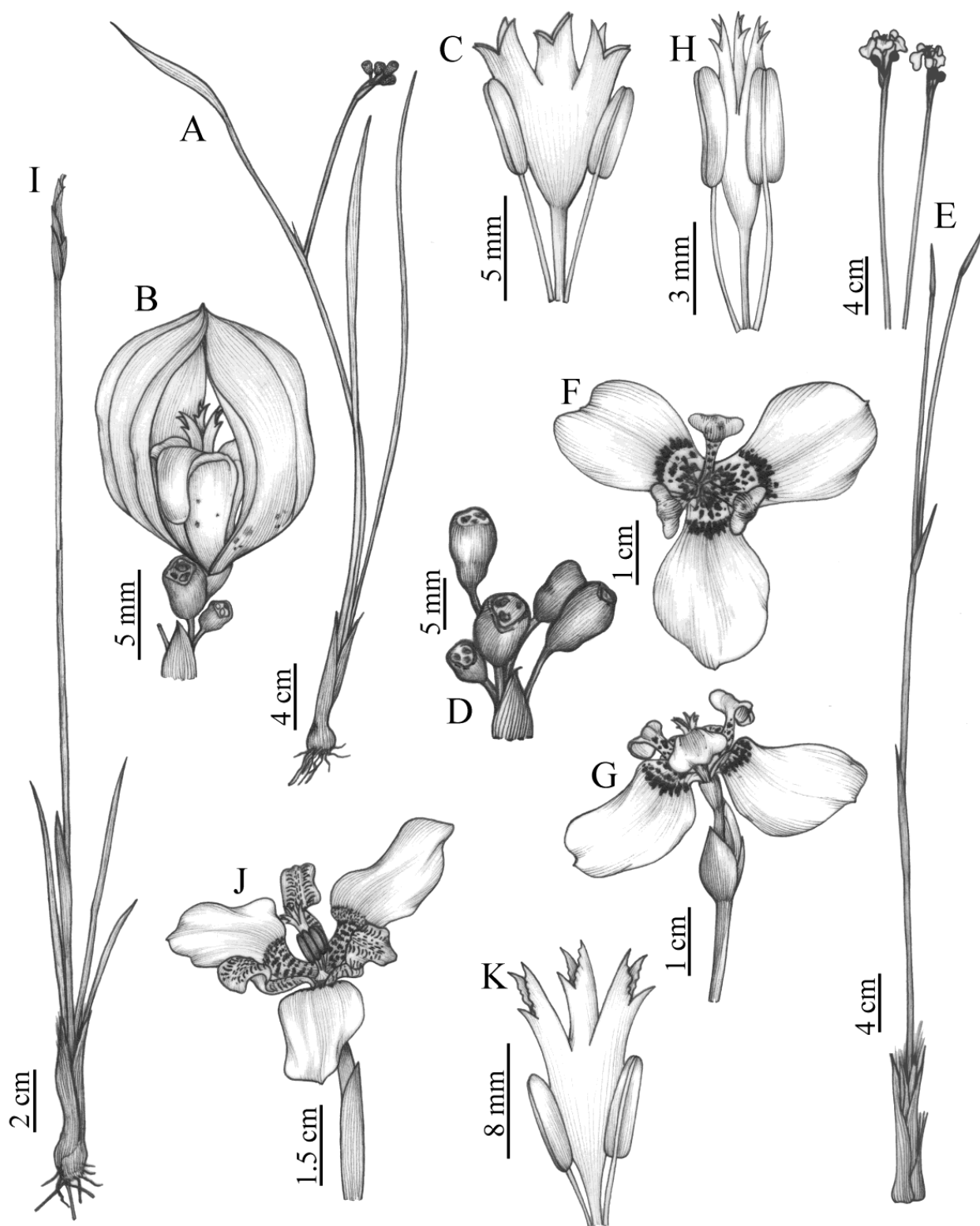


Figura 21. A–D. *Trimezia martinicensis*: A- hábito; B- flor, vista lateral; C- estames e estiletos; D- frutos. E–H- *T. sincorana*: E- hábito; F- flor, vista frontal; G- flor, vista lateral; H- estames e estiletos. I–K- *T. violacea*: I- hábito; J- flor, vista lateral; K- estames e estiletos. (A, D- Oliveira 117 HUEFS; B, C- Oliveira 119 HUEFS; E- Harley 26999 (CEPEC); F, G- Melo 3002 HUEFS; H- Andrade 126 HUEFS; I- Harley 27647 CEPEC; J–K- Garnev s.n. HUEFS 13721).

diferenciando-se das outras subespécies pelo porte maior, folhas em tonalidade verde-escura, coriáceas, nervura mediana proeminente e número de brácteas variando entre duas a sete. Contudo, estudos

filogenéticos com a tribo Trimezieae (Lovo et al. 2012) indicaram que esses táxons não estão proxicamente relacionados e devem ser considerados em espécies distintas, posicionamento adotado aqui.

Trimezia sincorana apresenta grande variação fenotípica no comprimento das folhas e brácteas. Indivíduos com porte maior apresentam mais brácteas e inflorescências, conferindo um aspecto mais laxo à planta. Por exemplo, o material *Queiroz 9396* apresentou indivíduos maiores, com folhas de 75–100 cm de comprimento e escapo com cinco brácteas, enquanto o material *Cardoso 410* apresentou indivíduos delicados, com folhas de 25–30 cm de comprimento e escapo com duas brácteas.

7.7. *Trimezia violacea* (Klatt) Ravenna, Rev. Inst. Munic. Bot. [Buenos Aires] 2: 60. 1962 [1964]. Figuras 21I–K, 22 e 28I.

Ervas 0,6–1 m alt.; cormo 2–3 × 0,4–0,6 cm. **Folhas** 1–5 por planta, 43–65 × 0,2–0,5 cm, lineares, nervura mediana proeminente. **Escapo** 54–90 cm, áfido. **Ripídio** 1; espatas 2–3,5 × 0,6–1 cm. **Flores** lilás; tépalas externas oboval-elípticas, 2,7–4,5 × ca. 2 cm, base ereta, com tricomas capitados e estrias transversais violeta, porção apical reflexa; tépalas internas oblongo-obovais, 2,8–3 × ca. 1 cm, estrias violeta em toda a sua extensão, mancha amarelada na concavidade interna, ápice obtuso; filetes amarelos, 0,5–0,8 cm compr., anteras negras, oblongas, 0,8–0,9 cm compr.; ovário 0,5–0,8 × 0,1–0,2 cm, estiletos violetas, ca. 1,5 cm compr., unidos até 1,0–1,3 cm compr., região mediano-apical alargada, ramos trifídeos, cristas curto-triangulares, ápice agudo, as laterais ca. 0,3 cm compr., levemente franjadas, a central ca. 0,2 mm compr. **Cápsulas** oboval-elipsoides, 1,2–1,8 × 0,7–0,9 cm; sementes 0,3–0,4 × 0,2–0,3 cm.

Ocorre nos estados da Bahia e Minas Gerais (Chukr & Giulietti 2008), sendo indicada também para Goiás e Distrito Federal (Eggers et al. 2016). **F6**: campo

rupestre, na região sul da Chapada Diamantina, em altitudes acima de 1000 m. Floresce e frutifica em dezembro.

Material examinado – **Abaíra**, Distrito de Catolés, dez. 1992, *W. Ganev s.n.* (HUEFS 13721); **Rio de Contas**, Pico das Almas, vertente leste, Junco, 13°32'S, 41°53'W, 21 dez. 1988, *R.M. Harley & B. Stannard 27647* (CEPEC, SPF).

Trimezia violacea é facilmente identificável por apresentar folhas lineares, escapo áfido e flores de cor lilás, caráter pouco comum no gênero. Existem somente duas coletas no estado, não sendo recoletada desde 1992. Suas populações possuem poucos indivíduos, o que levou Ravenna (1977) a considerá-la em vias de extinção. O pequeno número de catafilos fibrosos quando comparado ao das demais espécies de *Trimezia* sugere um período de vida relativamente mais curto ou a não formação da parte aérea em todos os anos, o que pode contribuir para o risco de extinção da espécie.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), pela infraestrutura disponibilizada para a execução deste trabalho; aos curadores dos herbários, pelo acesso às coleções; à Carla de Lima, pela ilustração, e ao Lucas Marinho, pela montagem das pranchas de ilustração; ao CNPq, pelas bolsas de produtividade concedidas a AMG e RPO (PQ Senior e PQ1D, respectivamente) e pela bolsa de MSc para a primeira autora. As autoras também agradecem à FAPESB, pelo apoio financeiro ao projeto Flora da Bahia (FAPESB APR 162/2007), e ao CNPq, pelo apoio à Flora da Bahia (processos 562278/2010-9 e 483909/2012-2), Re flora (563858/2010-5) e PPBIO/Semiárido.

REFERÊNCIAS

- Alves, L.I.F.; Lima, S.A.A. & Felix, L.P. 2011. Chromosome characterization and variability in some Iridaceae from Northeastern Brazil. *Genetics and Molecular Biology* 34(2): 259–267.
- APG IV. 2016. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. *Botanical Journal of the Linnean Society* 181(1): 1–20.
- Aublet, J.B.C.F. 1775. *Histoire des Plantes de la Guiane Française*. Vol. 1. P.F. Didot Paris.
- Capellari Jr., L. 2000. *Revisão Taxonômica do Gênero Neomarica Sprague (Tribo Mariceae, Subfamília Iridoideae, Iridaceae)*. Tese de Doutorado em Biologia Vegetal, Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas.
- Capellari Jr., L. 2005. Iridaceae da planície litorânea de Picinguaba, Ubatuba, São Paulo. *Hoehnea* 32: 207–213.
- Chukr, N.S. 1988. *A Família Iridaceae na Serra do Cipó, Minas Gerais (Brasil)*. Dissertação de Mestrado. Instituto Biociências da Universidade de São Paulo.

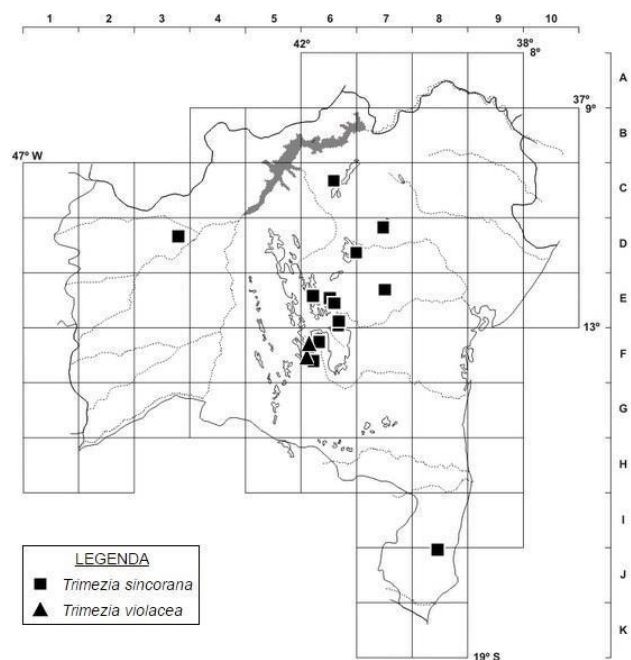


Figura 22. Mapa de distribuição de *Trimezia sincorana* e *T. violacea* no estado da Bahia.

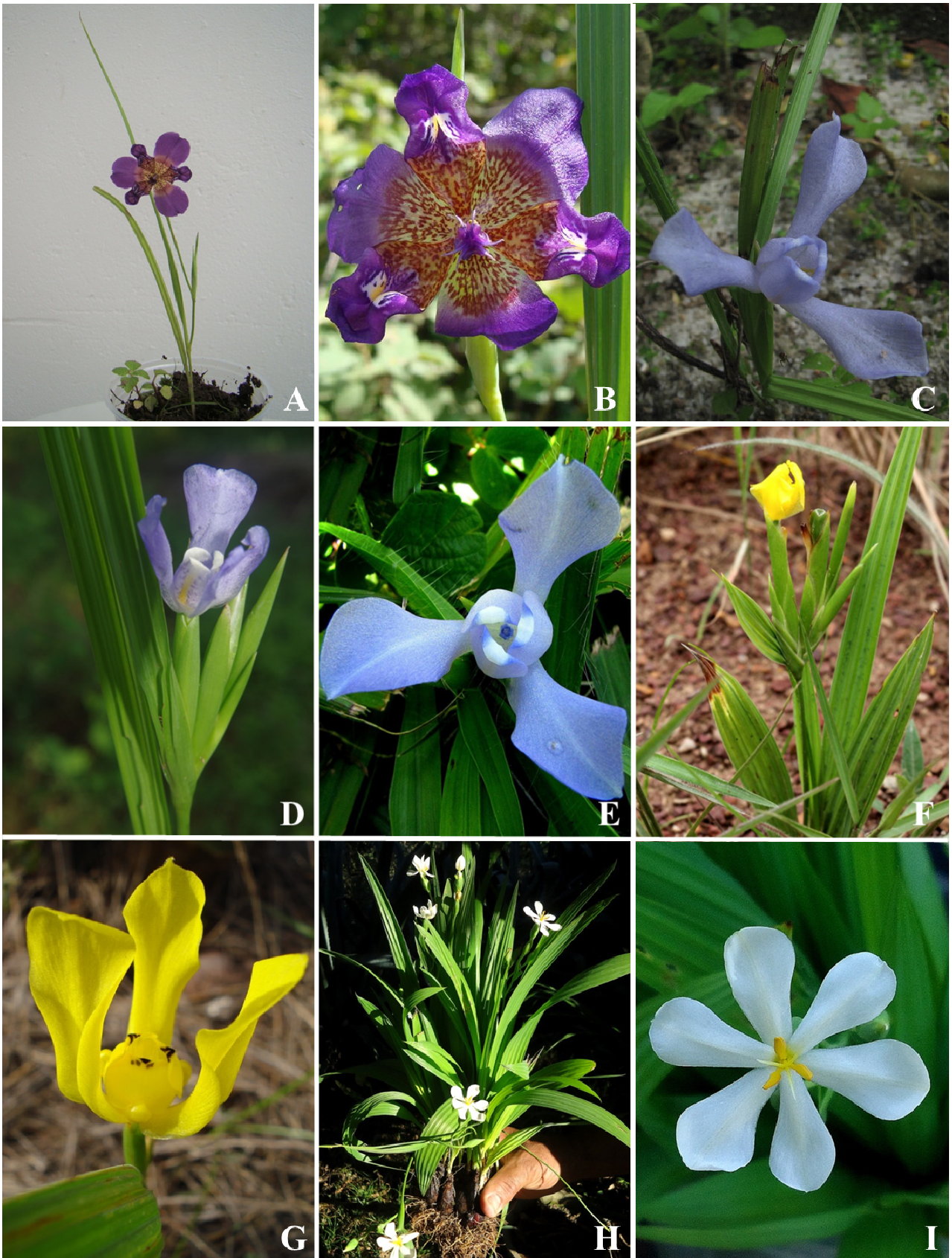


Figura 23. A, B. *Altophia drummondii*: A- hábito em cultivo; B- flor, vista frontal. C–E. *Cipura paludosa*: C- hábito; D- inflorescência com flor, vista lateral; E- flor, vista frontal. F, G. *C. xanthomelas*: F- hábito; G- flor, vista lateral. H, I. *Eleutherine bulbosa*: H- hábito; I- flor, vista frontal. (Fotos: A- Pamela N. Oliveira; B- Ana Maria Giulietti; C, H, I- Alex Popovkin; D, G- C.F. Hall; E, F- Maurício Mercadante).

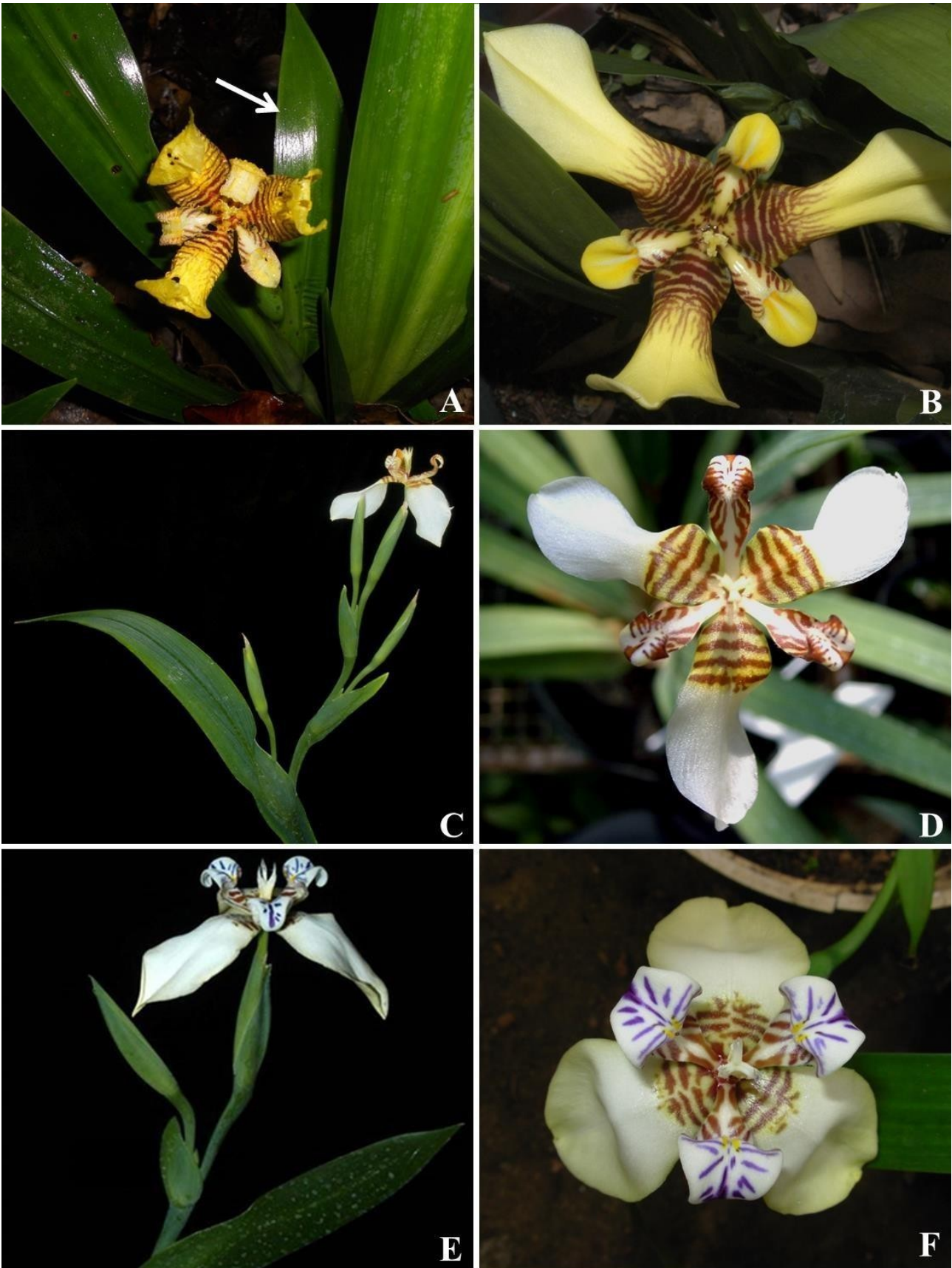


Figura 24. A, B. *Neomarica brachypus*: A- hábito, com seta indicando a segunda bráctea, com conspícua projeção alada; B- flor, vista frontal. C, D. *N. castanemaculata*: C- inflorescência; D- flor, vista frontal. E, F. *N. eburnea*: E- inflorescência; F- flor, vista frontal. (Fotos: A- Lucas Marinho; B, C, E- Volker Bittrich; D, F- André Gil).



Figura 25. A, B. *Neomarica floscella*: A- inflorescência; B- flor em vista frontal. C, D. *N. involuta*: C- hábito; D- flor em vista lateral. E, F. *N. portosecurensis*: E- inflorescência; F- flor em vista frontal. (Fotos: A- Volker Bittrich; B-D- André Gil; E, F- Alex Popovkin).



Figura 26. A, B. *Neomarica sabiniei*: A- hábito em cultivo; B- flor em vista frontal. C, D. *N. unca*: C- hábito em cultivo; D- flor em vista lateral. E, F. *Pseudiris speciosa*: E- hábito, com setas indicando as brácteas do escapo; F- flor, vista lateral. (Fotos: A, B- P.N. Oliveira; B, C- André Gil; E- Hibert Huaylla; F- Abel Conceição).

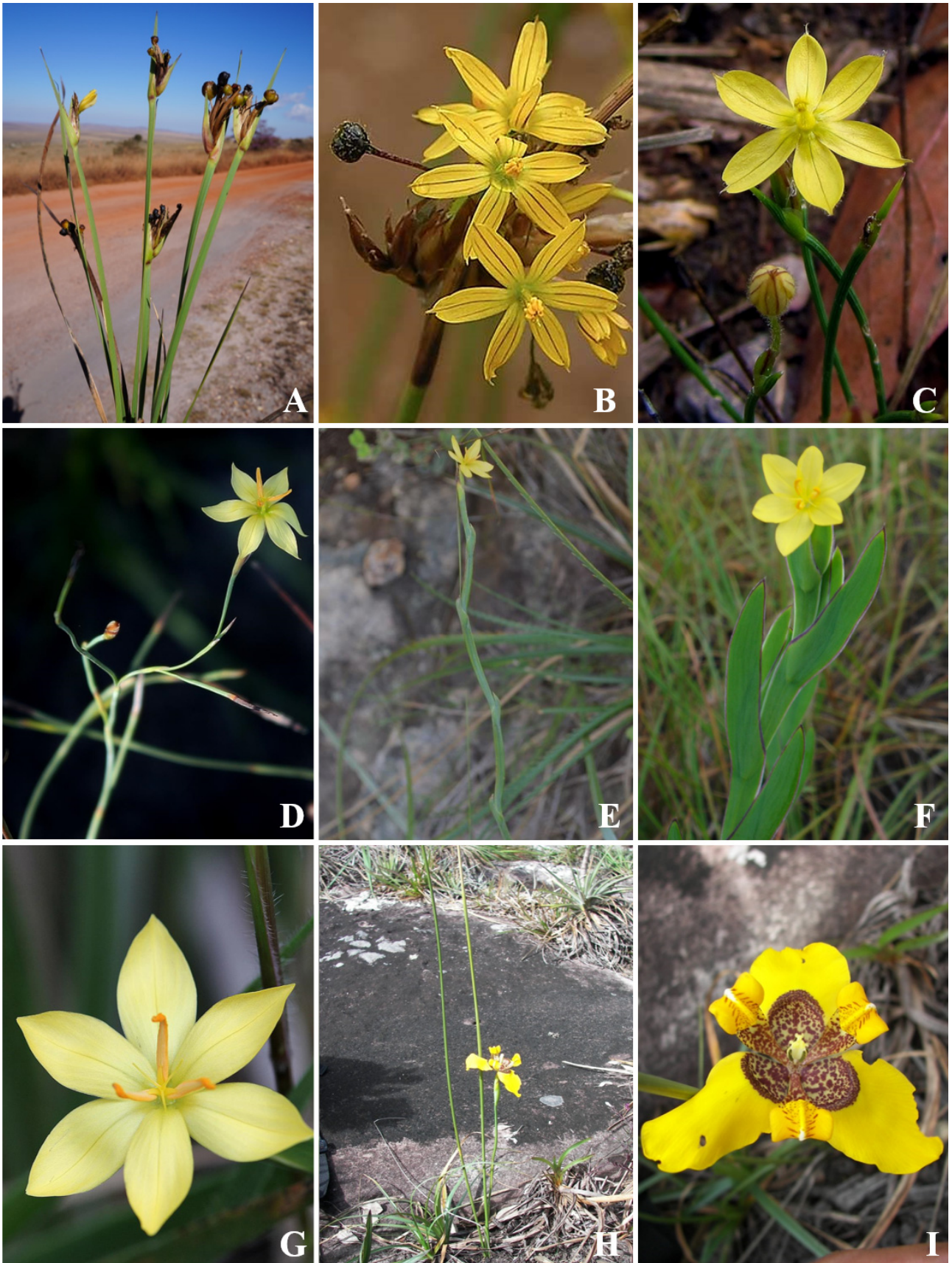


Figura 27. A, B. *Sisyrrinchium commutatum*: A- hábito; B- inflorescência. C. *S. luzula*: flor; D–G. *S. vaginatum*: D–F- hábito; G- flor, vista frontal. H, I. *Trimezia cathartica*: H- hábito; I- flor, vista lateral. (Fotos: A- Efigênia Melo; B- Mauro Peixoto; C, D, G- Maurício Mercadante; E- Ivan Abreu; F- Abel Conceição; H- Hibert Huaylla; I- Pâmela N. Oliveira).



Figura 28. A–C. *Trimezia caulosa*: A- hábito; B- flor, vista frontal; C- flor, vista lateral. D. *T. juncifolia*: hábito; E, F. *T. martinicensis*: E- hábito; F- flor, vista lateral. G, H. *T. sincorana*: G- inflorescência; H- flor. I. *T. violacea*: flor. (Fotos: A, B, E, F- Pâmela N. Oliveira; C, G- Efigênia Melo; D- Maurício Mercadante; H- Abel Conceição; I- Richard Winkworth).

- Chukr, N.S.** 1992. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Iridaceae. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 13: 111–131.
- Chukr, N.S. & Capellari Jr., L.** 2003. Iridaceae. In: M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd, T.S. Melhem, A.M. Giulietti & M. Kirizawa (eds), *Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo*. Vol. 3. RiMa, São Paulo, p. 45–62.
- Chukr, N.S. & Giulietti, A.M.** 2001. New combinations in the genus *Neomarica* (Iridaceae) and its segregation from *Trimezia* on the basis of morphological features. *Novon* 11: 376–380.
- Chukr, N.S. & Giulietti, A.M.** 2008. Revisão de *Trimezia* Salisb. ex Herb. (Iridaceae) para o Brasil. *Sitientibus série Ciências Biológicas* 8: 15–58.
- Dias, E.B.A.** 2010. Iridaceae. In: T.B. Cavalcanti & M.F. Batista (orgs), *Flora do Distrito Federal, Brasil*. Vol. 8. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, Brasília, p. 79–100.
- Eggers, L.** 2008. A família Iridaceae no Parque Estadual de Itapuã, Viamão, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências* 6(3): 167–175.
- Eggers, L.; Chukr, N.; Lovo, J. & Gil, A.** 2016. Iridaceae. In: *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2010/FB000136>. Acesso em 1 maio 2016.
- Gil, A.S.B.** 2012. *Revisão Taxonômica e Estudos Filogenéticos do Gênero Neomarica s.l. (Iridaceae)*. Tese de Doutorado em Biologia Vegetal. Universidade Estadual de Campinas.
- Gil, A.S.B.; Chukr, N.S.; Giulietti, A.M. & Amaral, M.C.E.** 2008. *Pseudiris speciosa*, a new genus and species of Trimezieae (Iridoideae, Iridaceae) from Chapada Diamantina, Brazil. *Proceedings of the California Academy of Sciences, series 4*, 59: 723–729.
- Gil, A.S.B.; Chukr, N.S.; Giulietti, A.M. & Amaral, M.C.E.** 2009. Seven new combinations in the genus *Neomarica* (Trimezieae – Iridaceae). *Harvard Papers in Botany* 14(2):97–99.
- Gil, A.S.B.; Bittrich, V. & Amaral, M.C.E.** 2014. Two new species of *Neomarica* Sprague (Trimezieae – Iridaceae) from Bahia state, northeastern Brazil. *Phytotaxa* 164: 47–57.
- Goldblatt, P. & Henrich, J.E.** 1987. Notes on *Cipura* (Iridaceae) in South and Central America, and a new specie from Venezuela. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 74: 333–340.
- Goldblatt, P. & Henrich, J.E.** 1991. *Calydorea* Herbert (Iridaceae–Tigridieae): notes of this New Word genus and reduction to synonymy of *Salpingostylis*, *Cardiostigma*, *Itysa* and *Catila*. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 78(2): 504–511.
- Goldblatt, P. & Manning, J.C.** 2008. *The Iris Family: natural history & classification*. Timber Press, Portland.
- Goldblatt, P.; Rodriguez, A.; Powell, M.P.; Davies, T.J.; Manning, J.C.; Bank, M. & Savolainen, V.** 2008. Iridaceae ‘Out of Australasia’? Phylogeny, biogeography, and divergence time based on plastid DNA sequences. *Systematic Botany* 33(3): 495–508.
- Lindley, J.** 1826. A report upon new or rare plants which have flowered in the garden of the Horticultural Society at Chiswick, from its first formation to March 1824. *Transactions of the Horticultural Society of London* 6: 62–100.
- Lorenzi, H. & Souza, H.M.** 1999. *Plantas Ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras*. 2 ed. Instituto Plantarum de Estudos da Flora. Nova Odessa.
- Lovo, J.; Winkworth, R.C. & Mello-Silva, R.** 2012. New insights into Trimezieae (Iridaceae) phylogeny: what do molecular data tell us? *Annals of Botany* 110: 689–702.
- Oliveira, P.N.; Gil, A.S.B.; Giulietti, A.M.; Oliveira, R.P. & Amaral, M.C.E.** 2016. *Neomarica castaneomaculata* and *N. involuta* (Iridaceae): two new endemic species from the Atlantic Forest, Brazil. *Phytotaxa* 286(2): 89–98.
- Ravenna, P.F.** 1977. Neotropical species threatened and endangered by human activity in Iridaceae, Amaryllidaceae and allied bulbous families. In: G.T. Prance & T.S. Elias (eds), *Extinction is Forever*. The New York Botanical Garden, New York, p. 257–263.
- Ravenna, P.F.** 1982. New species and miscellaneous notes in the genus *Trimezia* (Iridaceae). *Wrightia* 7(2): 90–95.
- Takeuchi, C.; Affonso, P. & Chukr, N.S.** 2008. Levantamento de Iridaceae Juss. no Núcleo Curucutu, Parque Estadual as Serra do Mar, São Paulo. *Revista do Instituto Florestal* 20(1): 51–63.

LISTA DE EXSICATAS

Almeida, E.F. 20 (7.6); **Almeida, J.** 34 (4.6), 180 (4.4); **Almeida-Silva, G.** 84 (6.4.), 140 (7.2), 145 (5.1.), 196 (7.2), 307 (5.1.); **Alves, R.J.V.** 4201 (5.1.); **Amorim, A.M.** 808 (4.4), 4164, 4413 (4.5), 4479 (4.1.), 6267 (7.5), 6443 (4.6), 6506 (4.5), 6575 (4.1.); **Andrade, M.J.G.** 126 (7.6); **Aona, L.Y.S.** 2862 (7.5); **Assis, E.L.M.** 1059 (7.6); **Atkins, S.** 4880 (6.4.); **Azevedo, C.** 295 (6.4.); **Barreto, K.D.** 3348 (7.4); **Bautista, H.P.** 1233 (7.6), 3877 (7.2), 3954, 4363 (6.4.); **Belém, R.P.** 2242 (7.5), 3332 (4.7); **Borba, E.L.** 1841 (5.1.); **Borges, R.A.X.** 499 (4.1.), 731 (4.8); **Brito, J.C.** 29 (5.1.); **Britto, K.B.** 28 (7.6), 36 (7.5); **Campos, G.S.** 65 (4.7); **Cardoso, D.** 410 (7.6), 434, 1381 (5.1.), 1426 (4.3.); **Carvalho, A.M.** 259 (7.3), 308 (7.5), 953, 1056 (7.6), 1601 (4.7), 1981, 2391 (7.6), 3223 (7.5), 3354, 3383 (4.4), 3501 (7.5), 3554, 4560 (4.4), 6366 (7.2); **Carvalho, G.M.** 158 (7.3), 266, 401 (4.6); **Carvalho-Sobrinho, J.G.** 436 (1.1); **Castro, J.** 7 (6.4.); **Cavalcanti, G.** 4 (1.1); **Cavalcanti, T.B.** 2430 (7.3); **Cavalo, G.P.** 765 (2.1); **Cerati, T.M.** 313 (6.4.); **Chautems, A.** 223 (7.3); **Chukr, N.S.** 799 (5.1.); **Colaço, M.** 174 (1.1); **Conceição, A.A.** 140 (7.2), 769 (5.1.), 844 (7.1), 1690, 1736 (6.4.), 1742 (7.1), 2853 (6.4.), 3129 (7.2), 3271 (6.4.), 3283 (6.2.) 4111 (6.3.); **Conceição, S.F.** 275 (7.6); **Coradin, L.** 7708 (7.6); **Cordeiro, I.** 7539 (6.3.); **Cortês, A.L.** 62 (2.2), 80 (7.2); **Costa, C.** 909 (7.5); **Costa, G.** 10 (6.2.), 95, 130 (6.4.); **Cotrim, A.** 1653 (6.4.); **Daneu, L.** 217 (4.6); **Davidse, G.** 11784 (1.1); **Eupunino, A.** 16 (7.3), 51 (4.6), 189 (4.7), 275 (7.3), 324 (4.6), 368 (7.3), 477 (4.6); **Farinaccio, M.A.** 233 (7.4); **Farney, C.** 299 (4.2); **Félix, L.P.** 6830 (7.6); **Fernandes, B.** 1840 (4.2.); **Ferreira, M.C.** 1022 (7.5); **Fiaschi, P.** 1912 (4.1.), 2360 (7.5), 2655 (4.6); **Fonseca, M.R.** 1263 (2.2); **Fonseca, W.** 267 (7.6); **Forzza, R.C.** 1323 (7.6); **França, F.** 1047 (7.5), 2760 (6.1.), 4804 (7.5), 3260 (2.1); **Freitas, M.** 26 (6.4.); **Funch, R.** 121 (7.6), 679 (6.4.), 702 (7.2); **Furlan, A.** 275, 424, 1960 (7.6); **Ganev, W.** 1808 (6.4.), s.n. HUEFS 13721 (7.6); **Gil, A.** 156 (4.6), 157 (4.7), 161 (4.3.), 178, 179 (7.3), 180 (4.4), 182 (7.5), 185 (4.7), 186 (4.3.); **Giulietti, A.M.** 1520 (6.3.), 1542 (7.2), 2065 (2.2), 2551 (4.7); **Gonçalves, L.M.C.** 171 (6.1.); **Gonçalves, J.M.** 103 (6.4.); **Grillo,**

A.A. 103 (6.2.); **Guedes, M.L.** 726 (7.6), 4861 (6.4.), 7815 (1.1), 9836 (6.1.), 10748 (6.4.), 10901, 11040 (1.1), 12891 (7.6), 14066 (1.1), 15102 (6.4.), 15133 (2.2), 17473 (4.7), 17624 (6.4.); **Hage, J.L.** 1738 (2.2); **Harley, R.M.** 14323 (7.6), 15093 (7.2), 15190, 15479 (6.4.), 15634 (7.2), 15763 (6.3.), 15764 (7.2), 15845, 15846 (6.2.), 15864, 16073, 16809 (6.4.), 17283 (4.7), 17477 (7.5), 17591, 17936 (4.7), 18432 (7.3), 18680 (7.6), 18978 (1.1), 20590 (7.6), 20843, 21320 (6.4.), 22451 (7.6), 22576 (6.4.), 25733 (7.2), 25981, 26255, 26326 (6.4.), 26364 (7.2), 26395, 26504, 26655 (6.4.), 26919 (6.3.), 27283 (4.7), 27302 (7.2), 27338, 27401 (6.4.), 27402 (6.3.), 27421 (7.2), 27647 (7.6), 50390 (6.4.), 50904, 51091 (7.2), 51891 (7.6), 52067 (6.4.), 53506 (7.6), 54527 (7.2), 55234, 55235 (6.4.), 55719 (3.1.); **Hatschbach, G.** 39562 (1.1), 47473, 48346 (7.6), 66036 (2.1), 66150, 69990, 75337 (4.7), 75401 (7.6), 78782 (2.1); **Hatschbach, J.M.S.** 68415 (7.3); **Hind, D.J.N.** 50028 (7.2), 50898, 50903 (6.4.), 50904 (7.2), 50939 (6.4.); **Jardim, J.G.** 754 (7.6), 1241 (4.1.), 1809 (7.5), 2536 (7.1), 2565 (6.4.), 2566 (7.2), 3979 (4.4), 4030 (4.8), 4095 (7.3), 4488, 4827 (4.1.); **Jesus, N.G.** 1482 (4.7); **Kochler, S.** 17 (7.6); **Laessoe, T.** 52305 (7.2), 52550, 52552, 52564 (6.4.); **Leite, K.R.B.** 82 (4.4), 165 (7.6), 227 (6.1.); **Lima, J.C.** 314 (7.6); **Lopes, M.M.M.** 600, 745, 1051 (4.5); **Lovo, J.** 72, 385 (7.6); **Lughadha, E.C.** 51050 (2.2); **Maas, P.J.M.** 6978 (7.3), 7002 (4.6); **Machado, M.** 124 (2.1); **Marinho, L.C.** 466 (6.4.); **Martinelli, G.** 5354 (7.6); **Martini, A.** 38 (7.5); **Matos, E.** 3345, 3346 (7.3); **Matos, E.N.** 217, 402, 1004 (4.7); **Mattos-Silva, L.A.** 493 (7.5), 1633 (7.6), 1735 (7.3), 1997 (4.7), 2937 (7.5), 3244, 3517, 3596 (7.3), 4116, 4139 (4.1.), 4551 (7.5), 4738 (7.3), 16122 (7.6), 17477 (7.5), 26999 (7.6); **Meireles, J.E.** 699 (7.6); **Melo, E.** 1660 (5.1.), 1735 (6.4.), 3002 (7.6), 3327 (6.4.), 3329, 3445 (7.5), 4716 (1.1), 5366 (6.4.), 6197 (1.1), 7929 (6.4.), 8584 (4.3.), 9416 (1.1), 15120 (6.4.); **Melo-de-Pinna, G.F.** 134, 135 (7.6); **Mendonça, R.C.** 1562 (7.4); **Miranda, E.B.** 963 (1.1); **Moraes, M.D.** 506 (7.2); **Mori, S.A.** 9543 (1.1), 9656 (4.7), 10048 (6.1.), 10159 (7.5), 10729 (7.6), 10849 (4.6), 10973 (4.7), 11772 (7.5), 13204 (7.6); **Neves, S.P.S.** 190 (7.2), 441 (6.2.); **Noblick, L.R.** 1616 (7.5), 1259 (6.4.), 2554 (7.5), 4257 (6.4.); **Nonato, F.R.** 864 (7.6); **Nunes, T.S.** 338 (7.6), 966 (1.1), 1412 (4.7); **Oliveira, P.N.** 108 (6.2), 109 (7.2), 112 (6.4), 113 (4.7.), 114 (4.6), 115 (7.3), 116 (4.4.), 117 (7.5), 118 (7.6.), 119 (7.5.), 120 (2.1.), 122 (1.1); **Oliveira, R.P.** 503 (2.1); **Orlandi, R.P.** 711 (7.6); **Paixão, J.L.** 1117 (7.5); **Passos, L.** 4959 (7.2), 5655 (7.6); **Paula-Souza, J.** 5075 (7.2), 9924 (1.1); **Perdiz, R.O.** 284 (4.5); **Pinheiro, R.S.** 1474 (7.3), 1823 (4.4), 2107 (4.7); **Pirani, J.R.** 51470 (6.4.), 7484 (6.1.); **Pirani, L.R.** 5404 (7.6); **Popovkin, A.V.** 153, 237 (7.5), 614 (2.1), 1122 (3.1.); **Queiroz, L.P.** 70, 343 (1.1), 403 (7.5), 656 (7.6), 1141 (4.7), 3496 (7.6), 4387 (6.2.), 4962 (7.2), 5132 (7.3), 5351 (7.5), 6460 (4.7), 6632 (7.5), 7693, 9330, 9396, 9746, 9771 (7.6), 12303 (1.1), 12307 (7.5), 13150 (7.6), 14443 (2.1); **Rapini, A.** 1319 (7.5), 1521, 2018 (6.4.); **Ravenna, P.** 3349 (4.8); **Ribeiro, A.J.** 45 (7.5), 47 (6.2.); **Ribeiro, P.L.** 90 (7.6); **Ribeiro-Filho, A.A.** 214 (5.1.); **Roque, N.** 3472 (6.1.); **Saavedra, M.M.** 929 (7.5); **Sano, P.T.** 14876 (7.2); **Santana, J.S.** 42 (4.7); **Sant'Ana, S.C.** 870 (4.4); **Santos, A.K.A.** 33 (6.4.); **Santos, F.S.** 78 (4.6), 268 (4.7), 284 (3.1.), 430 (7.3); **Santos, T.S.** 1924 (7.3), 1954 (4.6), 2731 (4.7), 3979 (7.3), 4386 (4.7); **Sellow** s.n. HUEFS 112416 (6.4.); **Senna, L.R.** 74 (6.4.); **Silva, N.C.B.** 56 (6.4.); **Silva-Castro, M.M.** 1202 (7.5); **Smidt, E.C.** 219 (6.4.), 257 (5.1.), 297 (7.2), 347, 348, 349 (5.1.), 604 (7.6); **Souza, E.B.** 1582 (1.1); **Souza, E.R.** 71 (7.6); **Souza, V.C.** 22661 (6.4.), 23003 (2.2), 5214 (7.6), 22682, 22694 (7.2), 22893 (7.6), 30726 (7.5); **Stannard, B.** 51099 (6.4.), 51774 (2.2), 51891 (7.6), 6888 (6.4.); **Stradmann, M.T.S.** 436 (7.2), 535 (4.7); **Thomas, W.W.** 9973 (4.7), 11230 (4.8), 13402 (4.4); **Vageler, H.** 948 (4.7); **van den Berg, C.** 949 (4.2.), 1009 (7.5), 1262 (7.4); **Vanilda, M.** 166 (4.7); **Vinha, S.G.** 71 (7.5), 166 (4.7), 219 (7.5); **Violati, L.G.** 248 (2.2); **Walter, B.M.T.** (7.2); **Xavier, A.B.** 230 (6.4.).